

LAP

VERITAS

LIBRARY OF PRINCETON
JAN 25 1988
THEOLOGICAL SEMINARY

REVISTA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO SUL
Pôrto Alegre — Brasil

SUMÁRIO

PROF. PEDRO JOSÉ DE SOUZA PIRES — A Economia e o mundo de hoje	3
PROF. MANFRED KUDER — Traços característicos da Literatura Juvenil	11
Pe. BALDUINO KIPPE S.J. — Os Papiros do Nôvo Testamento	19
Rev. JOHN M. CULKIN S.J. — La Televisión Educativa en los Estados Unidos	33
LEONIDAS H. B. HEGENBERG — Ciência e Bom Senso	51
PROF. GUILHERMINO CESAR — O Barroco e a Crítica Literária no Brasil	57
IRENE CECHIN — Superlativação na linguagem corrente...	71
PROF. LOURENÇO FILHO — Linguagem num romance paulista	93
PROF. IRIS STROHSCHOEN — Die personendarstellung in Thomas Manns "Tristan"	99

VERITAS

Publicação Periódica-Trimestral

EXPEDIENTE:

Diretor-responsável

Irmão José Otão

Secretário

Irmão Elvo Clemente

ADMINISTRAÇÃO

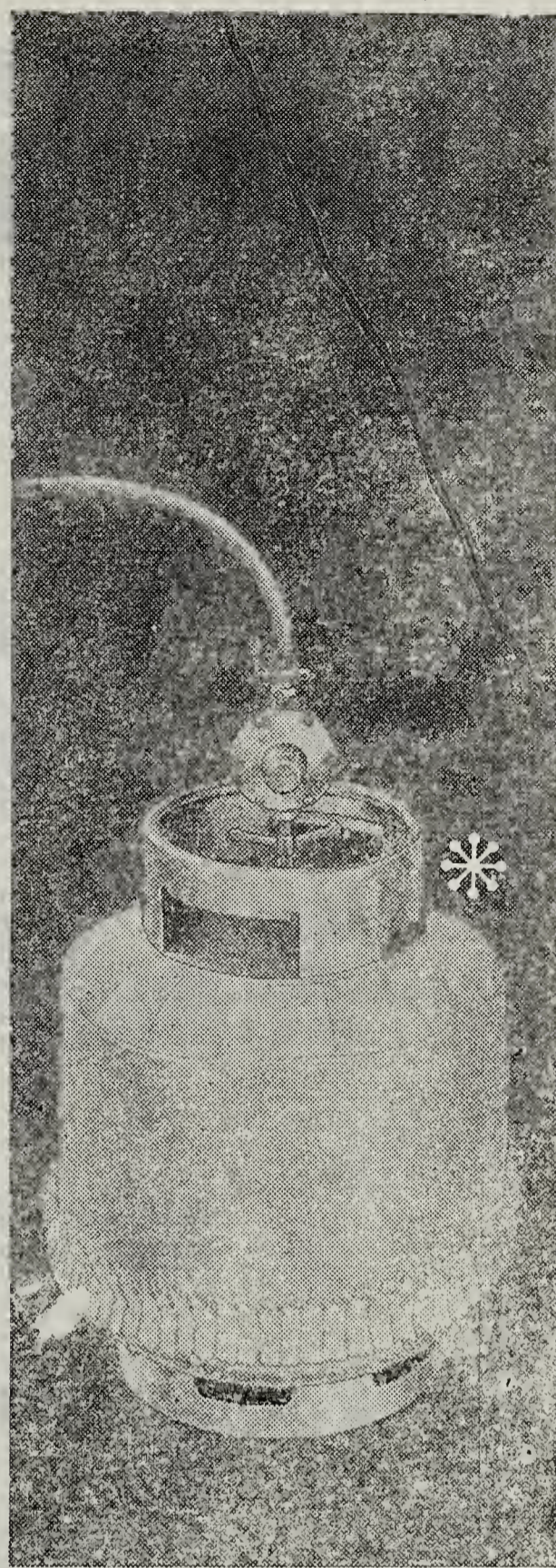
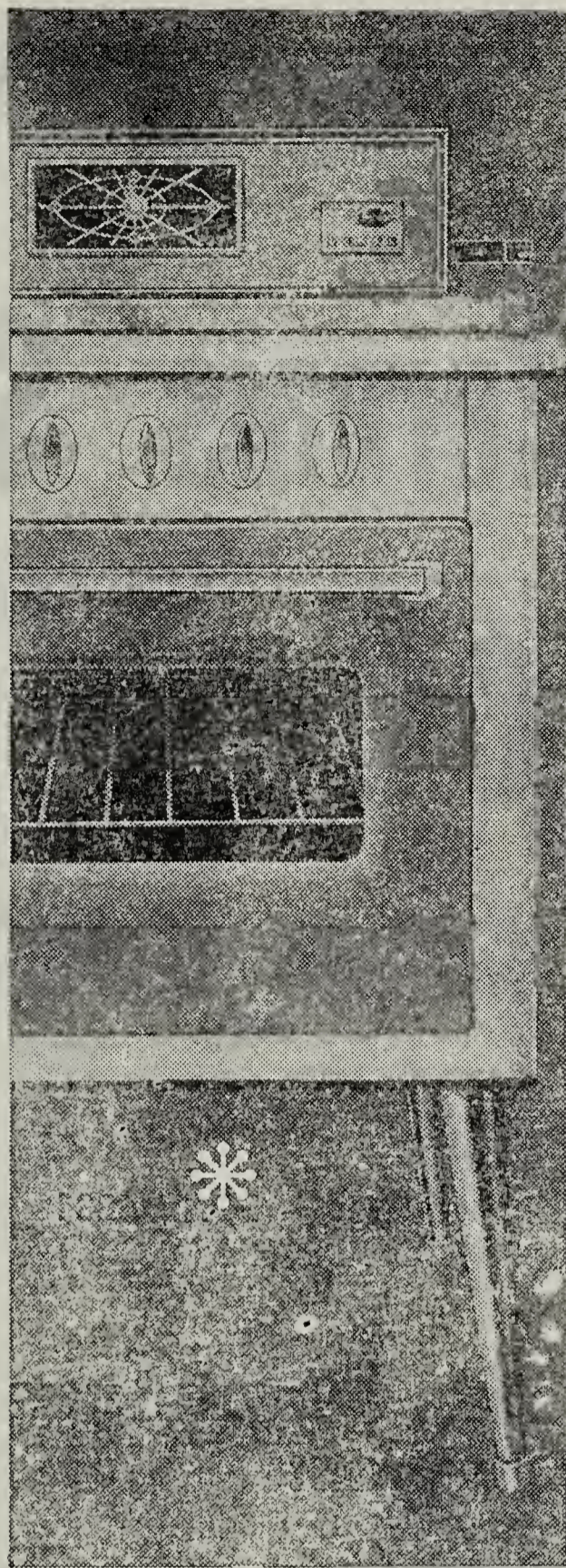
Pontifícia Universidade Católica do RGS — Praça Dom Sebastião, 2
PÔRTO ALEGRE (Brasil)

Preço anual	Cr\$	2.000,00
Número avulso	Cr\$	500,00
Exterior	US\$	2,50
Alunos da Universidade	Cr\$	1.000,00

Formas de pagamento: Vale postal, valor declarado ou cheque pagável em Pôrto Alegre.

EDITORA TIPOGRAFIA CHAMPAGNAT

Avenida Bento Gonçalves, 4314 — Pôrto Alegre



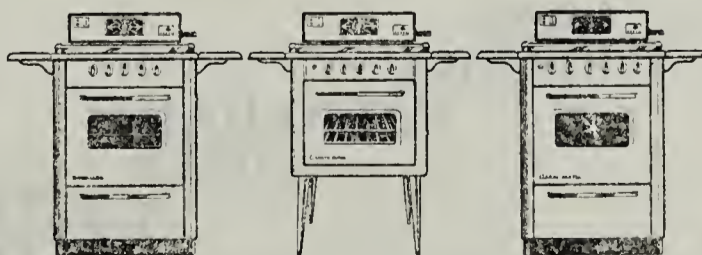
que perfeito!

* que bonito!

* que econômico!

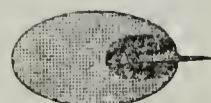
que fogão! (é GERAL)

Ponha um fogão Geral Cinquentenário no raic-X. Você verá a perfeita vedação de todo o seu gabinete com lâ de vidro. Por trás da beleza de suas côres, você verá a razão de Geral ser o fogão que mais economiza gas: seus queimadores recebem a porção exata do combustível, sem excessos. O rendimento é total - e a economia muito maior. E você concordara: Geral tem tôda a beleza por fora, e muita qualidade por dentro.



LINHA GERAL CINQUENTENÁRIO

• A QUALIDADE DENTRO DA BELEZA I



Lojas Geral: Rua Vol. da Pátria, 674 e Av. Senador Salgado Filho, 343 —

Laticínios e Cereais S/A

— Lacesa —

Usina de Laticínios

RUA JÚLIO DE CASTILHOS, 1348
FONE 14 — LAJEADO R.G.S.

Filial

AV. JÚLIO DE CASTILHOS
TRÊS PASSOS (R.G.S.)

Matriz

RUA DA CONCEIÇÃO, 376 — FONE 6231
INSCR. 4342 — PÔRTO ALEGRE (R.G.S.)

Fabricantes das Manteigas e Queijos:

CRUZEIRO DO SUL
MARAVILHA
ALTO TAQUARI
e LATICÍNIOS EM GERAL

Especializada em:

SALAMES
BANHA
BACALHAU
NOZES
AZEITES
OVOS
FRUTAS SECAS
COCOS
MEL

VERITAS

REVISTA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO SUL

TOMO XX

N.º 1



1964

Composta e impressa na EDITORA TIPOGRAFIA CHAMPAGNAT
Av. Bento Gonçalves, 4.314 — Pôrto Alegre

Brasil

VERITAS

1877

UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library



A ECONOMIA E O MUNDO DE HOJE

Prof. Pedro José de Souza Pires

Discurso de paraninfo dos bacharéis em Ciências Econômicas (dezembro de 1963)

Meditai mais uma vez conosco. Recordai-vos da frase de MERTS: "Economics are simple, but no easy". As Ciências Econômicas são simples, mas não fáceis. De economia todos entendem, poucos a sabem. Os fatos econômicos são condenados, aprovados, manipulados, condicionados, julgados e violentados com extrema leviandade quando não com manifesta má-fé.

Talvez nenhuma outra geração se tenha defrontado com tão vasta derrubada de preconceitos e privilégios.

A organização econômica sofre análises profundas por todos os setores. As mistificações, as deturpações, as anestésias tradicionais aplicadas às camadas populares não mais as consolam nem as acalmam. Contemplamos senões suportáveis, de soluções infelizmente proteláveis, porém, também, nos entestamos com deformações e inconveniências de estrutura que exigem tal urgência corretiva que as delongas poderão, a qualquer momento, nos envolver em explosões sociais incontrolláveis e de incalculáveis prejuízos.

Só os cegos não querem ver a expansão da geografia da fome e da sub-nutrição, da ignorância e da miséria com o seu corolário de desconforto, de primarismo de vida, de materialização do comportamento humano, de queda da moral coletiva. O problema de **matar a fome** — gigantesco problema — tem como solução, resume-se, para alguns grupos, em **matar de fome**. As massas, em geral apáticas, ordeiras, por quanto tempo resistirão a crescente escassez de alimentos básicos ou à continuação da sua obtenção a preços impossíveis? Aliada à fome de víveres, está a sede de justiça social!

Eis porque, meus caros afilhados, começam a ficar sôbre os vossos ombros, como economistas que sois, as responsabilidades desta etapa de metamorfose. Profundos desajustes existem visíveis na produção, na circulação, na distribuição, no consumo nacional.

Vivemos o círculo vicioso da má alimentação, má saúde, má trabalho, reduzida eficiência, baixa produtividade, má produção, má redistribuição da renda, má alimentação. Recomendo-vos e cada vez mais, as sábias lições dos professores Ragnar Nurkse, da Universidade de Columbia, de Gunnar Myrdal, da Universidade de Estocolmo, de Rostow, da Universidade de Massachusetts. Ninguém melhor do

que êles desceu ao âmago dos problemas das economias subdesenvolvidas, das nações pobres de capitais.

Conosco, passastes em revista, nesta pressa das aulas exíguas, os problemas financeiros específicos de política orçamentária, monetária, tributária, creditícia e cambial, naquilo que mais nos afligem. Aprendestes que a própria finança pública — manifestação imponente pelas cifras e objetivos que aglutina — começa e se fortalece pela finança individual, justifica-se pela finança familiar, ampara e estimula o espírito associativo, conjuga esforços federais, estaduais, municipais e até internacionais, na tarefa ingente de redistribuir, para o bem-estar dos povos, segurança e progresso das nações.

Dramáticas vivem as nossas leis de meios. Dominadas por pressões espúrias e utilizando a legislação tributária caricata e superada, não traduzem elas, tôdas as receitas adequadas e possíveis, forçando, nos desequilíbrios inevitáveis, os homens de govêrno às abdições de autonomia, quando não desmoralizações perante a opinião pública, trabalhada ou motivada, às mais das vêzes, por propaganda apressada, ingênua, sectária ou evidentemente mal intencionada.

Tais condições inferiores percutem na atividade privada: O homem de emprêsa, o homem do povo, nesta altura já não sabem distinguir se devem ser honestos para com os governos e seus Erários, ou se cabem somar-se à grande, crescente e prestigiosa legião de fraudadores, apenas para sobreviverem.

Vemos a moeda e o câmbio trabalhados externa e internamente por fatôres econômicos endógenos, mas também, onde a política internacional e de grupos brasileiros, mobilizam tôda a fôrça da inteligência e do dinheiro, todos os artifícios visíveis e invisíveis, para mantê-los dentro do gabarito dos interêsses privativistas, altamente nocivos.

E o crédito. O crédito que no passado, ainda não tão distante era temido e evitado por emprêsas e indivíduos, o crédito, então sinal de decadência a sua necessidade, hoje é procurado para tudo e por todos, padrão de honra quanto mais se possa obtê-lo sendo também, para o influente intermediário, razão de pingues e rendosas comissões e propinas.

O que não acontecia no pasado, a produção atual deve pagar tudo isso. Tudo isso entra no custo da produção, e ainda tem ela de dar lucros em percentagens muito maiores, as mais altíssimas, dada a mentalidade da época, plena de cobiça insofrida, gananciosa, ávida, monopolizadora.

Será que o nosso Brasil de hoje está merecendo uma paródia?

Contemos uma história da Renascença:

“Viveu outrora em Florença, uma fascinante mulher — Rossaura Montalbani. Era tão linda que, ao simples aparecer à

janela, o tráfego parava, as ruas enchiam-se, pois, todos ficavam a contemplá-la. Se saía às compras, os negociantes não cobravam, pedindo a sua volta. Mancebos se suicidavam pela impossibilidade de conquistar o seu amor. E outros duelavam sangrentamente, pelo direito de montar guarda à sua porta. Os pais dos jovens a levaram algumas vezes aos tribunais, mas os juizes ficavam tão empolgados pela sua beleza que a mandavam em liberdade. Até o jovem Duque, herdeiro do reino, chegara à loucura irrecuperável. Caixas e tesoureiros davam desfalques para oferecerem a Rosaura custosos presentese. Por ser demasiado bela não pôde viver em liberdade. Terminou por ser condenada à prisão perpétua, obrigada a usar cobrindo-lhe o rosto admirável, uma máscara em forma de caveira! O tempo passou. Muitos anos depois, já em liberdade, o nôvo Duque mandou-a vir à sua presença. Retirada a máscara, a bela florentina era uma outra mulher: pele fanada, olhos encovados. As suas célebres feições tinham tomado a forma da caveira!”

Quem passou os olhos nos ditirambos de Vaz de Caminha, Gândavo, Gabriel Soares de Souza, Rodolfo Garcia, Antonil, Vernhagem, Southey, Martius, Saint-Hilaire, Taunay, Capistrano, Calógeras, Afonso Celso? Todos — dos grandes só talvez à exceção de Tavares Bastos —, todos cantaram as grandezas, virtudes, as belezas do Brasil.

Lá está o otimismo de Gabriel Soares de Souza, na admirável descrição do Brasil de 1587:

“El-rei D. João III, de Portugal, que está em gloria, estava tão afeiçoado ao Estado do Brasil, especialmente à Bahia de Todos os Santos, que se viver mais alguns anos, edificara nele um dos mais notáveis reinos do mundo e engrandecera a cidade da Salvador de feição que se podera contar entre as mais notáveis de seus reinos; para o que ela estava mui capaz e agora o está ainda mais em poder e aparelho para isso, porque é senhora desta Bahia, que é a maior e mais formosa que se sabe pelo mudno; assim em grandeza como em fertilidade e riqueza”.

É de Bilac, o nosso grande poeta, o sonêto “Brasil” que começa por esta estrofe:

“Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!
Detém-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas...
Em carícias se muda à inclemência das vagas...
Êste é o reino da Luz, do Amor e da Fartura”.

E, no entanto... E apesar...

E, contraditòriamente, o Brasil, como Rosaura Montalbani, vai fazendo gerar a desunião interna, nos desentendimentos, nas vio-

lentas paixões políticas coroadas de sangue, nos egoísmos desvairados que o afastam da Democracia e ameaçam as liberdades públicas. Será que, vinda do fundo dos séculos, deva ressoar a voz de Vieira, nonagenário e mortificado, ao rei de Portugal:

“Das causas publicadas não digo a V. Mercê, mais que ser o Brasil hoje um retrato e espelho de Portugal, em tudo o que V. Mercê diz dos aparatos de guerra sem gente nem dinheiro, das searas dos vícios sem emenda, do infinito luxo sem cabedal e tôdas as outras contradições do juízo humano”.

Será que fizeram com a nossa pátria, o que praticaram com Rosa Montalbani? Está ela numa prisão? Colocaram uma máscara de caveira, para desfigurá-la?

Possivelmente, porque no Brasil não se falava, nem nas épocas coloniais, nem no Império, em populações famintas, subnutridas. Nos 1.ºs períodos republicanos, ressalvadas as sêcas nordestinas, as estiagem ou calamidades outras, o homem do povo e sua família encontravam com que alimentar-se e viver.

Por que agora, análises sociais alarmantes apontam em todo o país a fome e a subnutrição das populações humildes? Não é chocante? Será que o progresso e a civilização vão submergir-nos na noite dos imprevistos? O que nos adiantaram então, os avanços tecnológicos e científicos do mundo moderno a serviço do engenho humano, e pelos quais pagamos tanto, na desproporcional remuneração das exportações e importações, ou através da amortização e rendas altíssimas, de capitais recebidos do estrangeiro?

Pois nem se diga que a nação não trabalha... O Brasil apresenta aos olhos maravilhados do mundo, das maiores percentagens de aumento anual do Produto Nacional Bruto (PNB) que é a soma da produção global e dos serviços. Percentagens de 4, 5, 6, e 6,7%, ficam nos 3 e 4%. É ainda sabido que temos o maior efetivo de população totalmente ou quase totalmente improdutivo.

É desagradável constatar como país do porte do nosso, destas potencialidades, vê crescerem nos seus habitantes, os milhões de marginais votados às mais precárias condições existenciais.

As justificações possíveis não escondem a realidade: produzimos muito, mas os quinhões do esforço coletivo não se voltam equitativamente em benefício do povo.

Não é desalentador?

Não podemos deixar de reagir, até conseguir mudar o conceito da nossa civilização, feito por Gilberto Freyre, quando diz:

“Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido... um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura”.

Não podemos permitir que o Brasil continue — “O Brasil dos contrastes, o Brasil dos opostos”, como na expressão de Roger Bastide.

Ora, perante todos os problemas que nos assoberbam e angustiam na atualidade, e que são eternos apelos para nós economistas, êstes dois sobrepõem: o da fome e subnutrição crescente das massas humildes e a da ignorância e primitivismo de suas vidas.

Tentemos homologar explicação que não é nossa, mas que ganhou foros de jurisprudência pacífica nas manifestações gerais, nos altos concílios internacionais, nos congressos das nações interessadas, na ONU, na Unesco, no Gatt, na Cepal, etc.

Extremamente: estamos sendo, anualmente, exportamos cada vez mais barato, em moedas fortes, aquilo que aqui produzimos cada vez mais caro, em cruzeiros. Isso tudo agravado pela necessidade de amortização e pagamento das rendas de capitais estrangeiros aqui invertidos; manutenção da aparatosa representação burocrática e diplomática, civil e militar; atendimento de um turismo inconsiderado.

A inflação a que vivemos submetidos desde o Império, e que tudo desorganiza, esconde o crescente esbulho que sofremos impiedosamente, em benefício de nações poderosas, desenvolvidas, capitalizadas.

Está em todos os relatórios especializados. Está nos relatórios do Banco Interamericano de Desenvolvimento, com sede em Washington. Está no relatório do Banco do Brasil, como no exercício de 1962, **verbis:**

“... o persistente declínio dos preços de bens primários de exportação concorreu para o desequilíbrio verificado de aproximadamente US\$ 260 milhões, tomadas as importações em base CIF e as exportações pelo valor FOB”.

A velha Europa vem de realizar, na maior das negações do terrível preço da última guerra, o pavoroso sonho nazista de Hítler: “o espaço vital”, a “autarquia de nação ou região”, e, sob o comando da derrotada França, organiza o Mercado Comum Europeu, que vai obstaculizando o comércio conosco e com toda a América Latina, que nega até a entrada para a Inglaterra, a Inglaterra do “sangue, suor e lágrimas”, de Winston Churchill.

Sem capitais no exterior que por êle trabalhem e obtenham lucros, no intercâmbio externo, forçosamente, o salário do Brasil só pode ser o que o Brasil produz e exporta. E o Brasil, por mais que venha trabalhando, por mais que aumente a tonelagem exportada, vai sofrendo a redução da paga equivalente. Explicações podem ser arroladas e muitas. Nenhuma, porém, dá solução honesta ao problema.

Como fazer um pai de família cujo ordenado vai inapelavelmente descendo, enquanto tudo que compra vai subindo? E tendo de atender também os juros e rendas crescentes, de dívidas antigas ou de capitais que usa mas não lhe pertence. Só lhe resta, financeiramente, individuar-se cada vez mais, adotar a política de de "tapar buraco abrindo outros maiores", torturar-se, torturar a todos — "casa de pouco pão todos gritam ninguém tem razão" —; comprometer até a própria dignidade. Ou então — o que o Brasil também vem fazendo ir cuidando na prole somente dos filhos preferidos, deixando, progressivamente, como enjeitados, um têrço, metade ou mais deles, e, assim, votando-os à miséria, na mais feroz de tôdas as discriminações.

E internamente?

Internamente: a má redistribuição das rendas nacionais, não só entre os podêres públicos federais, estaduais e municipais, como entre as camadas sociais, nas quais encontramos, como sistema justo, aceito e defendido, as máximas disparidades: o máximo luxo, esnobismo, sofisticação e dissipação escarnecendo diuturnamente e tripudiando sôbre milhões de crianças que morrem de inanição, de pais e mães aos quais se nega o direito até de entrada nos armazéns de gêneros de primeira necessidade.

Destas duas fundamentais razões do abismo econômico e financeiro — os deficits orçamentários, as emissões fiduciárias, as delirantes majorações de preços —, chegamos às conseqüências sociais: a miséria e ignorância das camadas desamparadas, cujas necessidades de emprêgo e educacionais não podemos atender devidamente, gerando-se mentalidades conformistas ou submissas, revoltadas ou brutais, tudo de mistura com as modificações dos costumes, forçados aos mais licenciosos aproveitamentos, a custa de tôdas as abdições morais.

Como considerar, em quaisquer casos, as reivindicações sociais das massas populares, suscetíveis de soluções militares ou policiais, circunscrevendo-as com baionetas ou cassetetes?!

Será que, democráticamente, num apêlo de revisão de fórmulas e atitudes individuais e gerais, não poderemos ultrapassar o caos que as Cassandras prognosticam?

Um grande morto, cuja base física ainda não se dissolveu, e de quem as idéias jamais se dissolverão, tombado criminosamente na sua infatigável predicação, John F. Kennedy, deixou, em alto relêvo, na "Estratégica da Paz", esta frase lapidar:

"Hoje, como nunca antes, centenas de milhões de homens e mulheres que aceitavam outrora ser a estóica resignação em face da fome, da doença e da ignorância, o melhor que se podia fazer, tornaram-se animados da nova idéia de que estão ao alcance da mão os meios com os quais poderão criar para êles próprios uma vida melhor".

E por que os homens não se confraternizam, seguindo o exemplo deixado pelo maior Papa dos nossos tempos, JOÃO XXIII, na aplicação prática das suas duas tão grandes encíclicas — "MATER ET MAGISTRA" e "PACEM IN TERRIS"?

Meus prezados afilhados!

Vivemos o ciclo do grande desafio! O Brasil, coberto de vergonha nas estatísticas mundiais, recusa-se a continuar a ser pátria onde a fome, a ignorância, a desorganização, o despreparo, a ineficiência, o desentendimento, as injustiças, os crimes econômicos e sociais, assentaram suas praças, construíram seus arraiais.

Não mais queremos ser o Brasil do futuro! Queremos ser o Brasil do presente!

A mocidade, por todo o país, assume a liderança dêste improrrogável movimento!

Integrais a Grande equipe de técnicos que, por todos os quadrantes, arma a nação, de sacrifício em sacrifício, para as grandes batalhas da reconstrução.

Estamos certos, nós os vossos mestres, pais, parentes e amigos, que ireis para o campo da ação com aquela coragem com que, nas noites de tempestades, de chuvas, de ventos, de frio, nas horas de saúde combalida, não faltastes às chamadas na Faculdade; com esta mesma moral com que fugistes das atrações e solicitações sociais para dedicardes as horas de lazer, e de descanso, ao estudo, à meditação, aos trabalhos escolares.

Convosco, irá o Brasil dar êste passo à frente!

Iremos agir, custe o que custar, doa a quem doer, destrua-se o que fôr imprescindível, construa-se sempre e incansavelmente. Mas que se faça, o quanto antes, porque o tempo urge e as ondas começam a empinar-se, sacudidas até por ventos que não são os nossos, e que não vão com a nossa maneira de viver e crer.

A mocidade sempre foi o sagrado aríete com que se destruíram as bastilhas do môfo, da vergonha e da estagnação humanas. Ela toma posição; ela cresce e se fortalece visivelmente. Possui, na sinceridade e na pureza, intuição quase divinatória. Não se deixará enganar, nem aceitará o desvirtuamento dos seus ideais! Nem se deixará escravizar! Nem se deixará padronizar! A sua luta é a luta à luz do sol, ao sol das liberdades humanas, liberdade que é e será apanágio do continente americano, liberdade que tem sido a bandeira do Brasil.

Sêde nacionalistas: cuidai dos interêsses da pátria, do vosso Estado, do vosso grupo, da vossa família. Defendei-os fervorosamente. Mas, não percais o sentido de Democracia, a idéia de humanidade. Cairu, a primeira manifestação da nossa economia soberana — patrono dos economistas brasileiros —, abriu os portos do Brasil a tôdas as nações do mundo. Mauá — o menino órfão de Arroio Grande —, o patrono dos economistas desta Casa, grande entre os maiores, matou-se no sonho gigantesco de fazer o Brasil construir-se para si mesmo e para tôdas as nações amigas.

TRAÇOS CARACTERÍSTICOS DA LITERATURA JUVENIL

Prof. Manfred Kuder

Universidade de Bonn

O livro destinada à juventude, considerado como factor espiritual da nossa vida cultural e como obra literária, bem assim como importante fator pedagógico no desenvolvimento do indivíduo adolescente, ainda não encontrou a devida atenção. Esta falta deve-se talvez, ao fato de se considerar êsse livro como sendo um assunto alheio à literatura pròpriamente dita, um assunto "que só diz respeito a crianças". Mas também como fenómeno da história do espírito ainda não se dedicou suficiente atenção ao livro juvenil, apesar do grande interêsse com que, desde o princípio do século, nos ocupamos de tôdas as exteriorizações da vida infantil.

A importância que o livro realmente tem para a juventude, exige que não o consideremos, exclusiva ou preponderantemente, sob o aspecto da psicologia evolucional; êle tem um reflexo intelectual e espiritual de larga envergadura. Na última Feira do Livro alemão que se realizou em Frankfurt em Agôsto passado, 8 por cento de tôda a produção livreira da República Federal da Alemanha, incluindo todos os livros técnicos, científicos de distracção, eram livros destinados à juventude. Foram editados e reimpressos 1.356 livros juvenis; contando com uma tiragem média mínima de 5.000 exemplares, atingiu-se a cifra total de 6 milhões e setecentos e oitenta mil livros que apareceram no mercado e cujo valor de venda ao público atingiu a bonita soma de 22 milhões de marcos alemães, ou sejam mais de 150 mil contos em em moeda portuguêsã. E isto é apenas a produção de um ano. O importante papel que esta espécie de livros desempenha no intercâmbio intelectual entre os povos ou, talvez, em prol dum estreitamento dos laços culturais entre os povos, demonstra-o o fato de terem atingido 14% de todos os livros estrangeiros que foram traduzidos para alemão.

Êstes números são uma prova evidente de que a juventude de hoje não é indiferente ao livro e do afinco com que ela se dedica à leitura.

A importância e o caráter da leitura juvenil transformaram-se profundamente nos últimos dois decênios: O livro juvenil, antigamente encarado essencialmente como meio educativo, é hoje muito mais um meio de formação e um grande auxiliar que leva a juventude à compreensão do mundo e a orienta na realidade da existência. Por

esta razão devemos exigir que se devem inteirar dos problemas da literatura juvenil todos aquêles que estão em convívio com a juventude, especialmente os pedagogos. Eles devem observar com olhos críticos o que lê a geração que lhes está confiada.

Quais são as características e em que consistem os problemas do livro destinado à juventude?

Como em todo o ato de leitura, existe também na leitura para os jovens uma polaridade entre o leitor e a palavra formada e materializada no livro. A leitura é uma conversação, cuja maior parte está a cargo do Autor. Mas não é um monólogo, porque o leitor deve seguir o "fio da conversa", com boa ou má vontade, concordando ou discordando, examinando ou aceitando sem crítica, mas sempre levado pelas ideias do autor, vivendo os pensamentos dele e acompanhando-os. E, dêste modo, ativa-se a fantasia de uma maneira muito singular.

O leitor também pode introduzir na leitura algo da sua própria imaginação, conforme a sua maneira de ser. Fantasia vivida, tensão, emoção, impressões sentimentais, subordinação de sentimentos e outros fenômenos psicológicos pertencem ao complexo da leitura, igualmente as impressões estéticas e as sugestões de verdade e valor, bem como a completa ou parcial ausência de atividade própria.

Ao leitor é solicitado o pensar, o aprofundar, o compreender acontecimentos e caracteres, os seus procedimentos e respectivos motivos, o combinar e o associar ações. De todos êstes elementos, o leitor ativo constrói o "Mundo" do seu livro. Podemos sempre observar — quer nas crianças, e quer ainda mais nos adolescentes — como a leitura se transforma para êles realmente numa "aventura espiritual e intelectual".

Do encontro com o livro nasce no jovem leitor uma tensão, um desejo muito pessoal e muito especial. Desenvolve-se um tipo de leitor com as suas próprias características que estão em relação com a estrutura psicológica e determinada idade, idade esta a que chamamos a "idade da leitura". Uma das peculiaridades dessa tensão é o fato de o leitor estar numa época de transformação permanente que se efectua a pequenos passos, quase imperceptíveis, num desenvolvimento contínuo. Sob êste aspecto a juventude não é somente um modo específico de existência, mas também a passagem através de um determinado período de existência. Se bem que a Infância e a Juventude tenham o seu próprio valor intrínseco, elas estão simultâneamente em correlação com a sua maturação e maioridade. E por esta razão, o livro da mocidade deve ter o seu caráter especial.

Nos últimos vinte anos transformou-se a situação interior da juventude e, com ela, operou-se também uma alteração na posição do livro como elemento dinâmico no mundo dos jovens: A juventude de hoje espera que o seu livro lhe sirva como estrêla que a norteie na confusão do ambiente que seja para ela como que um

“mentor” que a ajude a resolver e familiarize com os complicados problemas da hora presente.

O livro juvenil que facilita a conquista da vida, tem uma missão especial neste mundo hodierno, em que a multiplicidade das impressões da vida altamente civilizada, sobrecarrega seriamente a capacidade perceptiva das crianças e das adolescentes. E, nestas condições, devemos compreender a grande influência dos livros que trazem o conhecimento da vida e que assistem ao jovem na conquista espiritual e intelectual do mundo objetivo e subjetivo por meio de uma leitura ajustada à sua idade e à sua capacidade de percepção.

Haverá sempre poetas com o dom de encontrar e de saber formar matéria que abra à juventude os caminhos que a levem sempre à sua educação. Mas estes caminhos devem atravessar o vasto campo do presente, cuja interpretação é um dos elementos essenciais da vida juvenil. Não é verdade que todo o jovem quer encontrar-se uma vez, a si mesmo, no livro, quer reconhecer-se no herói da sua leitura? Mas, até o poeta nato, tem hoje dificuldades nos seus esforços para alcançar a realidade, na compreensão da verdadeira imagem do mundo, dos seus aspectos cada vez mais problemáticos e também na compreensão da geração dos novos. O problema não preocupa somente o poeta, preocupa igualmente todos os editores. Com a grande ânsia de leitura que têm os rapazes e raparigas de hoje, crescem a tarefa e as responsabilidades.

Apresentando perante o jovem leitor uma vida formada, o livro para jovens interpreta-lhe a própria vida e presta diretamente assistência e auxílio ao seu desenvolvimento, dá-lhes sugestões e impulsos para a formação da sua personalidade. A motivação que se lhe oferece servirá de base para a sua própria motivação, os personagens que animam o livro atuam como exemplos no espírito do jovem leitor e servem-lhe, concretamente, como padrões da existência humana.

A par disso, é um traço característico desta espécie de livros, a antecipação da experiência da vida que eles facultam. Com poucas exceções, quase todos os livros juvenis ultrapassam nos problemas e nas resoluções apresentadas por intermédio das suas personagens e das suas ações, a real capacidade de resolução dos adolescentes. Na aceitação do livro juvenil e dos destinos humanos nele formados, o jovem leitor aceita no seu interior as resoluções dos heróis, vive-as e antecipa-as ao seu próprio desenvolvimento. Sabemos que é um sintoma essencial da nossa civilização o efectuar em larga escala tais antecipações. A continuidade da cultura está estreitamente ligada a essas antecipações. Ela desenvolve exemplos, padrões de atitudes para a formação da vida e das resoluções, tipos ideais que servem de exemplos e orientação nas suas próprias ações e influenciam a finalidade da sua própria vida. Estes livros dão ao jovem leitor experiência do mundo e da vida. É uma particularidade dessa experiência o antever o futuro. O livro juvenil

visto assim, não é somente um companheiro, mas também um "educador" e um "pedagogo" do adolescente.

Nisto baseia-se o efeito negativo da literatura de baixo nível assim como a força positiva e a virtude do bom livro infantil.

Do alargamento da experiência da vida procurado no livro resultam dois tipos dos referidos livros: o livro do conhecimento da vida (que expõe e explica as relações humanas) e o livro do conhecimento das coisas (que enriquece os conhecimentos referentes ao mundo real que nos rodeia). Veremos que os leitores, conforme a sua idade e maneira de ser, dão preferência a um ou a outro destes dois tipos de leitura.

É muito diversa a proveniência literária dos livros lidos pelas crianças e pelos adolescentes, e a nossa enumeração dos seus traços característicos somente se pode referir aos tipos principais:

- a) livros que, por assim dizer, emanaram da vida das crianças e do convívio entre crianças e adultos;
- b) obras que não foram creadas expressamente para a juventude mas que têm a sua origem na idade juvenil dos povos e por isso se coadunam com a maneira de pensar e compreender dos menores (Contos, fábulas, lendas heróicas, sagas, etc.);
- c) uma seleção da grande literatura dos povos, cujos trechos sob o ponto de vista educativo são idôneos para a formação da juventude;
- d) refundições e adaptações de grandes obras da literatura mundial, cujo conteúdo e cuja forma abrangem muitos valores adequados à compreensão infantil, mas que no seu texto original ultrapassam essa compreensão ou não se podem considerar próprios para crianças (adaptações do "Robinson Crusoe", os contos de peles vermelhas de Couper, as fantasias das "Mil e uma noites", contos de David Copperfield, etc.);
- e) obras expressamente creadas para a juventude, como narrativas, pequenas peças dramáticas, livros descritivos e outros que podemos chamar literatura infantil específica, mas cuja problemática ainda está por resolver.

Tratadas a missão especial e o fundo moral do livro juvenil, devemos inquirir da sua feição específica. Como todo o livro, também o juvenil é caracterizado pela linguagem; o estilo e a matéria, numa palavra, o conjunto. Qual a característica que deve ter a preferência no livro juvenil, e qual a que o crítico do livro juvenil deve preferir na atribuição de valores? Ouvidas as minhas exposições até aqui, pode-se julgar que a preponderância caiba à matéria. Mas também não devemos descuidar da linguagem e do estilo.

O livro juvenil é em primeiro lugar uma obra da língua.

Há muitas camadas de linguagem (Sprachschichten) conforme a maneira de nos exprimirmos.

Cada um de nós varia freqüentemente a camada de linguagem em conformidade com o motivo da comunicação, o seu conteúdo, e com a pessoa que nos está a ouvir. No decurso da nossa vida passamos por diversas camadas de linguagem, cada um de nós de uma maneira diferente, fazendo essa evolução parte da nossa maturação intelectual e espiritual. Na "linguagem própria da idade", isto é, na maneira de se exprimir que corresponde a uma determinada idade da criança ou do adolescente, temos uma "camada específica de linguagem". Linguagem de criança e linguagem de adulto, cada uma tem o seu sentido próprio e a sua própria razão de ser. A linguagem da criança não é a linguagem incompleta dos adultos, ela é, em si mesma, uma expressão válida e completa do mundo intelectual da criança, dêsse mundo que se alarga, aprofunda e cada vez mais se ilumina, na mesma proporção em que cresce na criança a possibilidade de exprimir o que exterior e interiormente a anima. Passando de degrau em degrau na vasta gama das camadas de linguagem, camadas essas que entre si estão dependentes, a criança alcança finalmente a camada de linguagem dos adultos, com as suas diferentes "nuances". O livro juvenil, portanto, não pertence pura e simplesmente à língua, ao idioma em que está escrito, mas sim a uma determinada linguagem própria da idade.

O termo "idade da leitura" tem assim dois significados: Determina o período destinto no desenvolvimento da criança, ao qual corresponde um grau de maturação e uma linguagem definida, e define a "compreensibilidade" de um livro, a qual depende especialmente da ação nela exposta e da motivação.

São, portanto, dois fatores a observar no livro juvenil que deseja entrar nas graças do seu leitor: a língua e sua apresentação, e a compreensibilidade da matéria: ambos os fatores devem coadunar-se na mesma "idade da leitura". Não só a matéria, mas também a linguagem deve corresponder à idade juvenil, sendo indiferente tratar-se de crianças de 6 anos ou de adolescentes de 16 anos. O indivíduo jovem só pode compreender e apreender o que para êle é assimilável interiormente. O que ultrapassa êsses limites, não é assimilado e perde-se mais tarde ou mais cedo. Assim compreendemos a exigência de que o livro juvenil deve falar uma linguagem imitada do mundo dos jovens e da sua maneira de expressão: a linguagem própria da idade:

Examinando cuidadosamente a linguagem dum livro inteiro, evidencia-se que o autor o coloca numa determinada "camada de linguagem" e com esta localização torna-se aparente a situação do livro também na escala de valores. Por exemplo: Não são raros os livros juvenis em que toda a ação se desenvolve sempre com grande brutalidade. Ao autor não satisfaz o desenvolvimento natural e modesto da ação, êle exagera-a sempre até ao sensacional. Temos uma desvalorização do humano a par com uma "desindividualização" das personagens. Estas reagem perante as situações em que são colocadas, de uma maneira automática e forçada. Perde-se a

responsabilidade, quase mecânicas, de seres impessoais. Não há nestes casos motivação individual, nem ação claramente delineada, nem personagem bem retratada.

Em livros juvenis de outro gênero, bem pensados e bem formados, vemos na expressão ao lado dos acentos fortes, também os sons intermédios: A palavra é realmente a chave de todo o conjunto do Mundo e da Alma. A ação é mais diferenciada, sabe apresentar a diferenciação individual na maneira de agir das personagens. E nestes livros a ação é muito mais tensa e cheia de surpresas, porque as figuras não reagem conforme um esquema previamente estabelecido, mas sim consoante as solicitações concretas da vida. O jovem está entregue, quase sem proteção e sem defesa, aos efeitos da linguagem da sua leitura predileta, porque o estilo e a expressão entram inconscientemente no seu caráter, imprimindo-lhe o seu cunho de atitudes e valores. É esta a razão do grande perigo que oferecem aos jovens as leituras de baixo valor e de mau gosto.

O livro juvenil tem sempre uma finalidade especial que determina a forma da sua expressão. Temos dois grandes grupos bem distintos: o livro narrativo, com as suas diferentes espécies e que está sujeito às leis da narração em geral, e o livro descritivo, com os seus diferentes campos de conhecimentos e em que prevalece uma linguagem clara, precisa e objetiva. Demos ligar grande importância ao estilo e à expressão adequadas quando apreciamos literatura infantil.

A experiência ensina que o jovem também se dedica à leitura movido por interesses que se referem à matéria, procurando experiência e interpretação da vida que lhe sejam adequadas. Deseja conhecer uma parte ou um determinado sector do mundo. Por esse motivo devemos distribuir as idades da leitura não somente consoante a linguagem mas também em relação ao interesse sempre em evolução pelas coisas reais. Muitas vezes faz-se essa distribuição restritamente partindo só da matéria, e a psicologia da leitura caracteriza as idades da leitura por meio de algumas obras que são típicas para a respectiva fase: a idade do Struwpeter, a idade dos contos de fadas (Volksmärchen), a idade "Robinson" e a idade já indicada para todas as espécies de literatura. Uma terminologia mais diferenciada, a estético-literária, caracteriza as idades de leitura, pondo em relação a matéria exposta com a atitude perante a vida da respectiva idade, atitude essa cuja reflexo é a linguagem apropriada. Desta forma é o grande conjunto de todos os fatores que nos indica a forma de leitura mais característica para uma idade: Temos assim os seguintes graus:

A criança passa primeiramente pela fase inicial de convívio com o livro que é a brincar e estragando os objectos concretos. É a idade em que se contemplam os livros de bonecos e se ouvem as narrações ou leitura feitas pelos adultos. São as crianças de 2 a 5

anos de idade que assim apreciam os livros de bonecos, os contos de fadas, as pequenas poesias infantis, canções e rezas.

Segue-se a fase de leitura de contos, uma fase receptiva e de simples coleção de impressões por que passam as crianças dos 5 aos 8 anos. A audição de leitura é lentamente substituída pela leitura própria. (Contos de fadas, pequenas narrações infantis, lendas, contos de animais e de plantas, poesias, jogos e canções infantis).

A terceira fase é acentuadamente objetiva. As crianças de 8 a 10 anos conquistam o mundo das coisas e desejam aprofundar os seus conhecimentos adquiridos pela simples contemplação, examinando, discriminando e compreendendo as novas impressões. A leitura própria substitui a audição (Sagas, lendas heróicas, descrições simples de viagens, contos infantis, livros sobre animais e plantas, livros simples de assuntos técnicos, livros de trabalhos manuais).

Enquanto o interesse prático, que predomina claramente nas primeiras idades da vida, se conserva na sua eficácia, subsiste para todo o desenvolvimento até ao mundo dos adultos; no fim da infância e no início da juventude, o interesse literário ganha terreno no próprio homem.

Na pré-puberdade o interesse pelos assuntos humanos cresce e ultrapassa pouco a pouco o interesse pelos assuntos objetivos até então predominantes. Coincide a alteração com a crise da pré-puberdade. Esta crise representa um aspecto parcial da mudança dos incentivos humanos que concorre para o predomínio definitivo do humano sobre o objetivo. Começa o jovem a procurar no livro especialmente o encontro como os homens sem, por enquanto, os poder compreender psicológicamente, tratando-os ainda como se fossem objetos susceptíveis de serem colecionados ou divididos em partes ou abrangidos e coligidos como uma adição de qualidades. O interesse no homem cresce tempestuosamente e leva a uma fase de verdadeira fúria de leitura que é temporária e orientada para o sensacional e aventureiro. Na idade de 11 a 13 anos predomina nas raparigas o sentimental e nos rapazes o heróico (aventuras, livros desportivos, livros técnicos, alguns romances e literatura de raparigas). Com esta ânsia de encontrar o humano, tanto na vida como no livro, que é típico da idade da pré-puberdade, cresce também o interesse pela humanidade do próprio leitor, se bem que este interesse ainda não abranja as relações psicológicas. É um traço característico desta idade de leitura, que podemos chamar "extra-estética", até aos 13 anos, a falta completa de compreensão para a poesia lírica.

A fase de leitura da pré-puberdade que fecha o ciclo dos 2 até aos 13 anos, significa um ponto culminante do interesse literário objetivo e da atitude objetiva perante o livro.

Com o início da puberdade, o adolescente alcançou a maturação necessária para observar psicológicamente os homens e o seu Ego. O desenvolvimento nas raparigas é mais rápido do que nos rapazes e isto manifesta-se também na diferente escolha de leitura.

O adolescent éprôcura o fundo humano dos outros para servir a sua própria maturação. A leitura é absorvida e assimilada com independência. O livro forma-o e educa-c moral, religiosa, intelectual e esteticamente. Esta fase, dos 14 aos 16 anos, é o prelúdio da leitura literária (romances históricos, novelas, baladas, dramas, narrações e contos literários).

Na puberdade, dos 17 aos 20 anos, acrescentam-se as biografias, o romance, a poesia filosófica, lírica e religiosa. Crescem a olhos vistos o interêsse pelo teatro e a própria alegria de representar, podendo inclusivamente nascer e desenvolver-se fortemente a própria capacidade de produção literária.

Devemos portanto distinguir dois grandes setores na capacidade emotiva da vivência estético-literária: a atitude extra-estética dos 2 aos 13 anos (crianças, idade escolar e pré-puberdade) e a atitude que começa aos 14 anos para se fortalecer na adolescência e subsistir no adulto.

Os problemas do livro juvenil são comuns a todos os povos civilizados.

A compreensão dos livros juvenis — que por exemplo, facilmente se nos oferece na Biblioteca Juvenil Internacional, instalada em Munique com o apoio dos Estados Unidos — demonstra claramente os esforços dos diversos povos pela qualidade do livro juvenil. As nações auxiliam-se mutuamente e preenchem as lacunas da sua produção nacional com traduções, o que também se faz na Alemanha em larga escala, sobretudo traduções ou adaptações dos países nórdicos e anglo-saxões, como também se enriquece a literatura juvenil em Portugal.

Iguaímente o livro juvenil, tal como a literatura dos adultos apresenta os traços característicos dos povos e o seu intercâmbio contribui para uma compreensão mútua.

Infelizmente, ainda não atingiram grande amplitude as apreciações comparativas das literaturas juvenis.

Desde que dediquemos mais interesse a êstes assuntos, teremos maiores probabilidades de resolver, em comum, os problemas inerentes à literatura juvenil.



OS PAPIROS DO NÔVO TESTAMENTO

P. Balduino Kipper S. J.

Aula inaugural do Instituto Deus Sapiencia, em março de 1963. (1)

O primeiro passo para o estudo e leitura frutuosa da S. Escritura é ter um **bom texto**, preferivelmente o texto original, ou então uma tradução fiel, baseada no texto original. Uma vez que todos os textos autógrafos do Nôvo Testamento pereceram no decurso dos tempos, devemos, para constituir o nosso texto, recorrer às cópias dos textos autógrafos. Ora no caso do Nôvo Testamento estas cópias dos textos originais são extraordinariamente numerosas: Em 1960 se contavam ao todo **2774 códices** (de pergaminho), dos quais 241 maiúsculos ou capitais e 2533 minúsculos ou cursivos (2); note-se, porém, que dos códices maiúsculos, que são os mais antigos e portanto mais valiosos, só 53 são completos (3). Além dos códices há **1838 leccionários** ou livros litúrgicos com trechos neotestamentários (4). O texto do N.T. nos é atestado ainda indiretamente pelas **versões antigas**: latinas, siríacas, cópticas, etiópica, armênia, geórgica, gótica e árabes. Também milhares de **citações** dos escritores eclesiásticos e S. Padres nos conservaram numerosos textos do N.T. Finalmente, a partir do século passado, uma nova classe de testemunhos diretos e indiretos entrou em cena: **os papiros**, dos quais nos ocuparemos em seguida.

Vemos portanto que a atestação do texto do N.T. é excelente, sobretudo se confrontada com outras obras antigas célebres: assim p. ex. da Ilíada de Homero apenas temos 2 códices maiúsculos (A do séc. 10.º e B do séc. 11) e fragmentos do séc. 5.º, (5), ao passo que do N.T. temos 241 e destes uns 53 completos; tôda a obra do poeta latino Catulo nos é conservada em 2 códices do século 14, cópias do então descoberto códice de Verona que logo se perdeu (6). Com a atestação do texto do N.T. apenas se podem comparar a Vulgata e S. Tomás: Gregory em 1909 contava 2472 códices da Vulgata (7), mas Kenyon em 1941 afirma que os manuscritos da Vulgata são sem conta e que se acredita existirem dela mais de 8000 na Europa (8); em 1961 Dondaine orçava em mais ou menos 4000 o número de manuscritos de S. Tomás (9).

O papiro

Mas venhamos aos papiros do N.T. O nome "**papiro**" é oriundo do grego "**pápyros**", latim **papyrus**, que deu o nosso "papel", o francês "**papier**" e o alemão "**Papier**"; designava originariamente tanto a planta, da qual se preparava este material de escrita (*Cyperus Papyrus* L.), como o próprio material de escrita e o documento ou texto escrito neste material. O papiro era uma planta muito comum nos terrenos algadiços do antigo Egito, especialmente no Delta, e ainda hoje se encontra no Sudão, na África Central tropical, Etiópia, nas regiões superiores do Nilo Branco, no lago Tchad e na região do Niger; também se encontra ainda na Sicília; mas já há muitos séculos desapareceu do Egito. No Sudão alcança 25 pés ou 7 metros de altura, no Egito alcançaria uns 8 a 10 pés ou 2 a 3 metros de altura (10).

Plínio o Velho, que achou a morte na erupção do Vesúvio no ano 79 d. Cr., na sua obra **Naturalis Historia** (13, 11-13) nos descreve o preparo do papiro como material de escrita. Baseando-se nestas informações os estudiosos modernos nos descrevem o processo da seguinte maneira: Os caules de 3 a 5 cms. de grossura eram cortados e transportados em feixes às oficinas. Lá se lhes tirava a casca ou cortiça externa; então o tecido fino ou miolo era cortado horizontalmente com um instrumento apropriado de metal em tiras mais ou menos compridas, conforme as dimensões que se queriam dar à "folha". Em seguida estas tiras finas eram batidas com uma espécie de marreta para lhes dar a mesma espessura. Então punham estas tiras uma ao lado da outra, até alcançarem a largura desejada da folha. Para reforçar este material de escrita bastante frágil, ao menos com o andar do tempo, duas tiras ou camadas eram aplicadas e colocadas uma sobre a outra em ângulo reto. Desta maneira no verso (**recto**) as fibras corriam em sentido horizontal, ao passo que no reverso (**verso**) corriam em sentido vertical (11).

Fôlhas para usos comuns tinham cêrca de 12 a 13 cm. de largura e 22 a 28 cm de altura; mas fôlhas que se destinavam a usos mais importantes, p. ex. para escritos sagrados, às vêzes tinham a altura de 40 a 45 cm. Colando tais fôlhas uma na outra, podiam obter-se papiros de comprimento considerável. Uma dimensão muito comum dum rôlo ou volume de papiro eram 20 fôlhas coladas uma na outra, podendo alcançar 10 a 20 pés (3 a 6 metros) de comprimento; mas conhecemos papiros com 123 pés ou 37 metros e o Grande Papyrus Harris n.º 1 tem mesmo 133 pés ou 40 metros de comprimento (12).

O papiro com material de escrita esteve em uso no Egito já a partir do 3.º milênio a. Cr. e se difundiu largamente em todo o mundo mediterrâneo. Como já vimos, faziam-se **rolos ou volumes**, colando as fôlhas uma à outra, e mais tarde também: se fizeram **códices**, i. é várias fôlhas eram dobradas, formando cader-

nos, e então eram ligados entre si. Embora decrescendo aos poucos, o uso do papiro se manteve até o séc. 10.º d.Cr. (13). Era o material de escrita mais comum do tempo de N.S. e podemos tomar como certo que S. Paulo e os demais epistológrafos do N.T. se serviram deste material (2 Jo. 12 o diz expressamente: "com **papel** e tinta"), o mesmo fazendo provavelmente os outros autores do N.T. Eis a razão mais plausível, porque os manuscritos originais ou autógrafos do N.T. se perderam tão depressa.

Descobertas de papiros

Deivando de parte os papiros encontrados em 1752 em Herculano (perto de Nápoles), a primeira grande descoberta se fêz em 1778 no **Fayûm** (a uns 130 Km a SW do Cairo); mas deste lote de 50 volumes só um se salvou, indo parar nas mãos do Cardeal Stefano Borgia que o mandou imprimir no mesmo ano (14).

No decênio que medeia entre 1815 e 1825, foram encontradas várias séries de documentos, principalmente em Mênfis e Tebas; em 1821 foi comprado o primeiro papiro literário, u m volume com o livro 24 da Ilíada. No último quartel do séc. 19, a partir de 1877, foram feitos achados numerosos e importantes em Arsínoe, Heracleópolis e Hermópolis, Fem 1889 Flinders Petrie encontrou papiros nas cartonagens de múmias em Gurob perto do Fayûm (15).

Tôdas estas descobertas de papiros eram mais ou menos casuais e pela maior parte eram fruto de buscas clandestinas ou feitas por não-especialistas. Foi só no inverno de 1895-96 que foi empreendida a primeira exploração sistemática ou **excavação científica** de papiros no N do Fayûm pelos ingleses Hogart, Grenfell e Hunt. Os mesmos Grenfell e Hunt em 1896-97 fizeram achados riquíssimos nas ruínas da antiga cidade de **Oxyrhynchus**; entre outras coisas encontraram os célebres "Logia Jesu" (Ditos de Jesus). Os mesmos dois inglêses ainda levaram a cabo 5 outras excavações no mesmo sítio (até 1907) e em outros. Outros inglesês, francêses, alemães e italianos exploraram igualmente o Fayûm e outras cidades antigas do Egito com resultados felizes. Isto durou até a primeira guerra mundial. Também os nativos continuaram com suas explorações muitas vêzes abusivas e ilegais (16).

Os exploradores sistemáticos concentram a sua atenção principalmente nas ruínas de casas de cidades ou vilas antigas, nos montes de lixo na periferia destas cidades, os quais por vêzes alcançam 10 metros de altura, e nas necrópoles. Já vimos acima, como Flinders Petrie encontrou muitos e valiosos papiros nas cartonagens de múmias; em Tebtunis Grenfell e Hunt fizeram mesmo descobertas interessantes em múmias de crocodilos, em cujas bocas e outras cavidades tinham sido metidos papiros (17).

Em todos êstes lugares vieram à luz dezenas de milhares de papiros que foram enriquecer os grandes museus da Europa e da América do Norte e do Cairo (18).

Conteúdo dos papiros

Quanto ao conteúdo distinguem-se principalmente **papiros literários e não-literários**. Entre aqueles avultam as obras de **autores clássicos gregos**, quer já conhecidas, quer descobertas de novo, como as de Píndaro, Safo, Sófocles, Eurípedes, Timóteo, Platão, Aristóteles e sobretudo **Homero** (19).

Os papiros não-literários abrangem principalmente documentos oficiais ou públicos, e particulares, como leis, editos, atas oficiais ou judiciárias, recibos de taxas, inventários, e por outro lado **cartas de todos os tipos e variedades**, contratos, convites, contas, apontamentos, exercícios escolares, receitas médicas, fórmulas mágicas etc. etc., afinal tudo o que se pode encontrar em papéis que se costumam jogar no lixo.

Os papiros não-literários, além de serem muito interessantes e importantes para a história do direito antigo, geografia histórica, **paleografia grega**, têm uma importância extraordinária para o estudo e conhecimento do N.T. e dos inícios do cristianismo; pois nos informam minuciosamente sobre o ambiente social, econômico, familiar e religioso dos tempos de Cristo e além disto nos mostram que a **Koiné**, a língua dos livros do N.T., é bem a língua comum e popular empregada naqueles séculos. Foi em base a estes papiros não-literários que **Adolf Deissmann** pôde publicar a sua famosa obra "Licht vom Osten" 1923" (traduzida em inglês com

o título: Light from the Ancient East 1912), na qual ilumina admiravelmente muitas passagens, episódios e vocábulos do N.T.

Papiros do Novo Testamento

Mas as descobertas de papiros também contribuíram diretamente para o estudo do texto do N.T., vindo a constituir-se uma classe dos testemunhos do texto ao lado dos códices de pergaminho, leccionários e versões antigas. Pois assim como foram descobertos numerosos papiros com texto da versão dos Setenta (21), mais numerosos ainda foram os papiros com textos do N.T. grego, sem falar dos papiros contendo assim chamados "Logia Jesu" ou ditos de Jesus e textos bíblicos cópticos (22).

Número, tempo de origem, conteúdo geral dos papiros do N. T.

Em 1961 Victor Martin e Rodolphe Kasser publicaram em Cologny-Genebra o Papyrus Bodmer XIV-XV, fazendo assim subir o número de papiros néo-testamentários a 75. De então para cá se tornou ainda conhecido o P 76, pequeno fragmento do séc. 6.º que contém apenas Jo 9.12 e se conserva na Biblioteca Nacional de Viena. Entretanto é preciso notar que os Papiros 33 e 58 procedem dum mesmo manuscrito e o mesmo vale dos papiros 64 e 67; logo

do número 76 devemos subtrair 2 números, ficando portanto um total de 74 papiros. Estes últimos dados foram coligidos da lista recém-publicada dos manuscritos do N.T. por K. Aland. 76 (respetivamente 74) papiros é um número bastante impressionante, quando se sabe que em 1909 Gregory só registrava 14 (23).

A idade ou **tempo de origem** oscila entre os séculos 2.º e 7.º/8.º; um cálculo, embora baseado em indicações cronológicas nem sempre certas, mostra que destes 76 papiros 45 remontam aos séculos 2.º a 4.º! (24), quer dizer que mais da metade são contemporâneos e mesmo anteriores aos códices Vaticano e Sinaítico (i. é séc. 4.º, respetivamente 4.º/5.º)! Um papiro (P 52) é mesmo 200 anos mais velho que o Vaticano e dois outros 150 anos (P 66 e P 75). Já por êstes confrontos vê-se como são importantes os papiros do N.T.

Quanto ao **texto que nos preservaram**, é preciso dizer que na maioria dos casos se trata de fragmentos de capítulos, às vêzes mesmo de poucos versículos. Mas também há papiros que apresentam capítulos inteiros de texto e mesmo livros completos ou quase completos, como veremos mais adiante. No estado atual dos papiros constata-se que dos 27 livros do N.T. nada menos de **26** estão representados nos papiros, com textos mais ou menos extensos; só de 2 Tim ainda não temos atestação nos papiros. Logo até de escritos tão breves como as cartas a Filêmon, 2.ª e 3.ª de S. João e Judas já temos papiros.

Quanto ao **modo de citar** os papiros nos estudos de crítica textual prevaleceu o sistema introduzido em 1909 por C.R. Gregory: são representados por um P maiúsculo com um expoente (25), logo P 1, P 66, P 72 etc.

Alguns papiros mais importantes

Papyrus Rylands ou P 52

Temos antes de mais nada o P 52 ou Papyrus Rylands, publicado em 1935; é apenas um pequeno fragmento de 8,9 x 6 cm. que cabe na palma da mão e contém somente algumas palavras ou sílabas de Jo 18, 31-33-37-38 (diálogos de Pilatos com os judeus e Jesus no processo de Jesus). Mas a importância deste fragmento vem do fato de ser o texto manuscrito grego mais antigo do N.T., uma vez que segundo o editor data do séc. 2.º e provavelmente de 150, data esta apoiada por outros especialistas (26). Não apresenta lições variantes ou incomuns. Vemos pois que o quarto Evangelho, escrito apenas pelo fim do 1.º século, provavelmente em Éfeso, na Ásia Menor, já poucos decênios depois era conhecido e copiado no Egito. E note-se que a Escola de Tübingen no século passado repunha a composição deste Evangelho mais ou menos no ano 170! (27). Agora, em consequência da publicação do P 52 mesmo Bultman nestá convencido "que o Evangelho de João deve ter sido conhecido no Egito pelo ano 100" (28).

Os papiros de Chester Beatty: P 45, P 46 e P 47

O colecionador americano-inglês Chester Beatty (29) adquiriu no Egito, nos anos de 1931 a 1936, 11 ou 12 códices de papiro; todos êles, exceto um, contêm textos bíblicos gregos do Antigo e Nôvo Testamentos. Três destes códices contêm largos trechos do N.T.: são P 45, P 46 e P 47 e datam do século 3.º.

P 45 abrange fragmentos de 30 fôlhas dum códice dos Evangelhos e Atos, sendo que os Evangelhos seguem a ordem Mt, Jo, Lc, Mc. De **Mc** há trechos mais ou menos compridos dos cc. 4-9.11-12; é o único papiro que nos dá textos de Mc. Também apresenta largos trechos dos **Atos** cc.4-17 (30). Seja lícito apresentar uma lição interessante do P 45 em Lc 14,5: Jesus está num sábado na casa dum dos principais fariseus; entre os presentes está um hidrópico; Jesus pergunta, se neste dia se póde curar. Êles calam. Jesus então cura o hidrópico e para justificar o seu proceder diz: "Se um vosso **burro** ou boi cair num poço, não o tirareis logo no sábado?" Assim reza o texto da nossa Vulgata latina e da maior parte dos códices gregos. Mas o códice B (Vaticano) e alguns poucos outros, em lugar de "burro", em grego ÓNOS, lêem "filho" = HYIÓS. Ora a mesma lição apresenta P. 45. Vê-se que no caso os copistas dos outros códices ou trocaram HYIÓS por ÓNOS por serem grãficamente parecidos, ou talvez melhor, deixaram-se influenciar pelo contexto, ajuntando "boi" com "burro", pois "filho" com "boi" parecia menos óbvio ou conveniente.

P 46 compreende ao todo 86 fôlhas dum códice das **epístolas Paulinas** (mas sem 2 Tes e Pastorais): conservam-se **completas** (com pequenas lacunas): Hebr, 1 e 2 Cor, Ef, Gál, Flp, Col, e **fragmentárias**: Rom 5, 17 em diante, 1 Tes. É portanto o códice de papiro mais completo do N.T.: ao todo 66 capítulos completos, sem falar dos fragmentos (31). Note-se a seqüência um tanto estranha de Hebr entre Rom e 1.2. Cor. Além disto os peritos de crítica textual observam que, apesar de êste papiro preceder de cêrca século e meio aos nossos grande códices unciais, contudo apresenta no conjunto o mesmo texto, que é também o das nossas edições críticas, e isto apesar do seu grande número de variantes (32).

Finalmente P47 contém **Apocalipse** 9, 10 — 17, 2, logo seis capítulos completos, mais alguns fragmentos (33).

Papyrus Bodmer II ou P 66

Causou não pequena sensação entre os especialistas a publicação deste papiro ou antes da sua primeira parte, em 1956 (34), pois tratava-se dum códice que continha duas terças partes do Evangelho de S. João (cc.1-14), quase sem lacunas (35), e remontava mais ou menos ao ano 200 como data média. Naturalmente com base apenas na paleografia é difícil indicar data exata. Um perito achou que se teria originado entre 150 e 250; mais recentemente Hunger

propôs uma argumentação cerrada a favor da antiguidade do papiro, afirmando resolutamente: "Eu considero... não apenas legítimo, mas mesmo necessário colocar o P 66, senão já na primeira metade, ao menos no meio do 2.º século" (36).

Logo tanto por causa da sua antiguidade como por causa da grande extensão de texto que conserva, êste papiro é de grande importância e por isso não admira que provocasse uma série de estudos nas revistas especializadas (37).

Quanto ao texto o nosso papiro omite 5, 3b ("que esperavam a agitação da água" e 5, 4 (o anjo que agita a água da piscina de Batesda); omite igualmente a narração da adúltera (7, 53-8, 11). Mas com isto o papiro não apresenta novidade, pois em um e outro caso os códices mais antigos, como o Vaticano, o Sinaítico e a primeira mão do códice palimpsesto de Efrém também omitem estas passagens.

Variantes interessantes temos-las em 4, 6 e 7, 52. Na primeira passagem temos: Jesus, cansado da caminhada, sentou-se sem mais **epì tè pègé**, o que costuma traduzir-se "junto à fonte (ou poço)" ou "sôbre a beira do poço". Ora P66 com o códice 1241 em vez de **pègé** = fonte, lê sômente **gé**, "terra" ou "chão"; logo Jesus se sentou ou estava assentado simplesmente no chão. Esta variante tem certa chance de ser original, pois por um lado a expressão **epì tè pègé** no sentido de "junto à, perto da fonte", não é a mais comum (por isso uma corrente da tradição textual a mudou em **parà tè pègé**) e por outro lado **pègé** poderia ter sido escrito, por engano, por algum copista, porque justamente antes (no verso 6a) já se falou da **fonte** (**pègé**) de Jacó e em tôda esta narração ela está no centro da atenção; logo **gé** poderia ter passado para **pègé** (38).

Outra variante igualmente interessante e muito importante temos em 7, 52: Os sumos sacerdotes e fariseus respondem assim à observação corajosa de Nicodemo: "Porventura também és da Galiléia? Perscruta (as Escrituras) e verá que da Galiléia não se levanta **profeta!**" Ora P 66, à semelhança da versão saídica, faz preceder do artigo o termo "profeta" (39), logo **ho prophétes**, e com isto o sentido muda muito. Pois "**o profeta**" não significa nenhum dos antigos profetas de Israel, mas sim o profeta por excelência, talvez Moisés redivivo, que deveria preceder ou acompanhar ao Messias (Jo 1, 21 7, 40), ou então, segundo outra concepção, seria o próprio Messias (Jo 6, 14).

Papyrus Bodmer VII - VIII ou P 72

Êstes dois papiros, editados em 1959 por M. Testuz e atribuídos por êle ao séc. 3.º, contêm as epístolas de Judas e as duas de Pedro; é a primeira vez que elas aparecem em papiros. O texto da epístola de Judas é completo e parece geralmente próximo do códice Vaticano.

As cartas de S. Pedro têm paginação própria no papiro (1-36) e só apresentam meia dúzia de lacunas de algumas letras. Segundo o editor o texto apresenta grande acôrdo com a versão boáirica e a siríaca e com o códice Vaticano; isto vale especialmente da segunda carta (40).

Papyrus Bodmer XVII ou P 74

Além destes papiros Bodmer VII e VIII, em 1961 foi publicado o Papyrus Bodmer XVII ou P 74 que contém o texto quase completo dos Atos e, em estado fragmentário, as epístolas católicas: Tiago, Pedro, João, Judas (40 bis); logo para as epístolas de Pedro e Judas agora temos uma segunda atestação nos papiros e para a 2.^a e 3.^a de S. João a primeira atestação!

Este último papiro é do século 6.^o ou 7.^o; (41) portanto é ainda bastante antigo, quando se sabe que o célebre códice de Beza com seu texto curioso é do século 6.^o.

O editor R. Kasser nota o grande esforço que o amanuense fêz nos Atos para não ceder ao "itacismo" (41 bis): a princípio atendeu valentemente, tanto assim que 21 vêzes até escreveu "ei" em vez do simples "i"; só errou 61 vêzes, grafando "i" por "ei". Mas entre 21, 27 e 22, 5 começou a sentir o cansaço e de lá em diante escreveu 171 vêzes "i" por "ei" (42).

Datando, como foi dito, do séc. 6.^o ou 7.^o, o texto é oriental e as lições próprias, exceto uma, são secundárias. Esta exceção, "a pérola do manuscrito", é **synanachythénai** (At 11, 26), que poderia ser a lição original (43).

Papyrus Bodmer XIV-XV ou P 75

As riquezas da Biblioteca Bodmeriana parecem inexauríveis: Apenas dois anos após a publicação do P 72 e no mesmo ano que o P 74 saíram dois novos volumes, igualmente interessantes e importantes, Papyrus Bodmer XIV-XV, os quais receberam a sigla P 75 (44). Contêm completa ou parcialmente Lc. 3-17.22-24 e Jo 1-15 (45); logo o conteúdo de P66 aquí se repete em grande parte. Os editores colocam o papiro entre os anos 175 e 225 com as reservas de sempre. Havia 25 fôlhas inteiras e numerosos fragmentos; destes os editores conseguiram reconstituir 21 fôlhas mais ou menos completamente; de outros fragmentos reconstituíram em parte 5 fôlhas, resultando portanto ao todo 51 fôlhas dum códice que teria inicialmente 144 páginas (46).

O texto de P 75 mostra muita afinidade com o do códice Vaticano (47). Isto aparece p. ex. pelo fato de P 75 omitir Lc. 22, 43-44 (suor de sangue de Jesus) e a perícopa da adúltera (Jo. 7, 538, 11), trechos êstes omitidos igualmente pelo códice Vaticano e outros muitos.

A título de curiosidade citamos ainda Lc 16, 19: na parábola do homem rico e do pobre Lázaro também se dá o nome daquele,

a saber "Neúes" (48). Este nome já era, de resto, conhecido pela versão saídica na forma "Nineue" = Nineve, e por alguns escólios de códices (36, 37 etc.) e escritores medievais (49).

Os papiros e a crítica textual do N. T.

A importância destes testemunhos do texto do N.T. não deriva do mero fato de serem escritos em papiro, mas sim da sua antiguidade. Pois como já vimos, dos 76 papiros atualmente conhecidos, 45 remontam aos séculos 4.º, 3.º e 2.º, e todos os outros não são posteriores aos séculos 7.º/7.º, logo todos êles se classificam entre os testemunhos diretos mais antigos do texto do N.T., sendo anteriores ou contemporâneos de 65 códices unciais que Merk usa na edição (dos 104 unciais que usa ao todo).

Entretanto a antiguidade dos papiros quase sempre é prejudicada pelo fato de serem muito fragmentários ou lacunosos, pois a maior parte dêles, e também os mais antigos, constam de poucas fôlhas ou mesmo de meros fragmentos de fôlhas; os mais extensos são os 3 Chester Beatty (P 45-47) e os Bodmer (P 66.72.74.75).

Mas a boa qualidade do texto não resulta somente da antiguidade da sua atestação, mas depende principalmente da competência do copista e da bondade do texto-base de que se serve. Por isso p. ex. os P 59.60.61 apresentam um texto egípcio admiravelmente puro, sempre afim ou correspondente ao dos unciais mais antigos (50), apesar de serem do século 7.º/8.º.

A grande contribuição dos papiros à crítica textual do N.T. foi mostrar que o texto dos grandes códices unciais dos séculos 4.º e 5.º já circulava no Egito um século e mesmo um século e meio antes e que portanto o texto destes códices e também o nosso texto atual, que se baseia principalmente neles, é substancialmente fiel, pois tanto êstes códices como os papiros contemporâneos e anteriores apresentam essencialmente o mesmo texto. Mas uns e outros atestam igualmente um grande número de variantes, e os papiros por sua vez confirmam a existência das principais variantes já no século 2.º (51).

É que os papiros antigos já mostram certa mistura de textos, i. é não representam apenas, como seria de esperar, dada a sua proveniência quase exclusiva do Egito, o tipo de texto chamado "neutro" ou egípcio ou hesiquiano, mas atestam também, embora mais raras vêzes, o tipo chamado "ocidental", p. ex. nos Atos (P 29.38.48) (52); nos Evangelhos o Chester Beatty (P 45) apresenta uma mistura de lições do tipo B ou "neutro" e D ou "ocidental". Também o Bodmer II (P 66) parece ser um tipo mixto. Neste ponto os papiros vieram confirmar o testemunho das antigas versões (Latina e siríaca antigas) e das citações patrísticas a favor da existência de ao menos dois tipos de textos a partir do século 2.º (53).

Logo os papiros, mesmo os dos séculos 2.º, 3.º e 4.º, e ainda os mais extensos dêles, como os Chester Beatty e Bodmer, não trou-

xeram nem trarão mudanças sensacionais ou substanciais ao nosso texto do N.T. — ainda bem! —; o que sim fazem é contribuir a sua parte de material para a história quanto possível completa do texto do N.T., que é um dos meios essenciais para chegar ao texto original (54).

NOTAS

- 1) Este trabalho foi lido, com pequenas omissões, na Pontifícia Universidade Católica de Pôrto Alegre, no dia 7 de março de 1963; para a publicação foi ligeiramente retocado e atualizado.
- 2) K. Th. Schäfer, *Der Ertrag der textkritischen Arbeit am Neuen Testament seit der Jahrhundertwende*, *Biblische Zeitschrift* 4 (1960). 6. Agora, após a publicação da novíssima lista dos manuscritos N.T. por K. Aland (*Kurzgefasste List der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments*, Berlin 1963) a conta terá de ser a seguinte: uns 224 códices maiúsculos e uns 2610 códices minúsculos, perfazendo pois um total duns 2834 manuscritos do N.T. Mas nesta lista também entram os códices perdidos ou extraviados.
- 3) A. Vaccari, *Institutiones Biblicae*, Roma 1951, p. 260 (mas só conta, para 1950, cêrca de 212 códices unciais). Também êste número deveria ser atualizado segundo a lista de Aland.
- 4) Schäfer, *Biblische Zeitschrift* 4 (1960) 6. Na novíssima lista de Aland ocupam 1997 números, devendo-se porém notar que não poucos números ficaram livres.
- 5) B. M. Metzger, *Journal of Biblical Literature* 65 (1946) 343; apud Pauly-Wissowa, *Real-Encyclopädie der klass. Altertumswiss.* Bd. 9, (1896) 1053. Mas cf. adiante a nota 19!
- 6) Coleman-Norton, *Catholic Biblical Quarterly* 12 (1950) 444 n. 22.
- 7) *Textkritik des N.T.* III, Leipzig 1909, 1335-43, citado por Höpfl-Leloir, *Introductio Generalis in S. Scripturam*, Neapoli-Romae 1958-6, p. 383 n. 2.
- 8) Fr. Kenyon, *Our Bible and the Ancient Manuscripts*, London 1941, p. 174; em nota acrescenta que o número de 2472 manuscritos de Gregory não pretende absolutamente ser exaustivo.
- 9) Em *Archiv für Geschichte der Philosophie* 43 (1961) 179.
- 10) A. Deissmann, *Light from the Ancient East* 1911-2, p. 22-22; L. Keimer, *Papyrus*, em *Egypt Travel Magazine* (Cairo), N.º 26 (1956), p. 23 (o autor é professor de egitologia); J. Baikie, *Egyptian Papyri and Papyrus-Hunting*, London 1925, p. 16; *Encyclopaedia Britannica* 17 (1957) 246.
- 11) Keimer, loco cit. p. 27; Baikie, loco cit. p. 16-23; *Encyclop. Brit.* 17, 247 (é um artigo muito instrutivo, escrito por um especialista).
- 12) Baikie, op. cit. p. 17-18.
- 13) B. Botte, *Papyrus Bibliques*, *Dictionnaire de la Bible*, Supplément VI (1960) 1109; *Encyclop. Brit.* 17, 247-248.
- 14) Baikie, op. cit. p. 36-37.

- 15) Encyclop. Brit. 17, 244; Baikie, op. cit. p. 231-37.
- 16) Encyclop. Brit. 17, 244; Baikie, op. cit. 237-251.
- 17) Encyclop. Brit. 17, 244; Baikie, op. cit. p. 237.
- 18) Encyclop. Brit. 17, 244-45. Em 1930 G. Milligan nos informa que já havia cerca de 10 mil documentos de papiro publicados (The Vocabulary of the Greek Testament. Part VIII, p. X).
- 19) Encyclop. Brit. 17, 245; Baikie, op. cit. 235-36.241.249.259-262. Já em 1932 se contavam 288 papiros da *Iliada*, e das 15693 linhas da edição de Wolf, 13207 estavam representadas nos papiros (Metzger, Journal of Biblical Literature 65, 1946, 343.344 e nota 18).
- 20) Sobre Deissmann e alguns exageros seus ver A. Charbel, em Revista de Cultura Bíblica 4 (1960) 52-56. Sobre a luz que os papiros projetam sobre a linguagem do N.T. pode ver-se também G. Milligan, The Vocabulary of the Greek Testament. Part VIII, London 1930, p. XIII-XX.
- 21) Ver B. Botte, Papyrus Bibliques, Dict. de la Bible, Supplément VI (1960) 1109-11.
- 22) Botte, loco cit. 1111; Baikie, Egyptian Papyri and Papyrus-Hunting, London 1925, 239.252ss.
- 23) Textkritik des N.T. III, Leipzig 1909, p. 1084-92, citado por Botte, Dict. de la Bible, Suppl. VI, 1112.
- 24) K. W. Clark afirma que hoje nós possuímos cerca de 25 cópias de papiros do N.T. escritos "as early as A. D. 300" (Novum Testamentum 5, 1962, 17). Não sei em que princípio se baseia; eu tomei por base as indicações cronológicas de K. Aland, Kurzgefasste Liste der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments, Berlin 1963, p. 29-33) e de B. Botte no Dict de la Bible, Suppl. VI, 1113-18, as quais por sua vez se baseiam em Maldfeld, Zeitschrift für Neutestamentliche Wissenschaft 42 (1949) 242-253, e 43 (1950/51) 260s etc.
- 25) Botte, loco cit. 1112.
- 26) A. Merk, Biblica 17 (1936) 100-101; P. Benoit, Revue Biblique 45 (1936) 269-72.
- 27) apud E.-B. Allo, Dict. de la Bible, Suppl. IV (1948) 838.
- 28) Das Evangelium des Johannes, 1953, p. 203 nota 4.
- 29) Sir Alfred Chester Beatty nasceu em 1875 em Nova York; é diretor de empresas de mineração; viveu muitos anos em Londres e em 1933 tomou a nacionalidade inglesa; vive agora em Dublin (Leloir, em La Venue du Messie, 1962, 255-60).
- 30) Botte, loco cit. 1116; Maldfeld, Zeitschrift für Neutestamentliche Wissenschaft 42 (1949) 249-50.
- 31) Botte, loco cit. 1116.
- 32) P. Benoit, Le Codex Paulinien Chester Beatty, Revue Biblique 46 (1937) 60-61.
- 33) Botte, loco cit. 1116.
- 34) Papyrus Bodmer II. Évangile de Jean chap. 1-14. Publié par Victor Martin, Cologny-Genève, Bibliotheca Bodmeriana. Um Supplément ao Évangile de Jean, chap. 16-21, foi publicado em 1958.

- 35) A maior lacuna é 6, 11-35.
- 36) H. Hunger, Zur Datierung des Papyrus Bodmer II (P 66), Anzeiger der phil.-hist. Klasse der Oesterr. Akademie d. Wiss. 1960) n.º 4, 12-23, citado por Duplacy, Recherches de Science Religieuse 50 (1962) 251, e Internationale Zeitschriftenschau für Bibelwissenschaft und Grenzgebiete VIII 1961-62, n.º 19. Mas Duplacy na nota 16 acrescenta que um papirólogo muito competente estaria disposto a colocar o P 66 no século 4.º!
- 37) Eis alguns destes estudos: Collins, Cath. Biblical Quarterly 20 (1958) 57-58.281-89; Zimmermann, Bibl. Zeitschrift 2 (1958) 214-43; de Au-sejo, Estudios Eclesiásticos 34 (1960) 907-28; Massaux, Sacra Página I (1959) 194-207; Schelkle, Theolog. Quartalschrift 137 (1957) 160-67; Teeple-Walker, Journal of Bibl. Literature 78 (1959) 148-52; Filson, Biblical Archaeologist 20 (1957) 54-63; Boismard, Revue Biblique 64 (1957) 363-198; Braun, Rev. Thomiste 57 (1957) 79-84; Brinkmann, Scholastik 32 (1957) 399-410; Kipper, Rev. de Cultura Bíblica 1 (1957) 114-18.
- 38) Boismard, Rev. Biblique 64 (1957) 397.
- 39) Idem, ibid.; assim se confirmaria a conjetura de Owen, assinada por Nestle ad locum.
- 40) M. Testuz, Papyrus Bodmer VII-IX... Cologny-Genève 1959; ver J. Duplacy, Recherches de Science Relig. 50 (1962) 246.252-53; Botte, Dict. de la Bible, Suppl. VI, 1118.
- 40 bis) R. Kasser, Papyrus Bodmer XVII... Cologny-Genève 1961.
- 41) Brill's Weekly 686 n. 6 (22.7.1961); Cath. Biblical Quarterly 24 (1962) 173.
- 41 bis) "Itacismo" se chama o vício de pronunciar como *i* não sói mesmo, mas também *ei*, a letra éta (= é longo), *oi*, *y* *yi*). Logo "Amén" é pronunciado "Amîn".
- 42) M. Brändle, Orientierung 27 (1963) 35.
- 43) P.-H. Menoud, Rev Théol Phil 12 (1962) 107 (resumo em New Testament Abstracts 7, Fall 1962, n. 50, p. 18).
- 44) V. Martin-R. Kasser, Papyrus Bodmer XIV-XV. Évangile de Luc et de Jean, 2 vols., Cologny-Genève 1961.
- 45) Mais precisamente: Pap. Bodmer XV contém quase integralmente Jo 1-5 e 8-9, ao passo que fragmentos de folhas, alguns bem pequenos, contêm partes dos cc.6-7 e 10-15 (Porter, Journal of Bibl. Literature 81, 1962, 365).
- 46) Martin-Kasser, op. cit. Tome I, pg. 9; J. Duplacy, Recherches de Science Religieuse 50 (1962) 255-56.
- 47) É o parecer dos editores e também de Duplacy (Recherches... 50, 1962, 257-59); o mesmo pensa Clark, (Novum Testamentum 5, 1962, 24 sub 7) e Porter: Êste colecionou o texto de Jo de P 75 com o do códice Vaticano (B) e, deixadas de parte as variantes meramente gramaticais (itacismo, n final etc) e erratas evidentes só poucas são significativas, modificando o sentido. Por outro lado o códice Sináítico difere de P 75 ao todo 702 vêzes, o códice Washingtonense dos Evangelhos (W) 506 vêzes, e P 66 difere

512 vezes, embora não contenha tanto texto para confronto como B S W. Logo esta simples comparação numérica demonstra cabalmente a semelhança relativa de B com P 75 e evidencia ainda que entre B e P 75 existem as relações mais estreitas de afinidade de tôdas as que existem entre os manuscritos mais antigos.

As 205 diferenças entre B e P 75 aparecem ainda mais nítidas, quando se constata p. ex. que 33 se referem ao uso do artigo, 27 se referem à ordem ou seqüência das palavras, 30 apresentam variações no uso das conjunções, 25 são variações no tempo e modo dos verbos.

Finalmente há numerosas lições em que o único apôio manuscrito são P 75 e B. Logo o texto de B é essencialmente o mesmo que o de P 75 (C. L. Porter, Papyrus Bodmer XV (P 75) and the Text of Codex Vaticanus, *Journal of Bibl. Literature* 81, 1962, 367-74).

- 48) Martin-Kasser, op. cit. Tome I, p. 119.
- 49) *Journal of Bibl. Lit.* 81 (1962) 400. Num texto latino do séc. 3.º vem como nome *Finæus*, e Prisciliano o chama *Phinees*; e ainda ocorrem outros nomes (*Journal of Bibl. Lit.* 1962, 400-401).
- 50) Maldfeld, *Zeitschrift für Neutestamentliche Wissenschaft* 43 (1950/51) 261.
- 51) Botte, *Dict. de la Bible, Suppl. VI*, 1120.
- 52) Maldfeld, *Zeitschrift für Neutestamentliche Wissenschaft* 42 (1949) 247.248.250; Botte, op. cit. 1114. 1116.
- 53) Botte, op. cit. 1118-20; quanto ao texto de P 66 veja-se especialmente M.-E. Boismard, *Le Papyrus Bodmer II*, *Revue Biblique* 64 (1957) 363-398; H. Zimmermann, *Papyrus Bodmer II und seine Bedeutung für die Textgeschichte des Johannes-Evangeliums*, *Bibl. Zeitschr.* 2 (1958) 214-43.
- 54) Botte, op. cit. 1120.



LA TELEVISIÓN EDUCATIVA EN LOS ESTADOS UNIDOS

por el Rev. John M. Culkin, S.J. *

Un educador americano que hace cincuenta años cabalgaba para llegar a su escuela piensa hoy que el nuevo experimento de "Instrucción televisada desde aviones" está ya obsoleto porque pronto tendrá que dejar paso a las ventajas de la transmisión por medio de satélites. En el tiempo que dura la vida de un hombre el mundo ha sido testigo de una evolución en las comunicaciones y en la educación, tan importante como las revoluciones políticas e industriales que le precedieron. Los que se preocupan por las ideas deben preocuparse también por las comunicaciones y los nuevos medios electrónicos de comunicación. No entenderlos significa un fracaso en la habilidad para controlar su poder para servir al hombre.

Se decía en broma en los Estados Unidos, hace solo quince años, que era difícil ver programas de televisión a menos que no se estuviera bebiendo. Muchos de los receptores de televisión eran costosos y se localizaban en las tavernas como un medio adicional para atraer clientes. En el año 1946 había 5,000 receptores de televisión en los Estados Unidos. Hoy hay 56.000.000 en el país y 48.000.000 en el resto del mundo. La revolución se ha efectuado con rapidez y seguirá así en todos los países del mundo.

Desde los comienzos de la televisión, los educadores se dieron cuenta de las potencialidades de ésta como instrumento de la educación. La televisión ha presentado un reto a los educadores para extender el alcance de sus métodos actuales y, lo que es más importante aún, para crear nuevos patrones de enseñanza y aprendizaje. La adoctrinación paso por paso, tan característica de las culturas orientadas por la palabra impresa, está dando paso a un dinámico proceso de aprendizaje de "todo-a-la-vez", que coloca todos los medios al servicio de la educación.

El libro y el aula son **sólo** dos de los muchos medios de que ahora disponemos para el aprendizaje. La televisión, el cine, las vistas fijas, la radio, el fonógrafo y las cintas magnetofónicas nos ponen en el umbral de una nueva era en la educación y tal vez ante una nueva estructura de la educación.

* Versión española del trabajo *Television in the Service of Education* preparado por el Rev. John M. Culkin, S.J., Asesor en Televisión, National Catholic Educational Association, Washington, D.C.; Profesor de Televisión Fordham University, New York City, y traducido en la División de Educación de la Unión Panamericana.

Esta breve introducción al empleo de la televisión para fines educativos, reseñará algunas de las primeras experiencias realizadas en los Estados Unidos en los diez últimos años. Sobre el particular, mucho es lo que se ha hecho en el Reino Unido, Francia, el Japón e Italia. En estos países los programas son por lo general preparados en cooperación con una oficina nacional de educación y transmitidos a todo el país, mientras que en los Estados Unidos hay más programas locales y por consiguiente mayor variedad. En un libro reciente publicado por la Unesco, Henry H. Cassirer presenta un informe muy completo sobre las modalidades de la televisión educativa en distintos países del mundo. *

El Poder de la Televisión

Aunque aun estamos en la infancia de la televisión, ya se vislumbra que ninguna nación puede dejar de reconocer su poder. La experiencia de los últimos diez años es un recurso de gran valor para los países que están en proceso de desarrollo y preparan planes de largo alcance para la educación y la expansión. La televisión los reta a apresurar el ritmo de su desarrollo y aún a obviar algunas de las etapas intermedias que en otros tiempos se habían considerado esenciales. En cierto modo, estos países se encuentran en una situación ventajosa, puesto que están expuestos a nuevas ideas, tienen a la vista los éxitos y los fracasos de los demás para servirles de guía, y tienen mayor control y flexibilidad para adaptar nuevas soluciones a nuevos problemas. Los países que están ahora comenzando con la televisión tienen la oportunidad única de dar forma y dirección a la televisión para asegurarse de que sus beneficios estarán siempre al servicio de la educación.

Muchas de las publicaciones de la Unesco pueden ser útiles a los países para decidir lo que encuadre mejor a sua cultura y sus necesidades. Las tre organizaciones señaladas en el Apéndice I son muy generosas en la distribución gratuita de sus excelentes publicaciones y le han asegurado al autor de este trabajo que estarán muy complacidas en recibir solicitudes de los lectores de este boletín.

Este es el momento de hacer decisiones, las cuales deben basarse en una información precisa y balanceada. No es una cuestión de **todo** o **nada**. La televisión puede servir. A nosotros nos toca decidir dónde y hasta qué grado puede servir **mejor**. Esta es la cuestión a cuya solución todos debemos contribuir, cada cual en cuanto a su país se refiere.

En muchas de las naciones que está en proceso de desarrollo económico la televisión es todavía muy nueva y puede ser que durante muchos años quede restringida a las ciudades más grandes. Es obvio que la radiodifusión es una fuerza muy importante en la educación

* Ver Apéndice II, N.º 16 *Television Teaching Today*.

rural y la de adultos. De muchas maneras, el nuevo interés en la televisión ha estimulado a los educadores a nuevos y más extensivos usos de la radiodifusión.

Ventajas de la Televisión

- 1) Proximidad, vistas de cerca.
- 2) Un bajo costo per cápita cuando se usa para audiencias grandes.
- 3) Los mejores profesores pueden alcanzar a mayor número de estudiantes.
- 4) Los profesores tienen más tiempo para preparar sus lecciones.
- 5) Se pueden usar materiales visuales de todo tipo.
- 6) Las películas pueden mostrarse a audiencias grandes al mismo tiempo.
- 7) Se pueden presentar ante los estudiantes a personas importantes del gobierno o de los campos de las ciencias y las artes.
- 8) Los padres pueden ver y compartir con sus hijos lo que aprenden en la escuela.
- 9) Sólo un juego de equipo se usa para las demostraciones, evitando de esta manera la duplicidad.
- 10) Se puede estimular a los estudiantes a que realicen nuevas actividades.
- 11) La televisión puede verse en un cuarto iluminado.
- 12) Permite tener asiento de primera fila a todos los espectadores.
- 13) Se puede mantener al día con los nuevos acontecimientos.
- 14) Deja tiempo libre para las clases pequeñas y la discusión.
- 15) Facilita los servicios de profesores y cursos que antes no hubieran sido posibles.

Es obvio, también, que hay ciertas desventajas en un tipo de comunicación que procede de una sola dirección como la televisión y hay el peligro de la instrucción impersonal. Pero si se tienen en cuenta estos elementos, es posible disminuir estas dificultades empleándola menos en grupos y discutiendo luego con un líder, lo cual permite aprovechar las ventajas de la lección por televisión. En los Estados Unidos la instrucción televisada ha estimulado a las escuelas a hacer nuevos arreglos de secciones, las que requieren nuevos profesores y el uso de la técnica de discusión y preguntas para clases grandes.

Tipos de Televisión Educativa

A pesar de que la televisión se aplica de tan diversas maneras a la educación, sólo hay tres instrumentos o tipos de comunicación

básicos. Cada uno tiene ventajas y desventajas. Cada uno puede usarse solo o en combinación con los otros. Estos tipos son: 1) Televisión de circuito abierto; 2) Televisión de circuito cerrado; 3) Grabaciones de televisión.

1. **Televisión de circuito abierto.** Este tipo de televisión es al que estamos más acostumbrados. Consiste en la transmisión de una señal para ser recibida por un receptor sintonizando la frecuencia apropiada. La señal completa de sonido e imagen puede transmitirse desde una estación de tierra cuyo alcance se determina por la potencia de la señal, la altura de la antena y la ausencia de obstáculos en la visual de su trayectoria. Tales señales pueden transmitirse también desde transmisores colocados en aeroplanos o en satélites. El número de canales de televisión disponibles para los circuitos abiertos de televisión se determina por el ancho del espectro de radioemisión de que disponga cada país, por la necesidad de dejar espacio entre los canales y por la proximidad de otras estaciones que usan las mismas frecuencias.

2. **Circuito cerrado de televisión.** Este tipo de televisión está diseñado para ser visto por una audiencia selecta. Aunque esta selectividad puede alcanzarse por varias formas mecánicas, generalmente se hace por medio de un alambre que se conoce como cable coaxil. La radiodifusión o televisión de circuito abierto funciona según el principio de la radio, mientras que la televisión de circuito cerrado opera de acuerdo con el principio de teléfono o el sistema de altoparlantes. Habrá tantos canales como hilos haya en el cable. Por el gasto que representa llevar estos cables a grandes distancias, la mayor parte de los circuitos cerrados opera en un solo campus o dentro de un solo edificio.

3. **Grabaciones de televisión.** Estas grabaciones de una presentación televisada contienen el sonido y la imagen. Hay dos tipos de grabaciones: cinescópicas y cintas "**videotapes**". Las cinescópicas son películas sonoras, por lo general en cintas de 16 mm, fotografiadas del final de un tubo de televisión cinescópica durante un programa de televisión. Estas películas se pueden proyectar con proyectores corrientes de películas. Las cintas "**videotapes**" son grabaciones de la imagen y el sonido de un programa de televisión, grabado en cinta magnética. Estas cintas quedan listas para repetirse inmediatamente, pueden corregirse y borrarse para usarse de nuevo y sólo pueden tocarse en grabadores de "**videotape**". Ambos métodos se pueden usar en televisión de circuito abierto o de circuito cerrado.

Un grabador cinescópico cuesta cerca de \$ 25.000 y las películas cinescópicas cuestan \$ 150 por el negativo y \$ 35 por cada copia de media hora de duración. Las grabadoras de "**videotape**" vienen ahora en modelos que cuestan \$ 50.000 y \$ 25.000. Las cintas "**videotape**" cuestan cerca de \$ 250. Tanto el precio de la grabadora como el de la cinta "**videotape**" deberán continuar bajando a medida que las compañías recobren lo invertido en las inversiones de investigación y a medida que aumenta la demanda por el equipo.

Televisión de Circuito Abierto

Em 1952, cuando la Comisión Federal de Comunicaciones asignó los canales para la televisión en los Estados Unidos, se reservó algunos canales exclusivamente para transmisiones con fines educativos y no comerciales. Hoy día hay cerca de 500 estaciones comerciales y 60 educativas. La mayoría de las estaciones comerciales están afiliadas con una de las tres cadenas nacionales que les proporcionan aproximadamente la mitad de los programas que transmiten.

1. Televisión Comercial

En el curso de sus transmisiones normales las estaciones y cadena nacional en los cuatro últimos años para ofrecer cursos personas las manifestaciones más valiosas de la cultura por medio de programas de noticias, historia, música, teatro, religión y ciencia. Debido a factores económicos y de competencia, estas estaciones han limitado su acción educativa en cuanto al tiempo y los recursos que dedican en la televisión educativa. No obstante, su contribución ha sido muy significativa.

La **National Broadcasting Company** ha usado los recursos de su cadena nacional en los cuatro últimos años para ofrecer cursos completos con crédito universitario. Hay 160 programas de media hora en cada serie, que comprenden cursos de química, física, matemáticas y ciencias políticas. Un promedio de 300.000 personas han visto estos programas todos las mañanas y más de 200 facultades han concedido créditos por estos cursos. Estos programas han sido de gran utilidad para los profesores. Este año la **Columbia Broadcasting System** presentó por televisión un curso similar de biología. Se han escrito textos especiales como auxiliares de estos cursos. Los profesores, seleccionados nacionalmente por su excelencia, disponen de los mejores equipos para sus demostraciones y cuentan con un cuerpo de 20 personas que los ayudan durante las 12 horas que emplean para preparar cada conferencia de media hora. Las grabaciones de estos cursos se están usando ahora en el Japón y en algunos programas que se han doblado en español, francés y alemán para televisarse en otros países.

Las estaciones aisladas no tienen el dinero ni el público para iniciar este tipo de televisión, pero han ofrecido tiempo durante el día para programas dirigidos a las escuelas. Uno de los programas más corrientes de estas estaciones ha sido el de lenguas modernas y en New York más de 100.000 personas se levantan temprano para tomar un curso de literatura comparada. La **Universidad de St. Louis** usa las horas de 7:00-9:00 a.m. de los sábados para ofrecer un programa de cuatro años de enseñanza básica para aquéllos que no tuvieron oportunidad de terminar los estudios universitarios.

2. Estaciones Educativas

Las estaciones educativas se autorizan sólo a escuelas, a distritos escolares o a grupos locales que representen los intereses educativos y culturales de la comunidad. Estas estaciones no se mantienen comercialmente sino que son sostenidas por las escuelas con contribuciones voluntarias personales y de las organizaciones. Las 60 estaciones educativas de los Estados Unidos alcanzan a ciudades que tienen entre todas una población de 100 millones de habitantes.

Los programas diarios de estas estaciones se descomponen por lo general en tres categorías: programas para la escuela, programas de formación y mejoramiento de profesores y programas culturales y de servicio para el público en general. Por la mañana y en las primeras horas de la tarde las escuelas primarias y secundarias reciben programas en casi todas las materias del curso de estudios.

Por la tarde muchas estaciones proporcionan programas especiales para mantener a los profesores al día en las materias que enseñan. En la noche los programas más importantes son de educación de adultos, discusión de noticias y asuntos culturales.

Transmisiones escolares. Los supervisores, los profesores de aula, y el personal de televisión, generalmente planean juntos las lecciones y deciden los libros de texto que han de usarse. Se editan guías de manera que el profesor de aula sabe de antemano los programas que se han de ofrecer en un día cualquiera. La televisión ha tenido más éxito en la enseñanza de las ciencias, lenguas modernas, arte, música y matemáticas. Ahora se está usando para enseñar todas las materias del programa y en todos los niveles educativos. Todavía se discute bastante sobre el número adecuado de programas semanales, la duración de estos programas y las técnicas que necesitan el profesor de televisión y de aula, pero aún en estas primeras etapas de desarrollo, es evidente que la televisión educativa tendrá siempre un papel importante que desempeñar dentro del aula.

Cadenas educativas. Las estaciones individuales se están uniendo para proveer programas vivos para regiones enteras y estados. Hay cooperación considerable entre las estaciones para la producción y el intercambio de programas, y se espera que dentro de los próximos diez años habrá una red educativa completa de estaciones que una todos los Estados Unidos.

Televisión desde aviones. Hace dos años el "Programa del Mediano Oeste sobre Instrucción Televisada Desde Aviones" preparó un aeroplano DC7 con dos grabadores de cinta "**videotape**" para redifundir programas a las escuelas esparcidas a través de un área de seis estados, de 125.000 millas cuadradas. El aeroplano sirve como el equivalente de una antena de 22.000 pies de altura y emite ondas que surcan el aire por cerca de seis horas cada día en círculos de diez millas de amplitud.

Para el proyecto se han seleccionado los mejores profesores de televisión en el país y sus programas llegan a 13.000 escuelas con dos millones de estudiantes.

Transmisión por medio de satélites. En la oficina de cada uno de los miembros de la Comisión Federal de Comunicaciones hay un retrato del grupo de los comisionados. Este retrato fué retransmitido desde uno de los satélites de comunicaciones que está en órbita alrededor de la tierra. Esta retransmisión representa los primeros pasos en la arena de una nueva era en la comunicación. Se estima que dentro de diez años tendremos transmisión por medio de satélites a través de todo el mundo capaz de llegar a mil millones de personas simultáneamente, con traducciones simultáneas provistas en los idiomas más importantes de los principales grupos étnológicos del mundo. Los tecnólogos trabajan en este proyecto ahora y estamos seguros de que tendrán buen éxito. Ahora es el tiempo de planear y producir los programas que se transmitirán a semejante audiencia — los programas de alfabetización, de salud, de lenguaje, de agricultura y de comprensión intercultural que han de utilizar mejor la comunicación para lograr un sentimiento de comunidad universal.

Televisión de Circuito Cerrado

La televisión de circuito cerrado es lo que podría llamarse "Televisión privada" porque por medio de ella se garantiza el control del contenido del programa y de la audiencia, por los programas generalmente van dirigidos a audiencias más pequeñas, porque son más sencillos en su formato y porque están adaptados a propósitos más específicos. Generalmente se usan cables para conectar el transmisor y los receptores, pero también pueden usarse algunas veces frecuencias de microondas para la transmisión.

Hagerstown, Maryland. La Fundación Ford y la industria electrónica llegaron a un acuerdo para establecer un sistema de circuito cerrado que cubriera un distrito escolar completo. El proyecto comprende 48 escuelas primarias y secundarias y alcanza 18.000 estudiantes. El cable de Hagerstown contiene seis canales que pueden usarse simultáneamente si fuere necesario. Aunque casi todas las asignaturas se han enseñado, el estudiante promedio mira solamente cerca de media hora de televisión cada día y cada media hora de programa es seguida por lo menos de media hora de discusión en el aula de clases. Los resultados preliminares por medio de tests indican una marcada superioridad en el aprovechamiento de los estudiantes que usan la televisión sobre los grupos de control que estudian bajo las condiciones corrientes en las aulas de clases. Un programa similar se lleva ahora a cabo en Anaheim, California.

Educación médica. La televisión ha probado ser especialmente beneficiosa en la educación médica y dental donde son tan nece-

sarias las demostraciones para los estudiantes. La Asociación Americana Dental informa que la televisión de circuito cerrado presenta las demostraciones, anteriormente limitadas a cinco o seis estudiantes, hasta grupos de 90 o 100 estudiantes, economizando de esta manera hasta tres semanas de tiempo para un instructor y también dando la oportunidad a los estudiantes de observar mejor las operaciones. La televisión se ha usado también como una manera discreta de permitir que los estudiantes de psicología sigan el curso de las entrevistas psicológicas de orientación.

Educación universitaria. En las grandes universidades y colegios las clases que constan de muchas secciones reciben instrucción por televisión, y además se proveen oportunidades para la discusión en grupos pequeños y para consulta con los profesores. Diez colegios universitarios de Texas han mancomunado sus recursos de enseñanza y han unido sus escuelas en una red de circuito cerrado por medio de la cual se presentarán los mejores profesores de cada uno de los colegios. El grupo incluye colegios públicos y también privados.

El hogar y la escuela. En la ciudad de New York la televisión de circuito cerrado ayuda tanto a los padres como a los niños por medio de un sistema cooperativo que une las escuelas locales, un centro de la comunidad y un proyecto grande de viviendas. La mayor parte de la gente es de habla española y este proyecto hace que la familia entera aprenda y comparta la educación al mismo tiempo.

Formación de profesores. La televisión ha permitido a los profesores que se inician en la docencia observar a los profesores de experiencia en sus aulas de clase. Las grabadoras de cintas de "videotape" también han hecho posible grabar la clase de un nuevo profesor y permitir que el profesor vea y oiga su lección y haga las correcciones pertinentes. Muchos colegios universitarios ahora ven la necesidad de preparar nuevos maestros y profesores en el uso de la televisión ya sea como profesores de televisión o como profesores de aula de clase usando lecciones televisadas como parte de su instrucción.

Costos. Los costos variarán grandemente según la extensión y la calidad de la instalación. Para programas de tipo de conferencias simples hay equipo disponible que puede rendir buen servicio a un costo entre \$ 2.000 y 3.000 dólares. Un sistema completo profesional de circuito cerrado puede instalarse con receptores para 20 aulas de clase por menos de \$ 20.000 dólares. Algunas cámaras pueden ser operadas por los estudiantes y otras pueden aún operarse automáticamente por el profesor.

Planeamiento de escuelas nuevas. Puesto que la televisión de circuito cerrado habrá probablemente de ser parte de toda nueva escuela en el futuro, es importante que los planos de las nuevas escuelas incluyan algunas providencias para la televisión. La tubería para los cables de la televisión puede incluirse con muy poco

gasto. Muchas veces es posible usar el comedor y otros espacios grandes como salas para ver programas de televisión. Muchas escuelas está adaptando el sistema de paredes movibles entre las salas de clase de manera que un profesor pueda supervisar grupos grandes durante las clases por televisión.

La Televisión en América Latina

Los informes más recientes indican que hay estaciones transmisoras en caso todos los países y que generalmente están localizadas en las ciudades más importantes. Hay casi tres millones de receptores con un promedio de 1.5 por cada 100 personas. Generalmente las estaciones de televisión son operadas privadamente con la excepción de Colombia donde todas las estaciones son propiedad del Estado, pero se permiten programas bajo el patrocinio comercial. Se ha propuesto construir una red de tele-comunicación interamericana que sirva para toda la América Latina en una forma parecida a la cadena "Eurovisión". La siguiente lista indica las estaciones y receptores que había en marzo de 1961:

Estaciones y Receptores de Televisión en el Hemisferio Occidental

País	Estaciones	Total de Receptores
1. Argentina	5	650.000
2. Bermuda	1	8.500
3. Brasil	25	1.200.000
4. Canadá	89	3.900.000
5. Colombia	14	150.000
6. Costa Rica	1	10.000
7. Cuba	27	500.000
8. Chile	3	500
9. Ecuador	1	2.000
10. El Salvador	3	30.000
11. Estados Unidos	582	56.300.000
12. Guatemala	2	35.000
13. Haití	1	1.800
14. Honduras	1	4.500
15. México	23	700.000
16. Nicaragua	1	5.000
17. Panamá	1	20.000
18. Perú	5	71.500
19. Rep. Dominicana	4	15.000
20. Trinidad	1	24
21. Uruguay	1	25.000
22. Venezuela	14	250.000

Otros países — más de 1 000 000 de receptores

País	Estaciones	Total de Receptores
Alemania Oriental	10	1.000.000
Alemania Occidental	280	4.800.000
Australia	16	1.173.000
Francia	94	2.000.000
Italia	424	2.360.000
Japón	125	6.643.000
Reino Unido	35	11.200.000
Rusia	173	5.000.000
Suecia	45	1.150.000
Total Mundial	2.254	104.087.024

Planeamiento para la Televisión Educativa

Aún cuando no sea siempre posible para los gobiernos tomar providencias de inmediato para introducir la televisión educativa, es posible y deseable para cada nación proteger el futuro en este campo. Si la industria de la televisión comercial se desarrolla sin haber hecho ninguna provisión para transmitir programas educativos y culturales, los educadores se encontrarán completamente a merced de los intereses comerciales e impotentes para usar la televisión para beneficio del pueblo. El planeamiento inteligente y previsor puede asegurar un programa nacional sólido y balanceado. Las siguientes recomendaciones se basan en la experiencia de otros países y en las necesidades nacionales previsibles en el campo de la radioemisión.

1) **Planeamiento nacional.** Hay solamente un número limitado disponible de estaciones de televisión. Es, por lo tanto, importante que la política nacional considere reservar estaciones excelentes para uso educativo. Aún cuando estos canales no pudieran usarse en todo su potencial en el futuro cercano, su disponibilidad protege el futuro de la televisión educativa.

2) **Personal calificado.** En la fase de planeamiento es importante disponer de administradores y especialistas con un sólido conocimiento de la televisión educativa y sus varias aplicaciones en todas las partes del mundo. Sería muy útil que los educadores interesados se aprovecharan de las oportunidades de visitar los países que tienen gran experiencia en los usos educativos de la televisión. Cuando se esté preparando para comenzar la radioemisión será muy importante tener un cuerpo de personal calificado para los aspectos de la producción y los aspectos técnicos.

3) **Financiamiento.** Durante la fase inicial o de planeamiento del desarrollo, puede solicitarse ayuda a través de fundaciones que se preocupan por la expansión de la educación internacional o a través del Programa Ampliado de Asistencia Técnica de las Nacio-

nes Unidas. Para las inversiones de capital en equipo y edificios puede solicitarse préstamos a largo plazo con intereses bajos de la Agencia del Desarrollo Internacional o del Banco Interamericano de Desarrollo. En el desarrollo de la televisión por intereses comerciales, también es posible conseguir algunas entradas de la televisión comercial para ser asignadas al desarrollo de la televisión educativa.

4) **Cooperación internacional.** Varios países pueden cooperar en las primeras etapas del planeamiento para llevar a cabo seminarios regionales y programas de preparación para el personal interesado en la radioemisión educativa. Se puede prever la posibilidad de concertar acuerdos en ciertas materias tales como normas técnicas, asignación de frecuencia, disponibilidad de canales de televisión y planes futuros internacionales para la expansión y redes de comunicación. Puesto que muchas naciones latinoamericanas comparten el español como una lengua común, también hay la gran oportunidad para planear el intercambio de programas vivos y filmados.

5) **Receptores.** Hay gran necesidad de receptores de televisión de bajo costo y de receptores de baterías. Las primeras fases de planeamiento deben considerar la disponibilidad de electricidad y de receptores en las regiones para las cuales se televisa. Al comienzo de las transmisiones por televisión puede estimularse considerablemente su divulgación por medio de receptores para la comunidad localizados en las escuelas, en los sitios públicos y en salas de reuniones privadas. La organización de teleclubs asegurará la asistencia regular y permitirá la discusión y las preguntas bajo la dirección de una persona calificada. Esta técnica se desarrolló en la educación de adultos por radio en Colombia por medio del famoso proyecto Radio Sutatenza del Reverendo José Salcedo. Una descripción de estas técnicas puede encontrarse en una de las publicaciones de la Unesco que figura en la lista al final de este artículo.

APENDICE I

Publicaciones gratuitas acerca de la Televisión Educativa

(Las siguientes organizaciones enviarán por correo, libre de costo, ejemplares de sus publicaciones a cualquier parte del mundo).

1) **EDUCATIONAL FACILITIES LABORATORIES, INC.**

477 Madison Avenue, New York 22, New York, U.S.A.

Este grupo ha sido establecido gracias a una donación recibida de la Fundación Ford para investigar y divulgar los nuevos adelantos relacionados con la arquitectura escolar.

- a) *The Cost of a Schoolhouse* (144 páginas) Una introducción muy completa al tema de las construcciones escolares en distintas partes del mundo.
 - b) *Design for ETV — Planning for Schools with Television* (96 páginas). Este libro bellamente diseñado contiene una introducción completa al tema de cómo la televisión puede influir en el tamaño de las clases, las aulas, la iluminación y la acústica. Todo educador debe tener un ejemplar de este libro.
 - c) *New Schools for New Education* (56 páginas). Es un informe ilustrado de una conferencia de planeamiento de la arquitectura escolar para diferentes tamaños de clases y para el aprendizaje individualizado.
 - d) *Schools for Team Teaching* (64 páginas). Describe cómo la enseñanza por medio de equipos de maestros y profesores encaja en las escuelas primarias y secundarias y cómo influye en las construcciones escolares.
- 2) FORD FOUNDATION, Office of Reports
477 Madison Avenue, New York 22, New York, U.S.A.
- a) *Decade of Experiment* (112 páginas). Es un informe sobre un informe pictórico del crecimiento de la televisión durante los diez años pasados.
 - b) *Teaching by Television* (87 páginas). Un resumen excelente y una descripción de la televisión educativa en todos los niveles de educación.
 - c) *Time, Talent, and Teachers* (52 páginas). Presenta ideas sobre la preparación de equipos de profesores y la tecnología en la educación.
- 3) FUND FOR THE ADVANCEMENT OF EDUCATION
477 Madison Avenue, New York 22, New York, U.S.A.
- a) *Decade of Experiment* (112 páginas). Es un informe sobre diez años de exploración educativa.
 - b) *Schools for Tomorrow: An Educator's Blueprint* (62 páginas).
 - c) *National Program in the Use of Television in the Schools* (125 páginas). Un informe sobre tres años de experimentación en el uso de la televisión en el aula de clase.

APENDICE II

Publicaciones de la UNESCO sobre Radio y Televisión

- 1) An Indian experiment in farm radio forums (1959)
- 2) Broadcasting to schools (1949)
- 3) Broadcasting without barriers (1959)
- 4) Canada's farm radio forum (1954)
- 5) Cultural radio broadcasts: some experiences (1956)

- 6) Developing mass media in Asia (1960)
- 7) Education by radio: school broadcasting (1949)
- 8) Low-cost radio reception (1950)
- 9) Mass media in developing countries (1961)
- 10) Radio in fundamental education (1950)
- 11) Rural television in Japan (1960)
- 12) Television and education in the United States (1952)
- 13) Television and rural adult education (1956)
- 14) Television and tele-clubs in rural communities (1955)
- 15) **Television: a world survey (1953)**
- 16) Television teaching today (1960)
- 17) The use of mobile cinema and radio vans in fundamental education (1949)
- 18) World communications (1956)

Información adicional sobre títulos y precios puede conseguirse en las siguientes oficinas de la UNESCO:

- a) **FRANCIA** Librairie de l'UNESCO
Place de Fontenoy, Paris 7e
- b) **URUGUAY** UNESCO Centro de Cooperación Científica para
América Latina
Bulevar Artigas 1320-24, Casilla de Correo 859
Montevideo

También se puede conseguir en las siguientes agencias generales de venta:

- c) **ARGENTINA** Editorial Sudamericana, S.A.
Alsina 500
Buenos Aires
- d) **BOLIVIA** Librería Selecciones
Avenida Comacho 369
La Paz
Librería "Los Amigos del Libro"
Calle Perú 11
Cochabamba
Instituto de Estudios Sociales y Económicos
Universidad Mayor de San Simón
Facultad de Ciencias Económicas
Casilla 1392
Cochabamba
Librería Universitaria
Universidad de San Francisco Xavier
Sucre
Librería de la Universidad Técnica de Oruro
Casilla 637
Oruro

- e) BRASIL Fundação Getulio Vargas
186 Praia de Botofago
Caixa Postal 4081
Rio de Janeiro
- f) COLOMBIA Librería Buchholz Galería
Avenida Jiménez de Quesada 8-40
Bogotá
Librería Central
Carrera 6-A, N.º 14-32
Bogotá
Comité Regional de la UNESCO
Ciudad Universitaria
Bucaramanga
Pío Alonso García
Carrera 40, Nos. 21-11
Germán Rodríguez N.
Oficina 201, edificio Banco de Bogotá
Apartado Nacional 83
Girardot
Escuela Interamericana de Bibliotecología
Universidad de Antioquia
Librería Universitaria
Universidad Pedagógica de Colombia
Tunja
- g) COSTA RICA Imprenta y Librería Trejos, S.A.
Apartado 1313
San José
- h) CUBA Librería Económica
Pte. Zayas 505-7
Apartado 113
La Habana
- i) CHILE Editorial Universitaria, S.A.
Avenida B. O'Higgins 1058
Casilla 10220
Santiago
- j) ECUADOR Casa de la Cultura Ecuatoriana
Núcleo del Guayas
Pedro Moncayo y 9 de Octubre
Casilla de Correo 3542
Guayaquil
- k) EL SALVADOR Federico Cárdenas Ruano
Librería La Luz
Agencia General de Publicaciones
Hotel Nuevo Mundo
San Salvador

- l) GUATEMALA Comisión Guatemalteca de Cooperación con la
UNESCO
5a Calle 6-79, Zona 1 (altos)
Guatemala
- m) HONDURAS Librería México, Frente Zapatería
Apartado 767
Atenas, Tegucigalpa
- n) MÉXICO Editorial Hermes
Ignacio Mariscal 41
México, D.F.
- ñ) NICARAGUA Librería Cultural Nicaragüense
Calle 14 de Septiembre 115
Managua
- o) PANAMÁ Cultura Panameña
Avenida 7a N.º TI-49
Apartado de Correos 2018
Panamá
- p) PARAGUAY Agencia de Librería de Salvador Nizza
Yegros, entre 25 de Mayo y Mcal. Estigarribia
Asunción
"Aibo" Industrial Comercial S.A.
Sección Librería
General Díaz 327
Asunción
- q) PERÚ "Esedal" — Oficina de Servicios
Depto. de Venta de Publicaciones
Jirón Ica 441
A. Oficina 108
Casilla 577
Lima
- r) REPÚBLICA Librería Dominicana
DOMINICANA Mercedes 49
Apartado de Correos 656
Santo Domingo
- s) URUGUAY UNESCO — Centro de Cooperación Científica
para América Latina
Bulevar Artigas 1320-24
Casilla de Correo 859
Montevideo
Oficina de Representación de Editoriales
Plaza Cagancha 1342, 1er. piso
Montevideo
Librería Politécnica
- t) VENEZUELA Calle Villafior, Local A. al lado
General Electric
(Sabana Grande), Caracas

Librería Cruz del Sur
Centro Comercial del Este, Local 11
Apartado 10223
(Sabana Grande), Caracas
Librería Selecta
Avenida 3, N.º 23-23
Mérida

APENDICE III

Bibliografía Selecta

A. **LIBROS** (Los siguientes libros han sido publicados y pueden conseguirse en los Estados Unidos).

1. *Communications Media and the School: The Yearbook of Education — 1960*. World Book Co., Tarrytown-on-Hudson, New York, 1960, 592 páginas. \$ 7.50 (Es un estudio de los nuevos medios de comunicación y su aplicación en distintas partes del mundo).
2. *Educational Television Guidebook*, by Philip Lewis. McGraw Hill Book Co. 330 West 42 and St., New York 36, New York, 1961. 208 páginas. \$ 4.95 (Es una guía completa sobre los aspectos de equipo en el planeamiento de la televisión).
3. *The Impact of Educational Televisión*, ed. by Wilbur Schramm U. of Illinois Press, Urbana, Illinois, 1960. 247 páginas. \$ 5.00 (Estudios de casos de ciudades con experiencia en la televisión educativa y resúmenes de las investigaciones en proceso).
4. *Interaction in Learning: Implications for Television*. National Education Association, 1201 — 16th St., Washington 6, D.C. 64 páginas. - 1.00. (El papel de la televisión en relación con la enseñanza).
5. *New Teaching Aids for the American Classroom*. Institute for Communication Research. Stanford University, Stanford, California, 1960. 173 páginas. \$ 1.50 (Un estudio completo de las investigaciones terminadas sobre la televisión y las llamadas máquinas de enseñar).
6. *Schools of Tomorrow — Today*, by Arthur D. Morse. Doubleday & Co., Garden City, New York, 1960. 191 páginas. \$ 1.50 (Un informe sobre varios experimentos educativos, entre los cuales se incluye la enseñanza por medio de equipos de profesores y de televisión).
7. *Teach with Television — A guide to instructional TV*, by Lawrence Costello and George Gordon. Hastings House Publishers, 151 East 50th St., New York 22, New York, 1961. 192 páginas. \$ 5.50 (Los propósitos y metas de la instrucción por

televisión, la organización del personal y el equipo, su financiamiento y su evaluación).

8. *Television and Our Schools*, by Donald Tarbet. The Ronald Press, 15 East 26th St., New York 26 New York, 1961. \$ 5.00 (El uso de la televisión en todos los niveles educativos).
9. *Television in Teacher Education*. American Association of Colleges for Teacher Education, 1201 — 16th St., N.W., Washington 6, D.C., 1960. \$ 1.50 (Describe cómo se usa la televisión en la observación y en entrenamiento de los profesores).
10. *TV and Our School Crisis*, by Charles Siepman. Dodd, Mead & Co., 1958. (Necesidades modernas en la educación y medios modernos para llenar estas necesidades).
11. *Using Television in the Classroom*. McGraw-Hill Book Co., 330 West 42an St., New York 36, New York, 1961. 118 páginas. \$ 3.00 (Una descripción del Proyecto del Mediano Oeste de Televisión desde Aviones con reseñas prácticas para los profesores de aulas de clase que usan la televisión).

B. REVISTAS

Los artículos sobre televisión educativa que se encuentran en revistas son demasiado numerosos para enumerarlos aquí. Listas completas de estos artículos pueden encontrarse en *Educación Index* bajo los títulos de *Television* y *Educational Television*.

Dos organizaciones y sus publicaciones merecen atención especial:

1. Department of Audiovisual Instruction, National Education Association, 1201 Sixteenth Street, N.W., Washington 6, D.C.
 - a) *Audiovisual Communication Review* (cada dos meses — \$ 6.00 por año). Una revista excelente sobre investigación y desarrollo de los nuevos medios de comunicación.
 - b) *Audiovisual Instruction* (mensual, con excepción de julio y agosto — \$ 4.00 por año). Un tratado más corto y en lenguaje popular sobre la práctica y el pensamiento más corriente relacionado con la instrucción audiovisual.
2. National Association of Educational Broadcasters
1346 Connecticut Avenue, N.W., Washington 6, D.C.
Miembros individuales: \$ 10.00 por año (Miembros estudiantes: \$ 5.00) incluye suscripciones a:
 - a) *NAEB Journal* (cada dos meses — \$ 4.00 por año). Lo mejor sobre política, comentarios y proyectos e ntelevisión y radio educativos.
 - b) *NAEB Newsletter* (Mensula — \$ 5.00 por año). Un resumen de las últimas experiencias publicadas y el desarrollo en el campo de la radioemisión educativa.

CIÊNCIA E BOM SENSO

Leonidas H. B. Hegenberg

Faculdade de Filosofia, de Assis, (S.P.)

A intenção, nos próximos parágrafos, é fazer um breve levantamento destinado a separar o conhecimento "precientífico" (ou "do senso comum") do conhecimento científico, isto é, dos produtos da ciência moderna.

Comece-se por dizer que não há um divisor nítido a colocar de uma parte as crenças do bom senso e, de outra, os dados reconhecidos como "científicos".

Houve quem propusesse distinguir ciência e bom senso recordando o caráter imediatista dêste, alheio àquela. Entretanto, na ciência (aplicada, sobretudo) há também uma dose de urgência nas respostas, não sendo raros os casos de pesquisa orientada com um propósito definido e que requeria rapidez de tratamento, visando um objetivo imediato.

Houve também a tendência de supor que a ciência teria traços puramente quantitativos, sendo qualitativos os do bom senso (1). Não é preciso recorrer a exemplos complexos, como o da topologia, na matemática, para notar que a oposição qualitativo-quantitativo está longe de ser um marco de separação entre a ciência e o bom senso; recorde-se, simplesmente, como o faz H. Dingle (2), a teoria da evolução — ciência! — em que se trata de mutações qualitativas, estudadas qualitativamente, sem que haja apelo a mensurações de qualquer tipo. E recorde-se, de outro lado, o trato numérico de vários dados comuns — a escolha de um trajeto mais curto, num mapa indicativo, pelo motorista apressado.

Todavia, a ausência de uma linha demarcatória precisa a separar bom senso e ciência não significa impossibilidade de identificar um núcleo bem característico em cada uma das partes.

Não se põe em dúvida o fato de que inúmeras ciências especiais tenham nascido das preocupações que assoberbam cotidianamente os homens. É certo que vários fatores contribuem para a formulação de uma ciência mas aquêles que nascem da vida comum, foram e prosseguem sendo, fatores notáveis. A título de exemplo, recorde-se que a geometria nasceu dos problemas práticos de medidas de terras, que a biologia veio a consolidar-se a partir das preocupações com a saúde e a reprodução dos homens. Comentadores que se impressionaram com a continuidade entre o saber comum e as conclusões científicas, chegaram a dizer que a ciência não seria mais que o bom senso organizado. A fórmula não específica, po-

rém, o **tipo** de organização que é próprio das ciências. E êsse ponto merece comentário.

Antes de se iniciar uma investigação, os objetos possuem o **status** que o bom senso lhes empresta. Cada um dêles tem um nome, um lugar no espaço, persistência, certa capacidade de alteração que nos indica ser esta árvore florida a "mesma" que víamos no outono, sem fôlhas (quase sêca), e várias características acessíveis à percepção normal dos indivíduos. Não duvidamos desse **status**, já que para a vida comum é indispensável essa confiança no veredito do bom senso. Os refinamentos a que leva a investigação, alteram os dados da experiência vulgar. Da mesma forma por que o escultor, a partir do mármore, chega à estátua (que, sem deixar de ser mármore, é resultado da invenção do artista), a ciência principia acomodando-se ao bom senso mas termina por acomodá-lo às suas hipóteses e teorias. O que a experiência comum nos oferece é, muitas vêzes, digno de fé. Cabe, porém, analisar os fundamentos da certeza que proporciona.

Um traço marcante da grande parte das informações adquiridas por meio da experiência ordinária é o de que ainda quando a informação é, dentro de certos limites, suficientemente precisa — o informe muito raramente se faz acompanhar por uma explanação que esclareça porque os fatos sejam tais como se diz que são.

Acresce que o bom senso, quando fornece explicações, o faz, no mais das vêzes, sem testes críticas que salientem a relevância da explicação para os fatos que pretende explicar. É justamente o desejo de obter explicações a um tempo sistemáticas e controláveis pela evidência fatural que gera a ciência. É a organização e classificação dos acontecimentos, com base em princípios explanatórios, que constitui o escopo da ciência.

Criticando o bom senso, modelando-o, atinge-se aquele saber designado como científico. O método científico, em relação aos objetos da experiência ordinária, cria ordem, classificando, descrevendo, medindo, explicando as coisas e fenômenos. Parte-se de alguns dados comuns, uma vez que é impossível partir do nada, e se elabora em torno do que se tomou como ponto de partida. Estabelecem-se certas correlações entre aquilo que se observa, frutos da observação de conjuntos de características que tendem a aparecer regular e repeditamente associados. O ideal se atinge, expresso nas leis, quando se obtém uma equação funcional exprimindo a maneira precisa de variação de certas características em relação a outras. Nos casos mais favoráveis, das conjecturas a respeito das correlações existentes entre as propriedades analisadas surge uma fórmula. Face a dados novos, a fórmula se mostra apenas aproximadamente válida. Exceções, fatos "anormais", são apontados. Até que outra fórmula, englobando as falhas da primeira, venha a coordenar novamente, os resultados. E o procedimento se repete, interminavelmente, no anseio de dar ao mundo que nos rodeia, êsse mundo de coisas, qualidades e relações, variadíssimas, um aspécto

ordenado, em que o homem se situe, "compreendendo-o", vivendo com as crenças que adquiriu.

Obviamente, sistematização rigorosa é um ideal, e raras são as ciências que se tenham aproximado, como a mecânica, dêsse objetivo. Entretanto, é do destino da ciência buscar e formular em termos genéricos as condições sob as quais os acontecimentos ocorram — sendo a enunciação de tais condições determinantes as aplicações dos acontecimentos ocorridos.

Explicar, estipular algumas relações de dependência entre proposições aparentemente desconexas, exigir sistematicamente traços comuns entre informes à primeira vista desligados, eis alguns dos traços importantes da investigação científica, usualmente ausentes das ações governadas pelo bom senso.

No exame das coisas que os preocupam, os cientistas lançam hipóteses. As hipóteses ficam, por assim dizer, no meio da evidência: há evidência favorável, espera-se que novos fatores venham a aparecer em seu apoio. De fato, algum dado preliminar deve ter existido, sem o que a hipótese nem sequer viria a ser formulada. E não há evidência completa, porquanto se houvesse teríamos certeza e não hipótese. Não projetar hipóteses é supor que se sabe tudo, atitude injustificável. Supor que com erguê-las se concede que tudo é hipotético, nada é certo, é desejar a estagnação. Hipóteses são necessários veículos do saber. Mas não são hipóteses gratuitas que levam ao aprimoramento do conhecimento. Uma hipótese bem sucedida está sujeita a uns tantos imperativos. Ela deve ser uma "boa hipótese", possuir algumas qualidades que convém salientar. Deve ser, antes de mais, **adequada**. Isto significa um acôrdo com a evidência já conseguida, que não pode ser contrariada. Supondo assentado que foram os portugueses os primeiros europeus que chegaram ao Brasil, não teria sentido supor que nosso país tivesse sido descoberto por Colombo. Em segundo lugar, a hipótese deve ser **verificável**. A hipótese sugere a evidência que deve vir depois dela para apoiá-la ou contrariá-la, devendo ser essa evidência acessível. A hipótese de que o homem tenha aparecido na face da Terra no ano de 10879 A.C., às 14 horas do dia 22 de maio não sendo verificável, não indicando o que poderia vir a ser evidência em seu favor, não é uma "boa hipótese".

Ao lado dessas duas, há que salientar ainda as características seguintes. A **consistência**, a que se deve atentar nas hipóteses complicadas, que envolvem inúmeros enunciados, para que não se vejam inúteis diante de uma contradição entre suas partes, a tornar legítimo, como ensina a lógica, tudo que fôr dedutível delas. E a **compatibilidade**, com outras informações científicas aceitas e que se não deseja abandonar.

É mediante as "boas hipóteses" que a ciência, afinal, dá do mundo a imagem coerente que nos capacita a viver, atingindo aquele conhecimento que se chama racional e objetivo. Racional porque feito de conceitos, juízos, e raciocínios (não de imagens, sensa-

ções e padrões de comportamento assentados sem crítica); porque permite associações de idéias, em acôrdo com a lógica, a permitir novos descobrimentos (se não logicamente novos, ao menos epistemologicamente novos); porque procura ser ordenado, em conjuntos sistemáticos de proposições, as teorias. E objetivo porque visa ser fatalmente verdadeiro e o faz através de um peculiar comércio com os fatos, consistente de observações e experimentações controláveis e até certo ponto reproduzíveis.

O conhecimento que a ciência nos oferece é significativo por uma série de razões. É fatural (3), partindo de fatos para a eles retornar; racionaliza a experiência ao invés de simplesmente descrevê-la; procura, na sua especialização, amando clareza e precisão que a tornam comunicável, uma análise metódica dos fatos para atingir, pelas hipóteses verificáveis, às leis gerais que permitam explicar o acontecimento e prever o que virá. Tudo isso, sem mencionar a utilidade da ciência para o desenvolvimento das condições materiais que facilitam a nossa vida.

Traço distintivo entre bom senso e ciência é que o conhecimento que daquele advém mesmo quando acurado, poucas vezes se acompanha de clara delimitação das condições em que se valida. Em verdade o bom senso é adequado às situações onde um determinado número de fatores é praticamente imutável. Como em geral não se reconhece que a adequabilidade depende da constância desses fatores, o bom senso é incompleto, deficiente. É função da ciência remover essa insuficiência, refinando concepções comuns. A ciência especifica as regiões de validade de suas asserções, estabelece até que ponto o que ela prediz pode afastar-se dos resultados experimentais, objetivos, sem que haja a necessária rejeição de hipóteses (que, quando não se confirmam, devem ser abandonadas).

"Ciência" é termo de significação dinamizada pelos avanços nas investigações feitas pelo homem. À medida que evolue a Ciência, transforma-se também o significado de "ciência", o que torna inexecutável a definição definitiva. A ciência é um modo de investigação. É um processo de dar resposta a perguntas, resolver problemas, desenvolver técnicas aperfeiçoadas para esse mister de responder e resolver. É, ainda, o corpo de conhecimentos adquiridos com tais técnicas. Procura cada ciência estabelecer relações entre os objetos que lhe dizem respeito para poder explicar certos acontecimentos e fazer previsões dignas de confiança a respeito do comportamento de tais objetos.

Ora, um processo se diz **controlado** na medida em que se orienta eficazmente para a obtenção de certos fins. Controle completo é impraticável, já que em toda situação aparecem aspectos que fogem ao controle. E é claro que se os lados controláveis são em minoria, o tratamento científico é ineficiente — em especial nos casos em que soluções rápidas se fazem desejadas. Com efeito, é preferível, muita vez; uma solução "em tempo" do que a melhor, atrasada.

Há, pois, na ciência, a determinação de submeter os dados a contrôles, em particular o contrôles da evidência fatural. Esse traço é apagado, ténue, nas soluções do bom senso.

A ciência se distingue, ainda, pelo seu constante desejo de aumentar os conhecimentos, aperfeiçoar a capacidade de resolver problemas e responder perguntas. Desenvolve a pesquisa com o fito de solucionar um problema, é certo, mas sem perder de vista a possibilidade de estabelecer diretrizes que venham a refletir-se na melhoria da própria pesquisa. Para tanto, entre outras coisas, desenvolve o pensamento de modo a construir uma linguagem precisa que permita fazer corresponder a cada termo uma classe bem determinada de objetos. Assim, a ciência enfrenta o risco de ver refutadas as suas asserções, contra o que sucede com as afirmações do bom senso, usualmente muito flexíveis e acomodaticias, suficientemente elásticas para se esquivarem a uma análise mais profunda. Afirmações irrefutáveis constituem os mitos e a falsificabilidade de suas asserções que caracteriza a ciência. E o espírito crítico, o desejo de mostrar falsas as afirmações feitas, é que leva a refinamentos e descobertas, desenvolvendo a ciência. Dar tudo como verdadeiro, só produz estagnações, acomodamento às crenças existentes, matando o progresso.

Criticar o que existe, lançar novas hipóteses, explicar, predizer, controlar as predições, eis alguns dos mais representativos elementos da atividade científica, aqueles que não podem ser ignorados pelo homem que respeita o progresso intelectual.

NOTAS:

- (1) Cf. J. Dewey, "Logic, the theory of inquiry", N. York, Henry Holt & Co., 1938, p. 65.
- (2) Cf. H. Dingle, "The scientific adventure", N. York, Philosophical Library, 1953, p. 6.
- (3) O problema da classificação das ciências, complicado, inúmeras vezes abordado, sem sucesso aparente, não será objeto de análise nestas notas. O leitor poderá, p. ex., consultar J. A. Thomson, "Introdução à ciência" (S. Paulo, Livraria Acadêmica, 1941) e G.G. Granger, "Lógica e filosofia da ciência" (S. Paulo, Melhoramentos, 1955) para ter uma idéia da questão. Aqui adotamos a classificação proposta por R. Carnap, (Cf. seu artigo em *Erkenntnis*, vol. 5, 1934), segundo a qual as ciências se separam em *formais* e *fatuais*, interessando-nos, especificamente, as ciências *fatuais*.

REFERÊNCIAS:

1. G. P. Adams (e outros), *Knowledge and society*", N. York, Appleton-Century-Crofts Inc., 1938, caps. I - III.
2. D. Greenwood, "The nature of science", N. York, Philosophical Library, 1959, cap. 1.

3. M. Bunge, "Metascientific queries", Springfield 111., C.G. Thomas Publisher, 1959, cap. 2.
4. E. Nagel, "The structure of science", N. York, Harcourt, Brace & World, 1961, cap. 1.
5. R. S. Ackoff, "Scientific method", N. York, John Wiley & Sons, 1963, cap. 1.

—oOo—

O BARROCO E A CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL

Contribuição ao V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros

Guilhermino Cesar

Professor catedrático da Universidade do Rio Grande do Sul e Professor visitante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Coimbra, 2 a 8 de setembro de 1963

Excluída a literatura jesuítica, é com os baianos Gregório de Matos Guerra (1633-1696) e Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711) que a poesia começa a ser cultivada no Brasil. Botelho de Oliveira é mesmo o primeiro filho da terra a publicar livro (**Música do Parnaso**, 1705), e nêle desponta o espírito barroco, estimulado, de resto, por influências notórias, tantas vêzes assinaladas, de Góngora, Lope de Vega, Tasso e Marini (1). Seus "quatro coros" de poesia — em português, castelhano, italiano e latim — mostram-se impregnados daquele dualismo barroco, daquele sentimento pendular que assinala o nôvo estilo de Seiscentos — oposto ao clássico ou muitas vêzes acomodado ao clássico, mas sempre um nôvo estilo em busca de exteriorização.

Acontece, porém, que quase todos os estudiosos do processo literário brasileiro — desde 1805, com Friedrich Bouterwek, aos nossos dias, — deram escassa importância às manifestações literárias surgidas durante o século XVII, ou porque lhes falecessem meios de abordagem (ante a circunstância de se terem conservado inéditos, até muito recentemente, frei Vicente do Salvador e Gregório de Matos Guerra) ou porque foi balda antiga da historiografia literária tratar depreciativamente a "retórica seiscentista". Destarte, os iniciadores da literatura nacional, por não se enquadrarem regorosamente na área do classicismo quinhentista, foram escarnecidos, negados ou simplesmente esquecidos, em nome do bom-gôsto então dominante, um bom-gôsto que nada admitia, na matéria, divergente do espírito que informara, no Quinhentos, as letras de língua portuguesa. Tudo o que não estivesse dentro da ortodoxia clássica, segundo os moldes renascentistas, era desdenhado, rebaixado, desprezado.

No início do século passado, começa a historiografia, sobretudo com Varnhagen, a desentranhar dos arquivos algumas peças do século XVII, essenciais ao estudo do respectivo processo cultural. É quando a figura de um Gregório de Matos, até aí inédito, vai erguer-se na cena barroca e ocupar, em definitivo, o primeiro pôsto totali-

zando uma época, com a sua poesia tão rica de inflexões, e espelhando ainda, pelas influências que recebe, tôda uma sociedade, que às vêzes representa no seu claro-escuro de grandeza e miséria, e, sobretudo — espelho de um homem que, pelo caráter, soma as contradições da torturada alma barroca.

Mas a tarefa a que se entregaram Varnhagen e seus discípulos não visava senão, primordialmente, a esclarecer aspectos históricos, enquanto os literários ficavam em segundo plano. Foi somente com Sílvio Romero e José Veríssimo, sem esquecermos o trabalho precursor do Cônego Fernandes Pinheiro, que análise pròpriamente literária dos autores do período colonial começou a ser feita. Mas os dois grandes historiadores, como aliás os que se lhe seguiram — cá e lá — não se extremaram dos demais seus contemporâneos, no tocante à condenação, em bloco, do chamado seiscentismo — tido por êles como sinônimo de mau-gôsto, de decadência, de degenerescência dos padrões de arte.

Na **História da Literatura Brasileira** (1888), diz Sílvio Romero que, assim como o século XVI deve girar literariamente em torno de Anchieta, o século XVII há-de girar em torno de Gregório de Matos Guerra. Mas, para o grande crítico, o que mais importava, para os extremar dos seus contemporâneos, era o maior ou menor traços nativista que lhes caracterizasse os versos. Todavia, da individuação estilística de tais autores, matéria fundamental, não cuidou grandemente o famoso crítico. De Frei Vicente do Salvador, diz apenas que, "sendo um seiscentista, não tem os defeitos comuns a grande número de prosadores daquele tempo"; e quanto a Manuel Botelho de Oliveira, anota que a alma dêsse poeta "era do cultismo espanhol ou português" (2).

José Veríssimo, autor também de uma **História da Literatura Brasileira** (1916), por acaso a melhor síntese até hoje escrita, não foi mais explícito. Ao considerar, por exemplo, o prefácio que Bento Teixeira escreveu para a sua *Prosopopéia* (1601), diz dêle que era "já gongórico antes do gongorismo", notação muito aguda, que acentua, de resto, a força do barroco como processo original, como uma "técnica formalista" que abria caminho adentro da concepção clássica. Entretanto, no que toca à **Prosopopéia**, artisticamente considerada, diz: "A Língua (de Bento Teixeira) não tem distinção ou relêvo, e o estilo traz já todos os defeitos que maculam o pior estilo poético do tempo, e seriam os distintivos da má poesia portuguesa do século seguinte, o vazio ou o afetado da idéia e a penúria do sentimento poético, cujo realce se procurava com afeites mitológicos e reminiscências clássicas, impróprios e incongruentes, sem sombra do gênio com que Camões, com sucesso único, restaurara êsses recursos da poesia do seu tempo" (3).

Já nesse passo mostra o grande crítico que percebera os aspectos barrocos da poesia do precursor, mas não os identifica senão no tom depreciativo com que êle e outros críticos costumavam tratar os autores iscados de influência espanhola.

Ora, o poema de Bento Teixeira saiu a lume em 1601, quando já se notava forte influência de Gôngora em Portugal, de modo que a observação do Veríssimo, sem aprofundar o tema, muito lhe abona a argúcia crítica. Ao tratar, também, de Manuel Botelho de Oliveira, o primeiro poeta, em ordem cronológica, nascido no Brasil, que deu a lume um livro de versos, Veríssimo quase que se limita, embora exalte o fervor com que êle celebra a terra natal, a julgá-lo, quanto à língua e à metrificação, um seguidor passivo das "fórmulas da poesia em moda" (4). Em Gregório de Matos Guerra, por exemplo, discerne, o mesmo crítico, a influência de Quevedo, representante típico do barroco espanhol, mas não estuda essa influência; limita-se a mostrar como Gregório de Matos plagiara uma quadra daquele poeta. A modo de síntese, diz ainda, acêrca do caráter da poesia "gregoriana": "... e o poeta, ainda na sátira, seguira sem discrepância apreciável a moda poética ali (em Portugal) em voga sem nenhuma espécie de originalidade" (...) (5), e mais além: "...verseja motivos e temas futilíssimos, como tropos, imagens, trocados e jogos de vocábulos em nada destoante da poética do tempo, da qual a sua se não afasta em cousa alguma" (6). Mas ainda esclarece dêste modo o seu pensamento: "Também não há, nem na inspiração, nem na expressão da poesia não satírica de Gregório de Matos algum sinal que o estreme entre os seiscentistas e gongoristas seus contemporâneos. Emparelha em tudo e por tudo com êles". Diz, depois, que estudou o material manuscrito existente na Biblioteca Nacional do Rio, atribuído a Gregório, e que: "Dêsse estudo, que fizemos, resultara a certeza de que Gregório de Matos é antes um poeta burlesco, picaresco, até chulo, à maneira de Quevedo, seu modelo, e dos satíricos portugueses seus contemporâneos, do que satírico ao modo de um Horácio, de um Juvenal ou de Boileau" (7).

Sem o pressentir, José Veríssimo estava criando um modismo crítico, tanto a prática sumária, que adotara na sua **História da Literatura Brasileira**, de reunir indistintamente tôda a poesia da Colônia sob a etiqueta de escárneo — "poética do tempo" — deitou raízes na crítica nacional. Daí por diante, sempre que houve dificuldade na identificação de alguém que aparentasse ligações com o gongorismo, com a feição poética do século XVII, tornou-se balda dizer — "não se afasta da poesia do tempo", e semelhante expressões ambíguas. Mas, como não se esclarecera devidamente, do ponto de vista da análise interna, o significado de termos como — gongorismo, cultismo, conceptismo, — tal ambiguidade apenas ocultava a inópia da crítica, diante de fenômenos literários mal conhecidos, como o barroco.

De resto, a condenação, por grosso, do cultismo, do conceptismo e do gongorismo então conglomerados debaixo da mesma escandalizada repulsa, vei até nossos dias com muito boas côres e exemplar vitalidade. O pior acontecia quando algum crítico se punha a deslindar as malhas do Seiscentismo, à luz da ciência histórica,

em ver da teoria literária adequada. O resultado não podia deixar de ser lamentável. Haja vista a fantasiosa conclusão de Capistrano de Abreu, que a propósito de Manuel Botelho de Oliveira, Antônio Vieira e outros, perplexo diante do seu barroquismo, assim explica as causas determinantes do seu estilo: "acanhamento do meio, intimidade dos cultores de letras e conseqüente identidade de concepções e idéias; dificuldade de comunicações com o movimento intelectual europeu, e daí impossibilidade de extensão e variedade de conhecimentos. Junte-se a vaidade do sertanejo que procurava pelo requinte da produção fazer efeito e celebrar-se entre reinóis" (8). Tais considerações, na pena de uma inteligência tão aguda como a do historiador cearense, chegam a ser inacreditáveis, mas à época de sua divulgação passaram em julgado, porque não se curava de reconhecer exatamente as "mazelas espanholas" da fase culterana.

Valle Cabral, de um lado, e Afrânio Peixoto e seus colaboradores, do outro, responsáveis pela publicação (respectivamente em 1882 e em 1923-1933) das **Obras de Gregório de Matos Guerra** não se preocuparam, igualmente, em examinar a poesia do Bôca de Inferno em correspondência com o estilo barroco (9). Não os censuramos por isto. Queremos apenas dizer que essa despreocupação, longe de constituir caso exemplar, encontra símiles egrégios, em idênticas condições, nas grandes literaturas do Ocidente. Se aludimos ao fato, é exclusivamente para documentar o estado embrionário dos estudos críticos, no Brasil, com relação ao barroco, no primeiro quartel dêste século.

Bem antes, aliás, de publicada essa edição, um jovem crítico, que viria a ser figura de proa do Modernismo, Ronald de Carvalho, publicava a **Pequena História da Literatura Brasileira** (1917), onde a obra do satírico baiano é apreciada menos empiricamente, mercê de padrões estéticos até ali não levados em linha de conta. Foi com a geração do Modernismo que o passado artístico nacional (notadamente o que se concentra na Bahia, no Recife e em Minas, áreas nas quais o homem da Colônia pôde documentar pujantemente a sua presença cultural) começou a ser estudado à luz de novas técnicas de investigação, não muito distanciadas da experiência européia sua coetânea. O interêsse de Mario de Andrade pela obra do Aleijadinho abre vereda a um aprofundamento do assunto entre poetas e escritores. Aliás, nisto foi também precursor o Modernismo — seus adeptos não se interessaram apenas pela literatura em si; cuidaram de abarcar tôdas as manifestações da arte, em nome daquela simultaneidade ou analogia dos estilos artísticos defendida, entre outros, por Spengler. Ora, a êsse alargamento do horizonte artístico, por via da observação mais detida do complexo cultura, correspondeu, como é compreensível, uma curiosidade maior pelo que, no concernente ao barroco, haviam escrito na Europa os investigadores do primeiro quartel dêste século. Dentre êstes, o nome de Eugenio D'Ors avulta como um dos que primeiro sensibilizaram a mentalidade brasileira. Mas os estudos de D'Ors

cifravam-se quase que só às artes plásticas. E só muito mais tarde, por influência, em parte, de Alfonso Reyes, outro devoto do barroco, começou-se a ver a importância que uma revisão dos "gongoristas", dos "versejadores confusos" do século XVII poderia oferecer a um esquema renovado de nossa historiografia literária.

Mas o fator decisivo foi a escola de Dámaso Alonso, cujo método de investigação estilística despertou enorme interesse no Brasil, até então muito prêso, em matéria de análise e interpretação, à crítica francesa. Ora, é sabido que, em França, a aplicação das categorias do barroco ao fenômeno literário só se veio dar tardiamente, em comparação com a literatura espanhola, e ainda assim despertando muitas resistências, conforme veremos linhas abaixo.

Há duas datas capitais para a história dos estudos barrocos no Brasil. A primeira é o ano de 1941, quando Lúcio Costa, o futuro genial criador do plano piloto de Brasília, publica o seu ensaio sobre "**A arquitetura dos Jesuítas no Brasil** (11). A segunda data capital é 1950, ano da apresentação de Afrânio Coutinho a concurso, no Colégio Pedro II, com a tese intitulada — **Aspectos da Literatura Barroca**.

Pela primeira vez, em língua portuguesa, o barroco literário se apresentava estudado e com extensão e amplitude crítica dignas do assunto. Não é, aquela, uma tese impecável; ressentem-se mesmo de muitas imperfeições, mas abre caminho, por vários motivos. Em primeiro lugar, apresenta à reflexão opulenta material, colhido em diversas fontes estrangeiras. Em segundo lugar, retira a questão do morno ambiente em que jazia, mostra a necessidade cultural de discuti-la, dá-lhe, enfim, ao tratamento um traço polêmico, como nunca tivera, entre nós. Essa última circunstância foi, de resto, especialmente favorável à divulgação dos princípios assentes pela crítica moderna, na Europa e em algumas Universidades norte-americanas, em torno do século XVII. A situação do candidato, autor da tese, concorrendo à cadeira ao mesmo tempo que um dos críticos mais em evidência naquele período, o escritor Álvaro Lins, contribuiu também para dar àquele concurso uma repercussão nacional.

Não cessou, porém, com os atos do concurso, a pregação pública de Afrânio Coutinho em favor da revisão periodológica da literatura brasileira, visando a balizar exatamente a área barroca e estudar-lhe a significação diante do conjunto, tendo como ponto de partida a análise interna, segundo a terminologia do **new-criticism**, das obras até então menosprezadas que asseguram a originalidade da citada área (12). E o mais auspicioso é que a tese de Afrânio Coutinho teve larga ressonância nas Faculdades de Filosofia e Letras, onde o estudo do barroco espanhol, na hoje extinta seção de Línguas Neolatinas, sugeriu paralelos inevitáveis com o barroco brasileiro, facilitando ainda mais a difusão das idéias revisionistas.

Na aludida tese, Afrânio Coutinho afirma o seguinte, logo nas primeiras páginas:

"Haja vista o que ocorre com as literaturas de língua portuguesa. Qualquer das divisões propostas para a história da literatura portuguesa não difere quanto ao critério: misturam denominações originárias da história geral (Idade Média, Tempos Modernos), com outras provindas da história da arte (Renascimento), com simples termos numéricos (Séculos XVII, XIX, quinhentismo etc.), com termos de conteúdo literário (Romantismo, Classicismo), adotando como marco ora o limite dos séculos, ora a morte de grandes figuras ou a publicação do **Camões**, de Garrett). Vejam-se as divisões de Teófilo Braga, Fidelino de Figueiredo, Mendes dos Remédios, Agostinho Fortes.

"O mesmo se dá com a literatura brasileira, cujas divisões tradicionais se referem, com diferenças liegeiras, a critérios políticos e históricos: era colonial, era nacional, e dentro dela subdivisões por séculos ou decênios e por escolas literárias.

"Em ambos os casos, é mais do que patente a impropriedade de certas denominações. A expressão classicismo, de tão difícil conceituação, chega a ser absurda quando aplicada, como é corrente nas divisões da literatura portuguesa, para englobar e definir manifestações literárias tão díspares como as do Renascimento, do seiscentismo e do setecentismo, e para designar em bloco figuras como Vieira e Camões; só por uma absoluta falta de meditação sobre o problema da periodização, e só com a ausência de princípios doutrinários informadores da divisão histórica, é que vamos consentindo em que o uso e a inércia a consagrem" (13).

No processo de revisão da literatura brasileira, tais palavras constituem uma peça histórica. Pois obrigaram a crítica nacional a rever posições, doutrinas e critérios, numa atitude polêmica de resto muito salutar. A atual corrente formalista, de bons críticos jovens, que tem o Brasil, beneficiou grandemente das discussões sobre crítica, historiografia literária e estilística, que desde essa época se feriram em todo o Brasil, acêrca do barroco e do **new-criticism**.

Na sua coluna semanal do **Diário de Notícias**, do Rio de Janeiro, intitulada "Correntes Cruzadas", Afrânio Coutinho continuou a bater-se pelas idéias que defendera na citada tese e, mais adiante, para melhor as concretizar, projetou a obra coletiva **A literatura no Brasil** (14), onde o barroco teve, afinal, o seu lugar bem marcado, enquanto os autores do século XVII sofreram, ali, a primeira abordagem estilística indispensável a enquadrá-los objetivamente no período correspondente (15). Não admira, porém, que uma obra dessa extensão, na qual tantos colaboraram e que pretendia efetuar uma revisão rigorosa, no tocante ao enquadramento estilístico, se haja ressentido, em tantos passos, da inobservância daqueles fundamentos metodológicos que o seu idealizador e coordenador lhe quisera dar. O fato é que o plano da obra e os estudos introdutórios a cada período, hoje enfeixados em volume (16), marcaram época no panorama da crítica e da historiografia literária.

Contudo, não falta quem continue aferrado a critérios obsoletos e perturbadores. Aqui e ali, ainda se notam sinais de resistência (17). Em livros didáticos recentes, para o secundário, muitos dos recalitrantes continuam a ignorar a existência do estilo barroco e dos autores que, no Brasil, o representaram, pelo que se limitam a atribuir-lhes, a êsses prosadores e poetas da nossa "idade barroca", como se exprimiu Groce, "defeitos", "máculas" "vícios" estilísticos que não são, em verdade, senão a tônica por êles voluntária e penosamente buscada para se exprimirem.

Não há que estranhar, pois a escola é conservadora; receia as novidades, em nome das boas maneiras, quando não é em nome da inércia, da acomodação, do "não vale a pena", e não raro em nome de cousa nenhuma. Mas, como quer que seja, essa situação não é só brasileira. Vejo, por exemplo, que em alguns compêndios franceses ainda se usa da mesma cautela no trato do barroco (18).

A aceitação do barroco não implica, necessariamente, na dos autores que a êle pertencem como iniciadores da literatura brasileira. Assim, um dos críticos mais bem dotados que possuímos, Antônio Cândido, escreveu recentemente um livro fundamental para a compreensão do nosso "sistema" literário (19) e, contudo, desprezou inteiramente os autores do século XVII, por entender que a "formação" de nossa literatura nacional se inicia com os árcades mineiros do século XVIII. Qual a razão? É que considera Gregório, Vieira, Botelho de Oliveira e outros fora do sistema. Abandona tudo quanto não haja existido literariamente dentro de uma "continuidade ininterrupta de obras e autores, cientes quase sempre de integrarem um processo de formação literária". Falta, por isto, ao seu monumental ensaio a fase barroca, na qual não encontrou os "denominadores comuns", "que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização" (20).

Como quer que seja, ante o fato histórico da contemporaneidade do barroco com os primeiros dias da nacionalidade, incumbe-nos estudá-lo sob todos os ângulos.

Não se deve, porém, pretender abarcá-lo como se sua floração houvesse sido contínua e uniforme, de Norte a Sul do território. Tal conceito exige retificação.

Considerada apenas a sua ocorrência na literatura e nas artes plásticas, tempos diferenciações como estas: o barroco pernambucano o mineiro, o baiano, o "missioneiro", originários de regiões bem individuadas, distantes umas das outras, tão dessemelhantes que se poderia mesmo falar em áreas contrapostas. E resta considerar a distância cronológica e até psicológica que os separa.

O fundo social em que se produziram — considerado grosso modo — foi também dessemelhante. A economia canavieira da mesopotâmia pernambucana não se repete com as mesmas características no recôncavo baiano. E a economia do ouro, nas montanhas

de Minas, muito menos se identifica com aquelas culturas agro-pastoris ou com o sistema comunitário das Missões.

Tudo isto vem mostrar a inviabilidade de qualquer paralelismo para explicar o nosso barroco. Considere-se, por exemplo, este dado fundamental: não se manifestaram simultaneamente, as letras e a arquitetura de sainete barroco, no Centro e no Norte.

Em Minas, dá-se até o seguinte: a verdadeira floração do barroco, nas artes plásticas, vem depois da poesia dos árcades, Claudio e Gonzaga desaparecem da cena mineira, respectivamente, em 1789 e 1792, e só então o Aleijadinho entra a produzir a nossa melhor porção de arte barroca. Os "passos" que esculpiu para o santuário de Congonhas são de 1796-1799 e os profetas — sua obra-prima, datam de 1800-1810.

Quanto à Bahia, já houve certa concomitância. Podem-se identificar no mesmo espaço e na mesma ficha cronológica os Sermões de Vieira e as igrejas barrocas em que êle os pregou.

Essas divergências ilustram a observação de René Wellek: "Cada uma das várias artes — artes plásticas, literatura e música — tem uma evolução individual, com diferente cadência e diferente estrutura interna de elementos. Sem dúvida que elas mantêm constantes relações umas para com as outras, mas essas relações não são influências que comecem num dado ponto e determinem a evolução das outras artes; devem antes ser concebidas como um esquema complexo de relações dialéticas que funcionam nos dois sentidos, de uma arte para a outra e vice-versa, e que podem ser inteiramente transformadas adentro da arte em que ingressaram. Não se trata de uma simples questão de "espírito do tempo" determinado e infiltrando-se em tôda e qualquer arte. Devemos encarar a soma total das atividades culturais do homem como um sistema global de séries que evoluem por si próprias, cada uma delas com um conjunto de normas que não são necessariamente idênticas às da série vizinha" (21).

Pouco a pouco, entretanto, vai-se alargando o **background** da pesquisa. Nos últimos anos, carreou-se muito material para a grande síntese, que um dia talvez se faça, do Barroco no Mundo. Não mais a "idade barroca" na Itália, ou na Espanha, ou em França, ou em Portugal e no Brasil, apenas — senão uma visão global do problema barroco e as culturas do Ocidente.

Gonzague de Reynold, na sua já longa carreira de ensaísta, acaba de tentar emprêsa semelhante com relação à França, num livro que esclarece precisamente o que, no caso do Brasil, gostaríamos de acentuar aqui, ou seja — "... le baroque, en France, se sont moins de oeuvres qu'une atmosphère" (22).

Com efeito, tivemos um século XVII, na Bahia e em Pernambuco, com uma atmosfera particular, que não se deve confundir com aquela em que vai esplender, ao lado do barroco mineiro, suas artes plásticas, o preciosismo dos árcades ouro-pretanos.

O desmedido, o sensual e o místico, angústia e riso, drama e comédia — vamos encontrar tudo isto na atmosfera em que vive-

ram Gregório e Veiera, Antônio de Sá e Manuel Botelho de Oliveira, atmosfera que Araripe Júnior, crítico do nosso Impressionismo, buscou surpreender (23) e que se insere à maravilha, se a quisermos ajustar numa síntese universal, nos precisos limites da idade barroca.

Na paisagem do Nôvo Mundo é que podemos bem observar o altear-se da onda em que a organização social baseada na Idade Média iria submergir. É ali, junto das igrejas barrocas das ladeiras de Salvador, ao pé dos muros que protegem, em Minas, o barroco retardado do Palácio dos Governadores de Vila Rica, que a Europa Barroca, em agonia, vai operar também a transfiguração de sua vida institucional, através de novas sociedades, com novos problemas e novas soluções.

Vivendo naquele meio, o Padre Vieira, temperamento assomado e apaixonado, um sensual da palavra e um voluptuoso da ação, Vieira irá representá-lo melhor do que ao ambiente metropolitano. Os impulsos gerais a que obedeceu a sociedade brasileira, no século XVIII, foram também muito mais de ordem barroca que clássica. A cupidez dos colonos, a escravidão do índio e do negro, as entradas dos come-matos pelo sertão, a luta dos ambiciosos nas grupiarias e nos socavões em que havia ouro e diamantes, o alvoroço provocado pelas invasões holandesas, o tremendo esforço do Jesuíta para retificar em Cristo a maré montante, — numa sociedade como aquela, a arte literária de padrão clássico devia de ser rejeitada. Já não sabia ao paladar de ninguém. Vieira é o primeiro a fugir à medida quinhentista. É amplo, ornamental, exagerado, amazônico. Como o foram cada um dentro da sua natureza, os seus contemporâneos menores — um poeta pedestre como Botelho de Oliveira, um rimador quase genial como o Bôca de Inferno, um exemplar típico das "clases conservadoras" de então, o nosso Manuel Botelho de Oliveira.

O debuxo geral do quadro está feito. Falta, porém, que a estilística o penetre mais fundamente, para arrancar de textos até aqui tão maltratados, a pérola barroca.

Até lá, talvez seja mais estimulante pensarmos como Wellek: "... A poesia necessita hoje de uma nova poética, de uma técnica de análise, que não poderá ser atingida com uma simples transferência ou adaptação de termos das belas artes" (24).

É então, quando o termo barroco estiver definitivamente consagrado, na terminologia literária, inventaremos outro.

NOTAS

(1) Na dedicatória da *Música de Parnaso*, Manuel Botelho de Oliveira salienta o brilho da poesia espanhola da Idade de Ouro:

"Transformou-se Italia em huma nova Grecia, & assim, ou lhe passarão outra vez a Grecia, ou de novo nascêrão as Musas em Italia, fazendo-se tão conaturaes a seus engenhos, como entre outros o forão no dô famoso Virgilio, & elegante Ovidio, os quaes, vulgarizada depois, ou corrupta a lingua Latina, na mesma Italia se reproduziram no gran-

de Tasso, & delicioso Marino, Poetas, que entre muitos floresceram com singulares credits, & não menores estimações. Ultimamente se transferiram para Hespanha aonde foi, & é tão fecunda a copia de Poetas, que entre as demais nações do Mundo parece que aos Hespanhes adoptáram as Musas por seus filhos, entre os quaes mereceu o culto Gongora extravagante estimação, & o vastissimo Lope applauso universal: porém em Portugal, illustre parte das Hespanhas, se naturalizaram de sorte, que parecem identificadas com os seus Patricios; assim o testemunham os celebrados Poemas daquelle Lusitano Appollo, o Insigne Camões, de Jorge Monte-Mayor, de Gabriel Pereira de Castro, & outros que nobilitaram a lingua Portuguzza com a elegante consonancia de seus metros". — Op. cit., pág. 50.

(2) V. autor cit., *História da Literatura Brasileira*, II, págs. 34, 35, 36 e 50. Eis a referência ao autor da *Ilha de Maré*:

"Quanto a Botelho, seu nacionalismo não era subjectivo, era exterior; apenas queria pintar o Brasil; mas a alma era do cultismo espanhol ou português".

(3) José Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*, Rio, Liv. Francisco Alves, 1929, pág. 9.

(4) Id., ib., pág. 83.

(5) Id., ib., pág. 97.

(6) Id., ib., pág. 97.

(7) Id., ib., pág. 98.

(8) V. Xavier Marques, (Manuel Botelho de Oliveira", introd. ao vol. *Música do Parnaso*, ed. da Academia Brasileira, Rio, s/d., pág. 23. O estudo de Capistrano foi publicado na Revista da Academia Brasileira n.º 16, dez. de 1920. O texto acima resumido é o seguinte: "Definir a concepção dominante é fácil, mostrando como ela surgiu. Logo que se estabeleceram, os Jesuítas fundaram escolas em que hauriu instrução tóda a mocidade brasileira. Com a população pouco densa era limitado o número de alunos. Com a dificuldade de comunicações era impossível acompanhar o movimento intelectual transatlântico. O primeiro fato tornava mais íntimas as relações entre os colegas; todos se conheciam, todos tinham as mesmas idéias, uma podia rematar o pensamento que outro esboçara. Daí a facilidade de alusões, de subentendidos, de meias palavras, daí a naturalidade de conceitos sutis e alambicados. Os conceitos sutis e alambicados eram favorecidos pelo outro fato, que tornando impossível a extensão e variedade de conhecimentos, obrigava a macerá-los, a espremê-los, a torturá-los. Situação semelhante produziu a filosofia escolástica nos tempos medievais; aqui produziu a literatura esotérica dos dois primeiros séculos.

"Para um público e para um autor nestas condições a literatura não tinha a mesma significação que para nós. Era um torneio! no gongorismo, no improvisado, nas rimas forçadas, nas glosas intermináveis consistia o ideal. O critério do mérito eram as dificuldades vencidas, os momentos complicados e imprevistos (...). Até o grande António Vieira transvia-se nesta atmosfera carregada: seus mais belos momentos traem o *alambiqueur de quintessence*, formado na Bahia.

“A esta concepção junte-se a falta de imprensa no Brasil. As obras eram impressas em Portugal, e como o sertanejo procura o conceito mais agudo para se elevar aos olhos do homem da cidade, o colono requintava as produções para celebrar-se entre os reinóis”. — Capistrano de Abreu, artigo publicado no *Globo* em 18.12.1875 e reproduzido sob o título — “A literatura brasileira contemporânea”, in *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano XI, n.º 16, dez., 1920, págs. 266-268. Não é necessário mostrar o gratuito dessas afirmações, o que têm de falso como explicação do estilo barroco.

(9) As *Obras de Gregório de Matos*, ed. da Academia Brasileira, aproveitam os apógrafos divulgados no século XIX por Valle Cabral (1882) e compreendem sete volumes: I, *Sacra*, 1929; II, *Lírica*, 1923; III, *Graciosa*, 1930; IV-V, *Satírica*, 1930; VI, *Última*, 1933. Além de Afrânio Peixoto, principal responsável, colaboraram nesta edição: Constantino Alves, Homero Pires, Xavier Marques e Pedro Calmon.

(10) A sugestão poética das velhas igrejas mineiras, com as obras detalha do famoso toreada mulato, fora registrada, pioneiramente, na poesia de Oswald de Andrade (*Pau Brasil*), 1925). Anos depois o tema volta de maneira mais intensa: Carlos Drummond de Andrade (*Alguma Poesia*, VTCJQ, Cecília Meirelles (*Romanceiro da Inconfidência*, 1953) e Murilo Mendes (*Contemplação de Ouro Preto*, 1954).

(11) V. autor e obra cit., in *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio, n.º 5, 1941.

(12) Onde está, conforme parecer da crítica tradicional, o versejador despiciendo do século XVII, por mau sabedor das regras da sua arte, a análise tem revelado o contrário. É o caso de Manuel Botelho de Oliveira, cuja fisionomia barroca não é senão a resultante de uma procura, de um ato voluntário. É o que êle deixou expresso, no tocante ao barroco, bem claramente na *Ilha de Maré*, nesta estrofe que apresenta, nos dois versos finais, um lema barroco (op. cit., pág. 18):

Por um e outro lado
Vários lenhos se vêm no mar Salgado;
Uns vão buscando da cidade a via,
Outros dela se vão com alegria;
E na desigual ordem
Consiste a fermosura da desordem.

Esse aspecto de aconsciencialização do barroco já foi, aliás, ressaltado no IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros (cujas Atas infelizmente não foram publicadas, o que me priva de citar o título da respectiva comunicação) por um ilustre professor italiano, o Dr. Pasquale Aniel Jannini, ao referir-se ao passo acima transcrito.

(13) Op. cit., págs. 20-21.

(14) V. *A Literatura no Brasil* (Direcção de Afrânio Coutinho, com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho). Foram publicados, até agora, o vol. I, em 2 tomos (Introdução. Barroco. Neoclassicismo. Arcadismo. Romantismo), Rio, Editorial Sul-Americana, 1955; o vol. II (Realismo. Naturalismo. Parnasianismo); o vol. III, tomo I (Simbolismo. Impressionismo. Modernismo), faltando publicar-se o tomo II, que deverá ser o último.

(15) É o caso de Vieira, estudando por Eugênio Gomes com penetrante visão e com o emprêgo de métodos próprios do formalismo crítico.

(16) V. autor cit., *Introdução à Literatura no Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

(17) Falo do Brasil, pois, no que diz respeito a Portugal, o relatório sobre o estado atual dos estudos barrocos ficou a cargo, para este V Colóquio, da Exm.a Senhora Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes, ilustre professora da Universidade de Lisboa.

(18) Ilustra-o bem um livro didático de mérito, este *La Dissertation Littéraire générale*, de A. Chassang et Ch. Senninger, Hachette, 1962, destinado precisamente a orientar os candidatos às Faculdades de Letras. No Cap. V da II Parte, fazem os autores estas “Reflexões Preliminares”, que vale a pena ler:

“Il convient de se documenter et de réfléchir sur des vues nouvelles, qui tendent depuis quelques temps a s’introduire dans la critique littéraire par référence aux *écoles artistiques* contemporaines de la littérature étudiée. C’est ainsi qu’on a parlé du “cubisme” d’Apolinaire, c’est ainsi qu’on peut chercher — d’une façon plus large — à définir un “impressionisme” littéraire, c’est ainsi notamment que depuis 1935-1940 on commence à s’interroger sur le “baroque” en littérature et à s’aviser que préciosité ou burlesque sont des notions un peu étroites pour rendre compte de toute une esthétique qui a précédé le classicisme”. (pág. 142).

Eis aí. Nenhum exemplo poderíamos encontrar, melhor do que este, do cauteloso “pouco a pouco” a que aludimos. Cautela que os autores do compêndio denotam, por mais de uma vez, no correr da exposição, quando dizem: “Il peut être intéressant, en approfondissant ces rencontres et ces divergences (entre “baroque” e “précieux”, como entre “baroque” e “romantique”), d’essayer de saisir l’originalité du baroque et de chercher si la première moitié du XVIIe. siècle ne s’est pas rattachée, en littérature comme en peinture et en architecture, à l’une des deux ou trois grandes tendances esthétiques possibles, le baroque, qui, pour plus d’un critique, prend désormais place à côté du classicisme ou du romantisme” (pág. 144).

O depoimento de Jean Rousset é mais expressivo:

“L’idée de baroque prenait forme et consistance; (...) l’Allemagne et l’Italie lui avaient déjà, depuis une génération, accordé droit de cité, un peu trop généreusement peut-être; la France ne suivait qu’avec retard, et non sans réticences; de fortes raisons pouvaient appuyer ces répugnances”. Autor cit., *La littérature de l’âge baroque en France*. Paris, Lib. José Corti, 1960, pág. 7.

Ou neste trecho: “Le temps de la réhabilitation semble venu; notre âge écletique et anviex s’ouvre lentement à la beauté du Baroque, toute une zone de l’art et de la poésie, plongée jusqu’ici dans la pénombre, remonte au jour”. Id. ib., pág. 253.

Enquanto isto ocorre num dos países mais cultos da Europa, no Brasil a apresentação da matéria, no plano didático, começa a sofrer

a inevitável influência de alguns livros nos quais a revisão do processo literário nacional está sendo realizada com seriedade, a teor dos que citamos antes.

(19) “Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de *decisivos* os momentos estudados, convém principiar distinguindo *manifestações literárias*, de literatura pròpriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Êstes denominadores são, além das características internas (línguas, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico de civilização”. Antônio Cândido, *Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos)*, vol. I, pág. 17, São Paulo, Liv. Martins, 1959.

(20) V. op. cit., v. I, pág. 19.

(21) V. René Wellek e Austin Warren, *Teoria da Literatura*, Lisboa. Publicações Europa-América, 1962, cap. XI, pág. 169.

(22) V. autor cit., *Synthèse du XVIIe Siècle. La France Classique et l'Europe barroque* (Ed. du Conquistador, Paris, 1926, pág. 27.

(23) V. autor cit., *Gregório de Matos*, Rio de Janeiro, Fauchon, 1894.

(24) Autor e obra cit., pág. 170. ,



SUPERLATIVAÇÃO NA LINGUAGEM CORRENTE

IRENE CECHIN

Trabalho apresentado na conclusão do 3.º ano do
Curso de Letras, 1962.

APRESENTAÇÃO

Vivemos um momento em que "tudo é grande", "tudo é exagerado". Certas tendências atuais, observadas em grande número de pessoas, revelam que se procura hoje preferir o êxito à integridade; a prodigalidade à poupança; o bulício à quietude; a complacência consigo mesmo à auto-disciplina; o nôvo ou moderno ao antigo e comprovado; a aparência à verdade; a sociedade à solidão; a ostentação à limitação justa; as **impressões apressadas aos pensamentos refletidos**.

Há uma tendência descomedida para elevar tudo ao grau máximo, absoluta e sinteticamente.

Considerando essa atmosfera, é que nos propusemos fazer um estudo da **SUPERLATIVAÇÃO**. É-nos difícil, porém, apresentar um estudo completo, já pela nossa pouca experiência e pela novidade deste assunto, já pelos múltiplos aspectos de que se reveste o conceito de **SUPERLATIVAÇÃO NA LINGUAGEM CORRENTE**. Procuraremos, todavia, desenvolver e ampliar as idéias que timidamente esboçamos:

- | | |
|---------------------------------|---------------------|
| | Aspecto Social |
| 1) Tendências à Superlativação: | Aspecto psicológico |
| | Aspecto lingüístico |
| | Meios Intrínsecos |
| 2) A Superlativação: | Meios Extrínsecos |
| | Aspectos Especiais |
| 3) Conclusão | |

A) ASPECTO SOCIAL

Somos um país inflacionário, com os custos em permanente elevação. E a inflação cresce assustadoramente... A desvalorização do cruzeiro desce a seu ponto mais baixo. Há, pois, uma tendência a supervalorizar tudo, no campo econômico.

O povo raciocina em face de suas necessidades insatisfeitas e das privações que sofre. Projeta essa angústia, atribuindo valores ao que, muitas vezes, é falaz. Daí a posição vantajosa em que se colocou a linguagem expressiva do povo simples, onde ela tem suas raízes, principalmente pelo descontentamento reinante, em face da espantosa agravação do custo de vida.

A evolução da língua é paralela à evolução político-econômica. As grandes crises políticas ou econômicas têm conseqüências inevitáveis em tôdas as manifestações da vida humana. Nosso escopo é determo-nos a considerar essas conseqüências no campo lingüístico. Examinando, portanto, essa tendência à superlativação, iniciamos com alguns comentários alusivos à propaganda, espelho que melhor reflete a atmosfera criada pela inflação.

A propaganda do comércio desempenha papel social de relevo. E tem como fonte interpretativa a contribuição da linguagem, escrita ou falada (imprensa, rádio).

O propagandista deve encontrar uma denominação para seu produto, denominação essa que não tenha sido registrada anteriormente. A maioria das palavras extraídas do vocabulário comum tem a desvantagem do condomínio, do uso diário na conversação e nas múltiplas circunstâncias em que se apresentam, associadas a tantas idéias diversas, quando são diferentes as ocasiões em que as mesmas palavras são utilizadas. É que também sofreram o efeito da inflação. Tudo isso redundando em prejuízo do propósito fundamental do propagandista: o nome que deve trazer à lembrança dos interessados a idéia daquele produto, excluindo outros. O que interessa, é um nome que substitua o artigo de maneira **completa** e **absoluta**. Se dizemos "Wallig" não pensamos em outra coisa, a não ser numa determinada marca de fogões; não há outra associação de idéias. Porém, pela inflação generalizada, não é suficiente fazer-se a propaganda com apenas essa propriedade indicada por êsse nome "Wallig". É necessário acrescentar-lhe mais uma série de palavras cheias de sentido, de colorido, superlativas: ou na forma ou no significado. Vejamos:

WALLIG

Esta marca simboliza, em todo o Brasil, a *qualidade máxima em fogões*.

Apenas um fogão com esta marca é

LEGÍTIMO — AUTÊNTICO — ORIGINAL

Legítimo — em qualidade máxima.

Autêntico — em avanço técnico.

Original — em estrutura, solidez, beleza.

WALLIG — é certeza de qualidade máxima, milhões e milhões de vezes comprovada.

(Propaganda transcrita do "Jornal do Dia")

O uso de prefixos procura fortalecer a excelência do produto. É o que constatamos, ao observar as seguintes propagandas, transcritas do matutino "Correio do Povo":

Supercestras Columbus

Supersorteio mensal Columbus

Casas ultramodernas

"Brasil progride a jato"

Economia que anula concorrência

Características inédias:

BLOTEC

Em paredes, lugares públicos, cinemas, teatros, ruas, estradas, plataformas, estações, há cartazes que disputam a força **no seu efeito de propaganda**, mensagens onde as formas e a cor se sobrepõem às palavras, cartazes gigantescos com figuras de grandes dimensões. Expressam o máximo, num mínimo de palavras. O propagandista, não encontrando a palavra adequada para o fim requerido, busca, no desenho, na expressão de sua arte, o concurso indispensável à sensação que quer produzir no público. E os traços exagerados, espatulados, falam ao público, impressionam as massas.

A cor também tem o seu significado: acentua um aspecto, mostra o papel simbólico que realiza. Ela tem grande influência sobre nós. E a Psicologia estuda o alcance dessa influência. Na propaganda comercial hodierna, são usadas cores quentes ou contrastantes. O azul quase não é usado, exceto em tonalidades fortes, porque é a cor da profundidade, que contrasta com o pensamento dominante da época, em que tudo são superficialidades, exageros, materialismos, impressionismos. O vermelho é bastante usado, por ser cor excitante, cor da época.

Se abriremos o rádio, que é que ouvimos? Anúncios em que importa o valor cumulativo, recordatório da mercadoria, pela repetição constante da mesma frase ou "slogan". E, pela repetição, consegue-se influenciar a opinião pública, porque resumindo os argumentos, dá ênfase aos estímulos, em tom às vezes dramático, mas rápido e que quase sempre consiste numa incitação adicional, relacionada com as vantagens de possuir o produto ou com o prejuízo decorrente de não comprá-lo.

Concluindo, ainda queremos apresentar outros "slogans" da produção, para melhor ilustrar essas considerações que até aqui fizemos. Observem-se as palavras, seu colorido intensivo, a sua idéia de superlatividade:

*** BIOTÔNICO faz *campeões* de saúde!

*** SIMCA — o carro *de classe*, fabricado no Brasil!

*** FORMIPLAC — custa um pouco mais, porque *é melhor*.

- *** *Segurança completa*: A grande procura é o *maior atestado* de eficiência — MERLI — segurança do seu carro.
- *** *Excursão fabulosa*: PANAMERICAN-POLVANI.
- *** Um *fascinante* convite ao descanso, à cultura e ao prazer: participe de uma das **EXCURSÕES EXPRINTER**.
A EXPRINTER tem meio século de experiências em viagens.
- *** Para você, que deseja um cigarro sem filtro, de *excepcional qualidade*. LANCASTER dá a você todo o puro sabor de fumos de *excelente qualidade*.
- *** EPSOM — a camisa modelo — *impecavelmente elegante*...
- *** CASA "BOA TROCA DE MÓVEIS" — preços *mínimos* e qualidade *máxima!*

Finalizando nossas observações sobre o **aspecto social**, na **tendência à superlativação**, repetimos a afirmativa inicial: a propaganda comercial manifesta a tendência da época atual: **tudo supervalorizar**, quando tudo está desvalorizado pela inflação; tudo superlativar, quando tudo evolui política ou economicamente, talvez numa falsa evolução. E a língua evolui paralelamente ao desenvolvimento político e econômico de um povo. Daí o interesse dos estudiosos da língua em acompanhar a evolução político-econômica e verificar os motivos que justificam e orientam os novos processos de expressão lingüística.

B) ASPECTO PSICOLÓGICO

A linguagem humana reflete as tendências naturais de cada época e de cada indivíduo. Assim, as pessoas de temperamento rude e de sentimentos baixos — propendem, irresistivelmente, para o uso e abuso de expressões grosseiras e vis, ao passo que as pessoas de temperamento honesto e de sentimentos delicados — propendem, naturalmente, para o uso de palavras honestas e delicadas.

Os exageros da linguagem humana dependem muito dos estados emotivos, da constituição nervosa e impressionável das pessoas que falam, de sua maior ou menor sensibilidade.

O uso do **adjetivo** pode, aliás, definir o homem. É possível avaliar o caráter de um indivíduo pela **qualidade** e pela **quantidade** dos adjetivos que êle usa na sua linguagem habitual. Os mais irresistíveis condutores de povos não fazem, freqüentemente, outra coisa, a não ser adular as grandes massas humanas com rotundos e aparatosos qualificativos. Os adutores espalham, a esmo, os mais variados e espadanantes adjetivos; os românticos usam adjetivos artificiosos e aristocráticos; os ignorantes usam os adjetivos ao acaso. Todos êsses aspectos interessam ao nosso estudo de "TENDÊNCIAS À SUPERLATIVAÇÃO".

Vejamos a caracteriologia: um tipo, principalmente o emotivo, indivíduo cujas emoções são intensivas e freqüentes, usa, com acentuada freqüência, a **superlativação** em seu linguajar. É um extrover-

tido cuja tendência à intensidade das manifestações lingüísticas se exterioriza num superlativismo característico. Por exemplo: **atroz detestável, terrível, horrível** (em vez de: "desagradável"). É pessoa que se "derrama para fora" e de tendências à **compaixão**. É comum ouvir-lhe exclamações, geralmente no diminutivo, com valor intensivo: **pobrezinho, coitadinho, cedinho**, etc. Tendência à **intolerância**: É tôda aquela energia interior que parece ter evasão na maneira como são pronunciadas palavras intensivas: **horrível, detestável, insuportável** (acentuando bem as sílabas). Tendência à **servilidade**. extremista, é prestativo até o exagêro. Suas cortesias características: **Com muitíssimo prazer, com o máximo dos prazeres, mil vêzes agradecido**. Pede mil e uma desculpas.

Dominada pelo desejo de dar na vista, com sua tendência para o exagêro, a mulher acentua diminutivos ou exagera certos modos de pronúncia das classes sociais que julga "chiques". O léxico feminino parece ser mais rico em **superlativos e expressões enfáticas ou de êxtase**. As mulheres dizem: — É uma amor de bom! Fica-lhe bem, imenso bem! A Isabel ia linda, linda, linda!

As mulheres, naturalmente inclinadas para o exagêro, são as que cultivam, em especial, o **calão enfático**. Também em estrangeirismos referentes a modas, a mundanismos, a produtos de beleza, a locuções consideradas chiques, a frases oriundas de teatro ou cinema. E parece interessante acentuar que também a linguagem sofre a influência da moda. Evidentemente, a moda influi nos dois sexos, mas atinge os seus máximos, como sempre, na mulher. Por amor de exibicionismo e de excentricidade, as jovens adotam dizeres viciosos, hibridismos surpreendentes e metáforas espadanantes.

Após têmos examinado, em rápidos traços, a psicologia do homem emotivo e a psicologia da mulher, podemos incluir, nestes aspectos da tendência à superlativação, uma breve observação sôbre a fase mais risonha e bela da vida, a ADOLESCÊNCIA, chamada por G. Viana "**O SUPERLATIVO DA VIDA**". Essa idade possui uma espécie de temperamento que se deixa comover profundamente na presença de belos objetos e ideais. Inconsciente e automaticamente, as sensibilidades refinadas dos jovens levam-nos a expressões superlativas invulgares. Extasiam-se diante do belo ou sentem todo o horror do tétrico, e ouvimo-los dizer, em variadas exclamações: **Ma-ra-a-a-vi-lho-o-so-o! Está o fino! o máximo! Não tem no mapa! Fechou o comércio!** (querend odizer: Outro igual não se compra!) — **Está horrí-i-ivel! Tenebro-o-so!**

E, para concluir, ainda poderíamos acrescentar: Muitas vêzes, encontrando dificuldade de expressão, deficiências peculiares a cada um, e, tentando externar os sentimentos de que está possuído, o falante se vai servir dêste instrumento de comunicação: **o superlativo**. Recorre ao **pouco**, para dizer o **muito**.

C) ASPECTO LINGÜÍSTICO

É próprio das formas da linguagem corrente o gastarem-se muito depressa. A parte intensiva se apaga e não resta senão uma expressão incolor. Desgasta-as o emprêgo insistente, tanto em seu sentido, quanto em sua forma. Com o uso a palavra perde o brilho.

Quando se trata, por exemplo, de expressar uma idéia em tôda a sua intensidade, vêem-se cair pouco a pouco, em descrédito, as palavras mais fortes e, finalmente, em desuso, porque já não são mais expressivas.

Alguns adjetivos que, por si, encerrariam idéia de superlativo, pouca expresividade ainda traduzem na linguagem corrente. **Admirável, grande, perfeito, magnífico, glorioso** constituem moeda corrente e miúda, na profusão milionária com que vão cintilando aos olhos do ouvinte. **Ótimo** é um superlativo sem maiores compromissos, elogio "sovado" e fácil que nasce feito e parece dizer... **muito**, mas acaba desvalorizado pela fôrça da inflação. É como que dizer **ótimo**, para livrar-se da obrigação de pesar as coisas, medindo e hesitando entre os valores precisos, e sabendo bem que êsse superlativo é um "balão furado".

Costuma-se afirmar que as palavras têm o significado que se lhes atribui. É certo que o significado das palavras evolui; é certo que a Semântica nos apresenta bastantes exemplos de vocábulos que, primitivamente, eram expressivos, intensivos e que mais tarde deixaram de o ser, e vice-versa.

Na verdade, cada época concebe determinado grupo de palavras para significar características intensivas, as mais correntes na linguagem vulgar. São certas palavras-chave, que dominam com mais ou menos rigorismo, durante determinados períodos, formando e conformando o vocabulário do homem de rua, em suma, do vulgo. Estas palavras apresentam-se sob formas diversas. Por exemplo, em vez de dizer: **ótimo**, agora se diz: **o máximo, o fino, o legal, o fabuloso, bacana**. E, na verdade, algumas pessoas tornam-se fraguesas assíduas dêsses vocábulos, repetindo-os constantemente e por êles vão-se deixando quase suggestionar. No critério ou julgamento de valores, já não há uma hierarquia, já não há um discernimento entre o real e o ideal. Essas palavras ou expressões superlativas, à fôrça de repetidas, conduzem à vacuidade mental, ao verbalismo vazio e enganador.

O uso moderado dos adjetivos é muito importante, pois o adjetivo constitui uma arma tão opoderosa, que até consegue seduzir e conquistar as multidões. Porém, a prodigalidade no emprêgo dos qualificativos e o uso exagerado acaba por desvalorizá-los.

Em nossos dias, como já o afirmamos, na linguagem corrente, revela-se uma tendência excessiva para a adjetivação e, mais que isso, para a superlativação, fenômenos que refletem a época, e, por sua vez, a conformam, em impressionante ação recíproca.

Fenômenos, não só os lingüísticos, mas também os sociais atingem a linguagem corrente: as palavras nobres e grandiloquas também, por vêzes, se generalizam, e, portanto, descem. Habitados a sensações fortes, e cada vez mais desejosos de sensações ainda mais fortes, os homens procuram, em certas épocas, sempre **o mais** e **o maior**. A aclimatação dos superlativos: **superluxo, superprodução, superfilme, ultralar** ou de expressões eqüivalentes reflete um estado de espírito correspondente às aspirações e às insatisfações das massas humanas, cada vez mais insaciáveis e mais desejosas de coisas monumentais ou... sensacionais.

A necessidade de expressar os estados d'alma nunca se acha completamente satisfeita; porém, intentando satisfazê-la, o espírito é levado a reparar o desgaste que sofrem as formas, criando, portanto, ou transformando certas formas lingüísticas com nôvo sabor semântico.

A SUPERLATIVAÇÃO NA LINGUAGEM CORRENTE.

1) A propósito da denominação de grau superlativo ou superlativação.

GRAU — em sentido lato, a "idéia aumentativa ou diminutiva que se pode aplicar ao volume ou extensão nos sêres, (representados por substantivos); à qualidade, nos adjetivos; à ação, nos verbos e às circunstâncias, nos advérbios".

Em sentido estrito, superlativo é a forma que assume um nome adjetivo, quando à qualidade se aplica um grau ou "idéia aumentativa".

É sempre possível conferir maior ou menor intensidade aos conceitos expressos pela maioria das palavras. Chama-se, portanto, **superlativo** ao refôrço que nos é possível dar ao conceito expressos pela palavra. É, por assim dizer, o matiz que se dá à idéia expressa pelo vocábulo, para que essa idéia seja o mais **intensa** possível. Para produzir êste fenômeno da língua, o Português herdou os diversos processos do Latim. Não dêstes nos ocuparemos, mas daqueles múltiplos processos de que a linguagem corrente lança mão para obter maior expressividade duma idéia, dum pensamento, caracterizando-os. Caracterizar é fazer notar as propriedades essenciais ou acessórias, naturais — ou adquiridas, duráveis ou efêmeras de um ser, de uma coisa, de um ato, de uma noção qualquer. A linguagem tem processos para traduzir êsse fenômeno. Procuraremos examinar alguns dêstes meios expressivos.

II) A superlativação na linguagem corrente.

Inicialmente convém notar que a superlativação, na linguagem corrente, é dos pontos mais interessantes de um cuidadoso estudo,

pois outra coisa não constitui senão observação e meditação de novos processos de gradação e de intensificação do fenômeno lingüístico, tais como: utilização de certo número de formas de linguagem intensiva, contidas no armazém **real** dos fatos, e utilização de outras determinadas formas lingüísticas, contidas no armazém **ideal**, suprindo êste o que aquêle apresenta de insuficiente, para expressar, como se deseja, idéias ou pensamentos. São formas lingüísticas, influenciadas por fatores vários, alguns dos quais já esboçados neste trabalho. Agora, deter-nos-emos a analisar concretamente alguns casos mais freqüentes de superlativação. Dividiremos o estudo em duas grandes partes:

A) Meios intrínsecos, na superlativação;

B) Meios extrínsecos, na superlativação.

Esta divisão nos é fornecida pelo grande Brunot, em sua monumental obra "La Pensée et le Langage". Com algumas adaptações ou acréscimos, manter-nos-emos sob a orientação daquele lingüista. lingüista.

A) MEIOS INTRÍNSECOS.

1. A ENTOAÇÃO.

A importância da entoação é decisiva. O caráter de um objeto, de um ser pode estar implicado no tom próprio da frase. Então, simples palavras podem significar um tom de ironia, de desprêzo, de confiança, de esperança. O tom é o elemento caracterizador.

"**Era bom**" — pode ser simples constatação de uma verdade, mas também expansão de júbilo, em êxtase, uma intensificação das características de certo fato, objeto ou pessoa, conforme o tom em que é vocalizado aquêle pensamento.

"**Isto é que é professor!**"

A entoação aqui é o elemento caracterizador. Conforme a maneira de entoar, a frase significa ótimo ou péssimo professor. Portanto, o adjetivo não é sempre o elemento fundamental na intensificação da característica dos seres. O **tom** substitui perfeitamente o adjetivo.

"**Faz um sol! . . . uma poeira! . . .**"

"**É homem de uma erudição! . . .**"

Nestas frases, a presença do artigo indefinido, pelo seu caráter intensificador auxilia a função adjetivante dos substantivos. A ausência do artigo indefinido implicaria numa diminuição de intensidade e, não considerada a entoação, numa simples enunciação do fato. Exemplo de intensificação na entoação prolongada de um som lingüístico: **Você é vadi-i-i-o!** . . .

O elemento intensificador repousa na vogal **i**.

2. A ESCOLHA DE PALAVRAS.

Certas palavras, sem que algo, na sua forma própria, as marque por seu papel, despertam idéias de luxo, de beleza, de elegância, enquanto que seus **sinônimos** exprimem miséria, feiura... Uma casa (que originariamente é uma morada) pode ser um castelo, um palácio, uma palhoça, uma tapçera, um casebre. Semelhantes fenômenos podemos ter em vista, ao tratar de superlativação, que é a expressão de uma idéia, no seu grau máximo de intensidade, de beleza, de impressionabilidade, de pavor etc... Porém, antes de tudo, é preciso tornar a lembrar que, na época atual, em qualquer meio social, existe a tendência sempre mais acentuada de impressionar os ouvintes, os admiradores, os próprios amigos, ainda que exagerando os fatos e empregando processos de superlativação, muito mais **quanto ao sentido** do que quanto à **forma**. É comum ouvirmos: **O drama foi excepcional!** (quando foi um drama que apenas satisfaz ao gosto das pessoas de mediana cultura).

a) Certos adjetivos, por si sós, exprimem um alto grau: **admirável, arrebatador, arrasador, colossal, lindo, excelente etc. Fêz um trabalho excelente!** (o adjetivo substitui perfeitamente o superlativo sintético **ótimo**).

Superior — forma de comparativo de superioridade, hoje equivale perfeitamente a um superlativo absoluto: Chocolate **superior**. Civilização **superior**.

b) Certos adjetivos negativos também valem por superlativos: **incansável, incomparável, inestimável, incrível**. Felicidade **incomparável**. Fulano é **incansável** (dedicadíssimo).

Em se tratando de adjetivos negativos, é comum em linguagem corrente, ouvirmos êsses empregos: Aquilo foi uma coisa **incrível!** Em vários casos, tal termo poderia exprimir uma coisa fora do comum, que pasmou a todos. E repetimos: A superlativação se evidencia não só pela idéia que a palavra por si exprime, mas pela ênfase com que é pronunciada, com prolongamento, por exemplo, da vogal **i**.

Exs.: Você é **impossível!** (para alguém que é muito espirituoso ou demasiado ativo ou demasiado renitente em agir). Luís foi **inexorável** na decisão (intransigente, demasiado enérgico, severíssimo) ou para indicar a persistência em certa atitude.

b) Adjetivos substantivados têm seu largo emprêgo na linguagem superlativa corrente. Alguns exemplos: **O fino! É a última! É o máximo que se pode fazer! Essa foi a última!** Verifica-se a alteração do sentido da palavra "a última"; não significa derradeira, mas algo em seu grau máximo de intensificação.

c) Em busca de maior expresividade, por estarem desvalorizadas certas formas superlativas, a linguagem popular aproveita curiosos processos superlativantes, seja escolhendo palavras cheias de colorido, por si, com força superlativa, seja criando novas formas. E, após um levantamento feito entre colegiais, observamos que, nes-

sas novas formas, há um gosto especial pela **escolha de adjetivos** com sufixo — **al**, muitos, derivados de substantivos. E colhemos, para significar **ótimo, muito grande, belíssimo**, como mais freqüentes: **bossal, colosal, descomunal, especial, excepcional, legal, maioral, piramidal, sensacional**.

3. FORMAS ESPECIAIS.

a) O superlativo sintético em **íssimo**, que a língua escrita tolera, pouco ou quase nenhum significado de expressividade representa para a linguagem corrente de nossos dias.

b) Também as formas alatinadas em **imo** e **érrimo** — são puramente literárias, e, mesmo dentro da literatura, de uso pouco freqüente. São construções mais ou menos artificiais, sem grande função expressiva, quase valores mortos. Por isso, não é de estranhar que as formas em **érrimo**, pelo que têm de invulgares e mal soantes, sirvam para fins humorísticos.

"**O baile estêve chatérrimo**" — dirão dois rapazes, em estilo de gíria. Emprega-se com abundância e com espírito jocoso êsse sufixo superlativante: "**Neste tristérrimo lugar**". O inadequado do... seu emprêgo, em adjetivos que só comportam o sufixo **íssimo**, já diz bastante sôbre o caráter irônico ou pejorativo da expressão.

c) **Certos superlativos**, em linguagem corrente, já perderam o sentido superlativo. Por isso, quando empregados em sua forma superlativa, não querem significar intensidade na característica do ser. Pelo desgaste sofrido por aquelas formas, procura-se construir outras, com acréscimo de partículas sufixais que dão mais ênfase.

"**Seu grandessíssimo preguiçoso**" (parece que a incidência nas sibilantes é como que uma evasão àquele sentimento de cólera que invade o falante). "**Fulano pobressíssimo!**" (reduplicação da idéia superlativa para mais facilmente mover à compaixão os ouvintes).

4. PREFIXOS.

Talvez hoje em dia, o superlativo mais empregado seja o formado por prefixos. Antepondo-se ao adjetivo certos elementos (prefixais), damos uma idéia superlativa ao elemento caracterizado.

Os mais usuais são: **arqui, extra, ultra, hiper**.

"**Fulano é arquimilionário**" (muitas vezes milionário).

"**Esta coisa é arquivelha**" (coisa muito antiga).

Supersensível e **supra-sensível** são sinônimos.

Comprovamos, pois, que, com os prefixos, temos outra maneira de intensificar a característica do ser a que nos referimos: colocamos antes do adjetivo um morfema, destinado a modificar mais ou menos a significação primitiva, visando, na alteração semântica introduzida, um sentido superlativo.

Em propagandas, principalmente no ramo comercial, é onde melhor se verifica tal processo: **Ultragás, ultramoderno, superflit, casas ultralar etc. "Viaje num superconfortável avião"**.

Muitas vezes êsses elementos se combinam e comumente vemos: **Extrasuperfino!** (em propaganda comercial, pela imprensa ou pelo rádio).

B) MEIOS EXTRÍNSECOS PARA ELEVAR OU MODIFICAR UMA CARACTERÍSTICA.

1. FÓRMULAS.

Muitas vezes, demaraca-se a caracterização por fórmulas que solicitam o consentimento do ouvinte, ou por expressões que a isso o obrigam: — **É inteligente o rapaz, não é? — O rapaz é prestimoso, não é verdade? — O velho é paciente, não é mesmo? — Ela é sincera, vá lá!** (Vá lá! — marca uma concessão como arrancada à fôrça).

Para sublinhar a característica, servimo-nos da expressão: "**se quiser**", maneira bastante democrática de nosso linguajar corrente, quando queremos indiretamente impor nosso juízo, nossa apreciação, no mesmo grau de intensidade e mque o temos, mas receosos de agir distatorialmente. Sob a capa do "**se quiser**", escondemos o lobo da imposição. "**Foi uma festa, e uma festa bonita, se quiser**".

Outra expressão muito usada é "**olhe lá**". O termo lá, que acaba por não significar lugar algum, insiste sôbre o grau (intensificação **no prestar** atenção) "**Olhe**" não significa propriamente observar algo, mas **toma rinterêsse**. Significa ainda: **verdadeiramente, realmente**. "**Ele é mentiroso, e olhe lá, nos tem prejudicado**".

Há casos em que, para enriquecer a intensidade do elemento caracterizador, empregam-se expressões como: "**Só digo isso: o negócio é perigoso**".

2. REPETIÇÃO DA CARACTERÍSTICA.

A repetição do nome produz um efeito de intensidade, de superlatividade, que a linguagem familiar conhece perfeitamente, e a literatura aproveita. A repetição do nome serve para exprimir, com alvoroço do sentimento, uma quantidade avultada ou ilimitada, o redôbro da palavra é sinal de energia psíquica. Se quisermos reforçar a impressão que nos causa uma face pálida, não temos mais que repetir o adjetivo: **Foi ficando pálida, pálida, pálida...** Como vemos, a repetição do nome, não só dá intensidade à representação do fato, mas ainda o envolve de certo mistério. **Era uma noite escura, escura escura... Eu, ao certo, ao certo, não o sei.**

Estas repetições retratam sobretudo a fala ordinária. São naturalidades da linguagem: **Hoje em dia, só se faz política, política. Este é, na verdade, um homem, homem... Ele só quer mimos e mimos.** A linguagem familiar conhece muito bem o efeito que a repetição produz: **intensidade** à palavra cujo valor semântico se deseja acentuar.

3. PRESENÇA DO ADVÉRBIO.

a) A linguagem popular, em busca de maior expressividade, quase que abandonou os advérbios intensivos: **muito, bastante etc.** Porém, na linguagem familiar, dizemos: **É mais que muito sábio... É mais que muito esperto... Ela é muito mãe.** Neste caso, o advérbio modifica o substantivo **mãe** e podemos dar-lhe função atributiva, visto o termo **muito** equivar a **grande** (ainda que a frase possa ser substituída por: **Ela é muito maternal**); mas, com esta frase, já se verifica menos intensidade no sentido.

Nunca pareceu mais filho de tal pai. Temos o substantivo **filho**, usado como se fôra adjetivo, o qual, juntamente com o advérbio, forma superlativo. Caso idêntico ao anterior.

b) **Ele é rico a valer. Ele está extremamente nervoso.**

O povo, desconhecendo os advérbios cultos: **consideravelmente, prodigiosamente, excessivamente etc.** e achando desbotado e frouxo o advérbio **muito**, inventou curiosos processos superlativantes, que a literatura imita com vantagem. Assim: **Um homem podre de rico. Um homem rico até mais não poder. Um homem rico como um porco. Ficou louco de contente. É doente de preguiça. Rico a valer.**

Outro processo superlativante e muito em voga é o de intercalar-se a expressão "**de fato**". **Maurício é de fato estudioso. Maurício é estudioso de verdade.** (Equivale a **realmente** ou **muito**).

c) Como vimos, na linguagem corrente, surge a arte de substituir os advérbios por locuções de forte poder expressivo. Quase sempre isso sucede, quando se quer dar às representações um tom intensivo, superlativante. Vejamos: Em vez de dizer: "**Pôs-se a chorar muito**" — diz-se: "**Pôs-se a chorar, a chorar...**" A repetição do verbo sugere continuidade ou aumento das emoções.

d) Semelhante ao anterior e também muito usado pelo povo, é o processo que consiste em ligar as duas formas verbais por um **quê**: **Bate-que-bate** (ou ainda: **bate que te bate**), como se disséssemos: **batendo muito, continuamente...** Aqui a noção de intensidade anda ligada estreitamente à de movimento.

4. COMBINAÇÃO OU REPETIÇÃO DO ADVÉRBIO.

A combinação ou repetição do advérbio, não só dá intensidade à representação, mas ainda a envolve de certa perturbação afetiva. **Ela está muito, muito doente.** (A construção é elegante e sóbria, o sentimento de compaixão parece traduzi-lo o "muito").

5. EMPRÊGO DO ADVÉRBIO DE MODO

É o processo essencial. O advérbio junta-se a um adjetivo com o qual concorda em significação. Ex.: **bàrbaramente rude**.

Depois, num emprêgo mais lato, esvazia-se de seu sentido próprio, para não conservar mais que um valor quantitativo, intensivo. E então, quantas vêzes soa aos nossos ouvidos:

Aquêle rapaz é bàrbaramente querido. . . . bem mal educado; rudemente delicado. O enfêrmo está bem mal.

Êsses advérbios são, em geral, advérbios de sentimento, que traduzem uma impressão inicialmente recebida: **um lugar horrivelmente escuro, uma passagem terrivelmente perigosa, um texto pavorosamente chocante.**

Porém, muitos dêsses advérbios perderam a fôrça da expressividade, degeneraram e desceram a um emprêgo banal. Prefere-se hoje dizer: **pavoroso ,horrível, terrível, etc.**

6. ACRÉSCIMO DO NUMERAL

Em lugar de fazer preceder o adjetivo por um advérbio de quantidade, faz-se seguir ao adjetivo um numeral que tem significado de máximo:

Ignorante a dois por quatro. É coisa legal: oito ou oitenta. Você é jogador número um. O espetáculo estava cem por cento.

Fazer o diabo a quatro. Expressão equivalente seria: **pintar o sete.**

Ela é cheia de nove horas: pessoa muito complicada, exigentíssima.

7. EXPRESSÕES EXCLAMATIVAS

Na exclamação, o advérbio de quantidade é elemento importante, além de outras expressões que também intensificam a característica.

Tão: **Isso é tão confortável! . . .**

Como: **Como isso é bonito!**

Até que: **Vejo agora até que ponto és ignorante.**

Que: **Que boa idéia êle tem!**

Nas exclamações, em lugar de pôr pura e simplesmente o adjetivo em relação com o determinado: **Esta aluna é inteligente! dor-se-á. É de uma inteligência! . . . Êste animal é de uma ferocidade!**

8. HEBRAÍSMO

Êste processo é antigo. Encontra-se muito na Bíblia; e como a Bíblia é uma produção do gênio hebraico, na parte que se chama Velho Testamento, ficou a chamar-se essa construção, poética e simplificadora "superlativo hebraico".

A rosa é a flor das flores.

Exprime-se a idéia de forma muito condensada, repetindo o substantivo e pondo-lhe ao meio uma preposição.

O Rio dos reis: significa aquê que é verdadeiramente o rei entre os reis, aquê que representa melhor o tipo Rei.

Isto é o fim do fim, o mal dos males. A cidade das cidades, a mãe das mães.

9. REFERÊNCIA A UM TIPO

Esta maneira de intensificar a característica é expressa acrescentando-se a palavra **tipo** ao nome:

Era o tipo de malandro. Era o malandro típico.

Mas esta expressão é, muitas vezes, incompleta, se não se faz a adição de: em **seu trajar, seu porte, sua originalidade**, etc.

Na referência a um tipo, temos a impressão de que a maneira de falar é bastante abstrata, preferindo-se, de ordinário, a comparação com uma sorte de padrão, do qual se pode apresentar como modelo a expressão: **bela como um anjo**.

10. GRAU PELA CONSEQÜÊNCIA

Indica-se também o grau pela conseqüência. O ponto ao qual chegou a qualidade é tal que ela comporta certas conseqüências.

Ato cômico que faz rir. Canção triste que fazia chorar.

São conseqüências que se expressam para marcar a extremidade da característica.

Pode-se apresentar a conseqüência e a proposição verdadeira, em correlação com a oração principal.

Ficou cego a tal ponto que não se apercebeu de mais nada...

11 GRAUS E LIMITES

a) Quando se diz: Isso é verdadeiro até a um certo limite, restringe-se a característica "verdadeiro", detendo-se a um certo ponto.

b) Mas, às vezes, a gente se serve do mesmo procedimento de linguagem para marcar que o desenvolvimento atinge um certo grau, ultrapassa-o e então a característica se transforma em outra, que é como que a extremidade da primeira: **indulgente até à fraqueza; bravo até a temeridade; penetrante até a intransponibilidade**.

c) Se o limite é a possibilidade, dir-se-á: **inteligente quanto possível**. Ou a adjetivo possível se junta à característica: **dê-me uma maçã a mais madura possível. Ele lhe dava tôdas as distrações possíveis**.

C) ASPECTOS ESPECIAIS

Não é justo fazer-se um estudo sobre a superlativação na linguagem corrente, de maneira bastante esquemática e geral, sem exa-

minar alguns aspectos especiais desta superlativação, composta de características diversíssimas, correntes no trabalho do linguajar comum, presentes no convívio social de tôdas as horas:

1. A COMPARAÇÃO

Na comparação intensiva de uma qualidade, o adjetivo correspondente pode assumir o aspecto especial dito de comparativo, relacionado a conjunções comparativas. A qualidade expressa é posta em comparação em dois sêres ou grupos de sêres (D.F.G.)

Designando um atributo, uma qualidade, é natural que o adjetivo tenda sobretudo para a expressão intelectual, abstrata. A representação é puramente intelectual. E se êsse mesmo adjetivo figurar na comparação da característica entre dois ou mais sêres, também se apresenta como maneira de falar abstrata. Na intensificação da característica, prefere-se, de ordinário, a comparação, não a comparação rigorosamente gramatical, mas a comparação "figura", da qual, posteriormente, resulta a metáfora. Ex.: **É paciente como Jó.**

E na linguagem corrente é talvez o processo mais variado e o mais utilizado, para intensificar a característica. E daí é que temos: **bela como um anjo.**

a) Entre essas construções comparativas, umas exprimem desenvolvimento da ação: **comer como um boi**

comer como um porco

b) Outras marcam o desenvolvimento de uma maneira de ser:

prêto como carvão

pálido como cera

frio como gêlo

Embora comparativas, essas construções são um meio de expressividade, porque, transformadas em imagens, marcam que a qualidade observada num objeto ou num ser aí existe, em grau emiiente. E a prova também está no fato de que muitas foram deformadas:

Falar francês como uma vaca espanhola.

c) Pela posição de certos têrmos comparativos, atinge-se certo grau de intensidade para o adjetivo:

Vadio como êle só, como ninguém, como não há outro (que não é normal, que não tem explicação, pra chuchu, pra burro).

Fino como êle só, esperto como nisguém.

Espingarda boa como não havia outra.

Inteligente e talentoso como não há segundo.

d) Às vêzes, suprime-se o advérbio mais:

Êste tecido é o que há de forte, de resistente.

É um homem dos mais leais (também um superlativo por comparação).

e) O recurso da imagem, da comparação traduz mais intensamente a idéia superlativa. Ex.: **Está magra como isto** (e mostra o dedo) — recurso da imagem e comparação combinadas.

Como vemos, o povo, na preocupação de reduzir a concreto a idéia abstrata de intensidade, recorre mais frequentemente à comparação do que a outro processo superlativante; para isso inventou uma curiosa fraseologia, que compreendemos perfeitamente, mas que desafia, por vêzes, a análise mais subtil.

E como final da comparação, apresentamos algumas comparações vulgares:

alto como tôrre	perfumada como flor
ligeiro como lebre	áspera como lixa
altivo como lorde	sujo como porco
luxuoso como palácio	suave como cetim
mole como pão (manteiga)	macio como veludo
leve como pluma	duro como pedra
vaidoso como pavão	surdo como porta

As velhas imagens, adjetivos, comparações e provérbios sempre repetidos tornam-se enfadonhos e denotam pobreza de espírito. Devemos criar uma linguagem nossa, leve, vívida.

2. DIMINUTIVO NA SUPERLATIVAÇÃO.

É curioso observar que os adjetivos tomam muitas vêzes a forma diminutiva para intensificar a característica do nome:

Bonitinho, queridinho, coitadinho (além da expressividade, nota-se um certo carinho).

a) **Ele está chegadoinho ao fogo**, isto é, muito chegado.

Juntinho à janela, isto é, muito junto

Estão agarradinhos ao salário, isto é, muito agarrados.

Está sossegadinho, escondidinho, coladinho.

Há uma espécie de antinomia entre a denominação de diminutivos e a significação de alguns adjetivos e advérbios, que tomam sufixos diminutivos, como ressalta dos exemplos acima. Tais adjetivos ou advérbios diminutivos aproximam-se, por sua significação intensiva, da idéia expressa pelos superlativos. Há nesses modos de dizer, apesar do diminutivo na forma ou sinal, o aumento ou intenção na idéia, na coisa significada; o sentido, parece, assenta aqui numa relação de contraste entre a palavra e a idéia, que ela traduz.

3. A CÔR NA SUPERLATIVAÇÃO

As côres têm uma grande influência sobre nós, e a psicologia estuda o alcance dessa influência. Não nos cabe aqui o estudo sobre o simbolismo das côres, na Arte. Apenas apresentaremos alguns exemplos em que a idéia superlativa vem ligada ao nome da côr, que, em última análise, há qualquer associação com a côr em si mesma.

a) **Mentira branca** (inocente, sem intenção de causar dano)

b) **Fulano é um dos que não põem pé em ramo verde**: quando se diz de alguém que não põe em ramo verde é o mesmo que dizer que se trata de pessoa extremamente desconfiada.

c) **Riso amarelo** (riso contrafeito).

d) **Os dois andam em azul profundo** (aplica-se a dois namorados; nesta construção houve uma reduplicação da idéia superlativa, pois, na linguagem corrente, dizer-se que **está; tudo azul** é o mesmo que dizer: Está tudo òtimamente bem).

e) **A coisa está preta**: para dizer que a situação está pèssimamente lamentável.

4. ALGUMAS FORMAS ESPECIAIS

a) **Fé que transporta montanhas**: fé absoluta, capaz de produzir milagres. Nessa construção, a conseqüência (que transporta montanhas) é que representa a intensificação da característica.

b) **Negócio da China**: altamente vantajoso, que deixa lucros extraordinários. À China sempre se associou a idéia fabulosa de tesouro, riqueza. Por isso é que seu emprêgo tem, na frase, um sentido superlativo.

c) **A olhos vistos**: de forma evidente, de modos tais que são a olhos vistos, ou vistos com os olhos. Diz-se que uma criança cresce a olhos vistos, que uma cidade progride a olhos vistos, quando tal coisa ressalta ao primeiro exame, ou mesmo de relance. Em francês existe a mesma locução: à vue d'oeil. De um indivíduo envelhecido e debilitado diz-se il décline à vue d'oeil.

d) **Bicho-de-sete-cabeças**: é uma forma popular de aludir à famosa hidra de Lerna, o monstro que Hérculos matou, realizando a mais difícil de suas façanhas. Fazer bicho-de-se-cabeças de alguma coisa é exagerar as dificuldades, por falta de disposição para realizar uma tarefa, ou enfrentar uma responsabilidade.

e) **Cheio ou cheia de não-me-toques**: locução popular que designa criaturas ciosas de sua pessoa, infensas a aproximações exageradas, ou a intimidades excessivas.

f) **Estar cheio da gaita**: ter dinheiro. Usa-se também a expressão **estar cheio** para significar que alguém é orgulho, extremamente vaidoso.

g) **Cara de poucos amigos**: fisionomia severa, carrancuda, reveladora de temperamento irritadiço.

h) **Colosso e colossal**: Colosso era o nome dado pelos gregos às estátuas de deuses, de proporções extraordinárias. A principal era a de Apolo, conhecida como o Colosso de Rodes. De colosso surgiu o adjetivo colssal, corrente na linguagem corrente.

i) **Bacanal**: provém de Baco, divindade da mitologia romana. Em honra dêle promoviam grandes festins de orgia. Daí dizermos, referindo-nos a uma festa orgia: É notável a bacanal a que se entregam certos homens.

Na gíria é empregada a palavra **bacano** por alusão a Baco ou a bacanal. É um brasileirismo já familiarizado com o linguajar de rua. Atualmente vale por um superlativo: lindíssimo, legal, máximo, fino.

j) **Figadal** (sinônimo de íntimo, profundo, intenso) — deriva de fígado. A palavra surgiu entre os antigos pelo fato de se considerar o fígado como a sede orgânica do ódio. Daí a expressão bem conhecida: **inimigo figadal**.

l) **Tratante**, até o século XVI, indicava título de alta distinção para um homem de negócios. Era termo que honrava sobremaneira os grandes comerciantes da época. Por falta de escrúpulos de alguns detentores deste título, tratante degenerou-se em expressão pejorativa.

m) O brasilirismo **ursada** (traição da parte de um amigo) originou-se de urso. Por quê? Afirma mos caçadores que esse animal é de índole traiçoeira. Anda manhosamente em torno da vítima, sem olhá-la de frente, à semelhança de um amigo falso.

n) **Da pontinha** — é uma expressão acompanhada sempre pelo gesto de segurar a pontinha da orelha. É equivalente a "o fino", "o superior" etc.

5. EXPRESSÕES TÍPICAS PARA DESIGNAR BELEZA

A mulher é, e mtôda a parte, simultâneamente com o amor, o tema central ou ,pelo menos, principal da literatura e da linguagem masculina. Tudo gravita à volta do eterno feminino, ora fazendo o elogio da mulher, ora celebrando suas proezas, manhas ou astúcias. E é interessante acentuar que também a linguagem sofre a influência da moda, para referir-se ao belo sexo. E certas expressões típicas para elogiar e celebrar os encantos e as qualidades da mulher estão na moda. Os termos empregados atualmente, já não serão os mesmos daqui a 10, 20, 30 ou 40 anos, para expressar a beleza feminina, de uma maneira intensiva, superlativa. Examinemos alguns:

a) **Para elogiá-la: avião, caramelo, violão, chuchu, uva, suco, pedaço, monumento, é de fechar o comércio, peixão, bárbara.**

b) Mesmo quando a criticam, quando a satirizam, quando a desdenham, mesmo para essas ocasiões há palavras na moda. Tais são: **arroz, bagulho, bofe, canhão, calhambeque, muquirana, muca, bonde, trem, bacalhau.**

6. CONCRETOS E ABSTRATOS

a) Ao analisar e descrever a tendência da época atual, na superlativação, é bastante notável a característica da linguagem corrente o proceso de concretizar o abstrato e de abstratizar o concreto.

Para dizer-se da beleza impressionante de uma mulher, maneira abstrata de avaliação, buscamos um elemento concreto ao qual melhor se possa associar uma idéia agradável. Se dissermos **aquela mulher é um avião**, o grau de intensidade é bem mais expressivo, pois logo nos vem à mente o que há de bom, de melhor, de mais confortável, de mais rápido. Em se tratando de viagens, o avião sobrepuja a todos os demais... meios de transporte; dissemos o máximo.

Portanto, o que representa o avião, em seu sentido próprio, queremos que também represente na concretização da beleza feminina. Com o mínimo de palavras, alcançamos o máximo de expressividade.

As palavras concretizam-se naturalmente em imagens.

b) O contrário também pode dar-se, isto é, a transformação do concreto em abstrato. Tendo em mente o fenômeno econômico da inflação, para a maioria das criaturas, uma rosa **muito bonita** não é precisamente uma rosa muito bonita, mas uma flor **de certo nível de preço**, a ser comprada em certas ocorrências sociais. Até a mais formosa flor, se é silvestre e adquirida facilmente, não é apreciada por sua beleza, quando comparada com a da rosa, mas por seu valor em dinheiro. Essa abstração ocorre igualmente igualmente com respeito a fenômenos, que não são mercadórias, como por exemplo, uma inundação. Os jornais publicam a notícia em grandes cabeçalhos "falando de uma **catástrofe** em milhões de cruzeiros", acentuando o elemento quantitativo e não o . . . prisma concreto da infeliz ocorrência, em seu aspecto de sofrimento.

Também as pessoas são avaliadas como representações de um valor monetário. Falar de Pelé, dizendo que vale tantos milhões já não é falar como se tratássemos de pessoa humana concreta, mas como abstração cuja essência pode ser epressa em cifras. (Neste caso, todavia, não há intenção de superlativação).

As palavras intensivas que o povo adota, na linguagem corrente, têm, por via de regra, caráter concreto. O povo não gosta de lidar com abstrações, e tende sempre a dar forma concreta às suas idéias. Já na técnica criada pelo jornalismo, há uma tendência para a abstração.

7. VERBOS COM FÔRÇA SUPERLATIVA.

a) O povo tem artes de substituir o adjetivo ou advérbio superlativos, por processos de forte poder expressivo, com, aliás, já frisamos anteriormente. Na linguagem de todos os dias, diz-se: **Pôs-se a rir, a rir, quando viu a careta do pequeno, e tanto ria que não acabava mais.** A repetição do verbo, para intensificar as emoções, é um processo mecânico, primitivo, próprio da linguagem popular.

b) Semelhante a êste, com bastante emprêgo pelo povo, é o processo que consiste em ligar as duas formas verbais por um **quê**: **Espera que espera. Gira que gira. Fala que fala.**

(Ttal processo já foi lembrado à pág. 13).

c) Há certos verbos com valor com valor expressivo extraordinário e que, na linguagem corrente, substituem perfeitamente o superlativo, pelo sentido de intensidade que dão ao pensamnto. Exs.:

Adoro prsenciar teatro de crianças. Adorei milhões.

Ela é estudiosa que abafa. Arrasou nosso trabalho.

Não topo fulano. Assombra com a presença. Beleza que arrebatou os corações. Fêz um exame de ralar.

8. HIPÉRBOLE.

Não sem razão, muita gente afirma que, em meio a tantos paroxismos, perdemos o sentido da "measure". É verdade que não fomos nós os que começamos as mudanças. Mas é preciso dizer que fomos... mais longe que em tempos anteriores. Diz-se, a propósito do menor acontecimentos, que as conseqüências serão **imensas**; que há uma presença **incalculável** de pessoas, quando, às vêzes, nem atinge o número de cem. **Vende-se perfume extra-sublime. Entre os dois preços dessa fazenda, há uma diferença enorme.** (Às vêzes, essa diferença é apenas de cruzeiros). **O deputado tem projetos gigantescos. Experimentamos uma alegria infinita em tornar a vê-lo.**

Nossa literatura, nossos jornais, sobretudo, impulsionam as palavras ao grau extremo. A lítote não é mais conhecida por ninguém, por estarmos no reinado da HIPÉRBOLE. Tudo para isso contribui: o reclame comercial, os "slogans" da política e da imprensa. Uma apreciação **simplesmente favorável** seria objeto de crítica em sentido negativo. O termo **genial** é o menos que se poderia escrever de uma atriz, se não se quer criar inimizades.

A linguagem familiar está repleta de hipérboles, que, por serem muito reptidas, já não impressionam. Porder meia hora de sono é o mesmo que **passar a noite em claro**. Uma dor de cabeça é quase **morrer de sofrimento**. As contrariedades comuns da vida são **um inferno em vida**.

Recorre-se, muitas vêzes, a comparações que eqüivalem a verdadeiros superlativos, a verdadeiras hipérboles: **Você é um Rui Barbosa**. Para exprimir grande admiração, o povo diz: **Ficou bestificado**. A quantidade é expressa de vários modos hiperbólicos:

Com mil bombas! Um dilúvio de gente! Um mundaréu de telegramas. Uma tormenta de injúrias. Já te disse isto mais de mil vêzes!

O uso continuado de tais expressões fá-las perder sua fôrça significativa.

9. RETÔRNO AO ADJETIVO PURO E SIMPLES.

Pode-se afirmar que chega um momento em que a língua, tendo esgotado todos os meios de exprimir a qualidade no seu mais alto grau, retorna ao adjetivo puro e simples, que, apesar disso, toma um valor superlativo:

Eis um mecanismo de alta precisão. Fulano está "atualizado". Também há outras construções muito vulgares:

A tia Louise está danada de gorda. Aquilo é um jeito tão boboca que nem dá para notar. Ela está fula de vida. Aquêl trabalho é uma reverenda porcaria. Seu Pedro Osias já andava buzina com a falta de feijão. Fazer tal exame é uma barbada. O trabalho foi naquela base. Sou tua amiga no duro.

CONCLUSÃO

Cada palavra tem sua biografia, não como ser isolado, mas como parte individual de um todo. Sabe-se que, em cada texto, em cada ambiente, a palavra gradua, modifica seu valor semântico, e que exerce, pelo afeto que exprime, grande influência.

As inovações da língua, atualização individual e social, são primeiramente obra do indivíduo, as quais a sociedade passa ou não a adotar. A língua "vive" na massa do povo, onde se processam suas leis, independentemente da vontade ou reflexão dos homens de saber. Em linguagem viva, — tudo é criação. No intercâmbio cotidiano, dizendo as frases mais simples estamos criando a nossa frase para o nosso pensamento, reservado para cada ocorrência. Muitas delas, talvez, serão ditas apenas algumas vezes, não chegando a impor-se ao meio. Verdadeiramente falamos **criando**. O disco e o papagaio repetem apenas. Nós somente a contragosto repetimos o que não compreendemos. Mas, procurando expressar, dentro da verdade e de nossos sentimentos, um estado de alma, já estremos criando "a nossa expressão", em sentido integral.

E, porque a linguagem é vida, afirmamos que, nesta tese, tão variada, que é **A SUPERLATIVAÇÃO NA LINGUAGEM CORRENTE**, não conseguimos, sempre, descobrir os principais segredos de **superlativar**. Por vezes deparamos com idéias não isentas de prolixidade, considerações, talvez, supérfluas. Porém não esmorecemos na luta. Chegamos a otôpo da íngreme encosta, que é a **conclusão**. No decurso do caminho, descobrimos riquezas lingüísticas, tanto no aspecto da forma como no semântico; descobrimos horizontes inesperados. Encantou-nos lóbrigar um pouco os mistérios da alma, a expressividade de cada palavra. É curioso observar a "moda" das palavras, na linguagem corrente.

Se a SUPERLATIVAÇÃO, em seu sentido lato, é a finalidade do nosso estudo, cremos poder concluir nosso trabalho.

Através dêle, procuramos apreciar os matizes variados da linguagem expressiva. A melhor lição, porém, que julgamos dever destacar dêste estudo, é, talvez, frisar a importância da linguagem como parte integrante de nossa pessoa.

Por isso não encontramos frase mais expressiva, para encerrar as presentes linhas do que esta:

"O HOMEM É APENAS METADE DE SI MESMO. A OUTRA METADE É A SUA EXPRESSÃO!" (Ensaio de Emerson (Cit., pg. 220).

BIBLIOGRAFIA

1. Brunot, Ferdinand, *La pensée et la langue*, troisième édition, Masson et Cie., 1936
2. Vendryes, J. *El Lenguaje*, Tipografica Editorial Hispano Americana, Mexico

3. Lapa, M. Rodrigues, Estatística da Língua Portuguesa, Seara Nova, Lisboa, 1945
4. Bueno, Silveira, Tratado de Semântica Geral, Edição Saraiva, São Paulo, 1951
5. Revista portuguesa de Filologia, Vol. X, 1960, Coimbra
6. Vidal, Almiro Rodrigues, Linguagem Pitoresca e divertida, Isto aconteceu, Organ. Simões, Rio, 1953
7. Junior, R. Magalhães, Dicionário de Provérbios e curiosidades, Edit. Cultrix, São Paulo
8. Apontamentos de Tipologia, Irmão Henrique Justo, P. A., 1960
9. Viana, Mário, Psicologia do homem, Pôrto
10. Viana, Mário, Psicologia da mulher, Pôrto.



LINGUAGEM NUM ROMANCE PAULISTA

Lourenço Filho

Na invenção estética não se separam, a rigor, os aspectos de fundo e forma. Os elementos de estilo aparecem como uma consequência direta e natural do conteúdo expressivo da obra. Se o conteúdo falha, deixa de existir a obra de arte, quaisquer que sejam os artifícios de composição.

Não obstante, na crítica literária, insiste-se em analisar os temas e elementos figurativos de uma parte, e a estilística e seus fatores determinantes de outra. A linguagem por si mesma passa a constituir, então, objeto de particular interesse.

No romance, mais que em outros gêneros, essa prática se justifica pela origem e destinação mesma da produção, as quais mais se ligam à coletividade, ou à massa, que ao autor. Não é sem razão que, historicamente, o movimento romântico (não só na literatura, mas em todas as manifestações da vida social) de modo geral se opõe aos cânones estabelecidos, àquilo que se costuma chamar espírito "clássico", próprio de uma elite.

Sobretudo no romance de costumes e, em consequência, nos de feição regional, isso claramente se dá. Uma boa narrativa da espécie participa do gênio coletivo, das formas populares de sentir, perceber e criticar. Nos elementos de estrutura e forma, passam os entendidos a admitir valores independentes, de grande importância em tal estudo.

É esse o caso, por exemplo, do recente romance "CLARÃO NA SERRA", de Francisco Marins, em cuja linguagem vários críticos têm salientado coloração regional ou, como têm chegado mesmo a dizer, uma forma "dialeto paulista".

Em termos gerais, esse juízo pode passar. A fala paulista apresenta preferências semânticas e de regência, como inflexões próprias que pesam na composição das frases. O que se poderá discutir, porém, é se tais características bastam para definir um "dialeto", no sentido próprio da expressão.

Para que um dialeto possa existir, duas realidades hão de ser admitidas: uma língua-fonte geral, mais extensamente homogênea, e uma diferenciação substancial, não apenas de vocabulário, mas das formas gerais de linguagem de certo grupo geográfico, ordinariamente isolado do conjunto da nação a que pertença.

Aceitas essas condições, ter-se-á na linguagem paulista um dialeto? . . . Eis a questão preliminar que cumprirá esclarecer.

Foi como título de uma investigação pioneira, publicada há mais de quarenta anos, que Amadeu Amaral se serviu do dístico "dialeto paulista", o qual passou a ser depois aqui e ali mencionado. Todos quantos conheçam êsse belo trabalho sabem, porém, que Amadeu se referia ao linguajar de certos grupos rurais, a que influências de grupos imigrantes não tivessem alcançado, porque se adensavam nalgumas zonas mais que em outras.

Essa situação de muito se alterou. Ainda nas mais distantes áreas rurais do Estado, o isolamento cultural deixou de existir, pelo que a língua não permaneceu imóvel ou estável, oferecendo ao contrário maior riqueza de formas. Mudanças gerais nos modos de vida, decorrentes da expansão tecnológica moderna, têm a êsse processo imprimido consistência. Novas técnicas de trabalho, transporte, habitação, alimentação e recreação envolvem, necessariamente, renovação lingüística.

Isso, por um lado. De outro, a língua que em São Paulo se fala e se escreve tem passado a exercer influência sempre crescente na unificação do idioma nacional, graças a novos meios de difusão, com centros ou fortes núcleos de impulso em São Paulo. Assim, a imprensa em revista e jornais, a indústria livreira, as emissões de rádio e televisão; e, assim também, quanto a formas mais especializadas, na preparação que estudantes de outros Estados recebem em escolas paulistas.

Bem considerados êsses aspectos, chega-se a uma conclusão bem diversa da que permita falar em "dialeto paulista", pois, mais que em outras partes do país, é em São Paulo que novos e ativos elementos lingüísticos se desenvolvem, com rápida projeção sôbre todo o território nacional.

Por mais unificado que seja o idioma de um país, é certo, existirão nêle "províncias lingüísticas", questão que não se confunde, no entanto, com a de dialetos possíveis. Já em 1952, ao ser criado o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, delas se cogitou, aventando-se a elaboração de um "Atlas Lingüístico do Brasil", para o qual um mestre ilustre, Antenor Nascentes, delineou o plano geral.

Se êsse Atlas tivesse sido traçado, e depois revisto, ter-se-ia agora documentação objetiva sôbre a expansão da província lingüística de São Paulo. E ter-se-ia também um ponto de partida para avaliação, em sentido inverso, da situação de épocas anteriores, a fazer-se mediante análise de livros e mais publicações, e outros documentos escritos.

É nesse particular que o romance "CLARÃO NA SERRA" se apresenta como sugestivo documento, senão mesmo contribuição positiva para estudos do gênero.

Quando se trata de obra de ficção, ainda que de fundo histórico, como nesse caso, será preciso não esquecer, porém, que a documentação há de ser examinada com cautela. No arsenal lingüístico de seu meio, relativo a uma época ou várias, cada autor procede

à côrtes muito diferenciados, segundo suas capacidades, tendências estéticas e mesmo as intenções sociais que o animem a produzir.

No caso do romance regional — pois que isso lhe acentua o caráter — autores há que simplesmente documentam a fala do povo em transcrição direta, ao passo que outros a decantam, ou a enfeitam, ao influxo daqueles fatôres constantes da criação literária, e outros, ocasionais.

Para lembrar alguns casos ilustrativos: Nos escritos de José Lins do Rêgo, o aproveitamento direto é dominante. O autor de "Menino do Engenho" fazia empenho em registrar o que via e ouvia. Já o mesmo não se dá com Guimarães Rosa, sobretudo nos últimos escritos, onde tal aproveitamento se combina com um extraordinário poder de invenção verbal. E cite-se um terceiro caso, o de Jorge Amado, em que os intuitos de crítica social claramente transparecem na própria escolha dos modos de expressão das personagens.

Nos romances cíclicos, em que a ação se continua em épocas sucessivas, a composição literária comumente assimila tôdas essas formas. O autor ora registra, ora livremente inventa, ora do documento original se serve para elucidação e crítica, real ou simbólica. Mas, para que cada obra se torne mais acessível a todos e, também, mais harmônica, o romancista, quer queira quer não, é levado a criar como que uma "meta-linguagem". Isto é, formas intermediárias entre as fontes de que se tenha servido e a prática comum, o idioma geral do público para o qual esteja compondo, o de seu tempo.

É o que pode ser verificado na grande obra cíclica de Érico Veríssimo, tanto quanto na que Francisco Marins começa a fazer publicar.

Naturalmente que os processos de que um e outro dêses escritores se têm servido não são idênticos. Cada qual possu seu estilo ou maneira pessoal. Não obstante, para maior coerência das narrativas, nos fatos, cenas e personagens, a instrumentação que utilizam é similar. Tomam momentos sucessivos da linguagem da região e os ligam por uma linguagem intermediária. Essa a razão principal que leva os críticos, com certa simplificação, a atribuir-lhes linguagem dialetal, por singelo aproveitamento documentário.

Certo sentido lúdico e capacidade de autocritica determinam, ademais, emprêgo muito variável dessa fonte. O documentário pode oscilar entre o medíocre e o insipido de um lado, e o dramático e o brutal de outro. Muitos romancistas atuais tendem de preferência a fazer vibrar essas últimas cordas, no que se justificam afirmando que a missão que lhes cabe é retratar a vida, não emendá-la ou corrigi-la.

No caso de "CLARÃ ONA SERRA", a atitude geral é algo diferente. Realista embora, Francisco Marins não se compraz na transcrição bruta. Não é que fuja a situações de violência e torpitude, em que as suas personagens freqüentemente se envolvem. Êle as enfrenta, evitando contudo as expressões mais cruas, que apenas sugere, deixando ao leitor, se assim fôr de seu agrado, que as complete. Isso,

aliás, tanto se observa no discurso indireto como nos diálogos, ainda que a linguagem sempre deflúa natural e espontânea, circunstância que lhe acentua o sabor regional de que falam os críticos.

Objetivamente, porém, em que se têm êles fundado para articular tal juízo? . . . A nosso ver, na preferência que Marins concede a certos tipos de formação vocabular, fraseologia e regências.

Quanto ao primeiro ponto, pode-se apontar a formação de coletivos em "ada", realmente usual na fala paulista, ainda que dela não exclusiva. Assim, "animalada", "folharada", "fumaçada", "indiada", "cavalada", "bugrada", para citar exemplos. Ou, já com sufixo diverso, "morraria", "folharia", "mataria" . . . Ou, ainda, para indicação de atos continuados, o uso de formas habitualmente adjetivas, como "sapecada", "trincada", "rodada" . . .

No refôrço semântico, deixa Marins de parte, com relativa constância, as formas adverbiais, em favor de aumentativos sintéticos: "tropelão", "pisão", "estradao", "cigarrão", "picadao" . . . Mas, é curioso, para refôrço em sentido inverso, raramente utiliza diminutivos da mesma classe.

Na formação de verbas e respectiva regência, muito haveria a respigar. Note-se apenas o uso freqüente de certos prefixos, ora de valor negativo, ora simplesmente expletivo, como nestes casos: "desapear", "desguaritar", "descampar", "desfreqüentar" . . .

Até que ponto tudo isso é especificamente paulista ou conterà formas comuns a outras províncias lingüísticas? . . . E, ao contrário, até que ponto umas e outras dessas expressões no decurso do romance aparecem, apenas para marcar a confluência de elementos de diferentes províncias, em diferentes épocas? . . .

Êsse último aspecto é dos mais interessantes em "CLARÃO NA SERRA".

A região em que a narrativa se desenrola é uma faixa pioneira da cultura do café, em direção ao Oeste, na última metade do século passado. Pela proximidade relativa aos caminhos do gado, que lhe permitiam ligação com o Sul, até a ela chegaca certo tipo de "cultura do couro", antes que, nos pontos que se fôssem povoando, outras formas se pudessem desenvolver.

Pois o autor a isso registra, com modos típicos de linguagem do Rio Grande do Sul, uns com marcada tonalidade da linguagem açoriana de origem, e outros, com a de castelhanismos, recebidos da vizinhança. Notem-se expressões como estas, que aí se adensam: "estourar nas grimpas", "seguir às canhas", "pregar a guasca", "desguaritar a boiada", "prender à cincha", "capar de macête", "malacaca", "pealar" . . .

Essa influência só nas partes iniciais se revela. No seguimento do romance, outras vêm a surgir, diferenciadas. Primeiro, as que decorriam da expansão da escravidão negra, que acompanhava a cultura do café, e a qual, só em época mais próxima, iria atingir a região nova. Aparecem, então, "catinga", "quilombo", "bodum", "contar mirongas", "senzala", "bacalhau no lombo", "mucama" . . .

Esse vocabulário se incorporou à fala paulista como às de outras regiões aonde haja chegado o braço escravo. Linguagem nacional, afinal de contas.

Nôvo material lingüístico logo irá ostentar-se, porém, e de outra fonte, a dos primeiros passos do avanço tecnológico, com a chegada à franja pioneira das primeiras máquinas de beneficiar café, ensaios da imprensa, a estrada de ferro, o desenvolvimento dos transportes e comércio.

E é nesse passo que o propósito central da obra se desvenda: o conflito entre as formas arcaicas, as dos costumes pioneiros, e outras novas, menos agrestes. Então, o documentário propriamente dito mais freqüentemente aparece em formas deturpadas como a assinalar o enfraquecimento de velhos costumes, de feição quase feudal. A linguagem escorreita, mais polida, torna-se simbólica de uma era nova, à qual logo aderem as primeiras expressões de nova componente, a da imigração européia.

Não se percebe na leitura qualquer artifício de composição, por seleção deliberada das formas verbais. Marins narra pelo que ouviu na tradição familiar, ou pelo que diretamente tenha observado, tornando a linguagem, ela própria, como que protagonista da narrativa. Não há hiatos, com perda dos atributos de naturalidade do estilo.

A unidade é obtida pela constância de algumas formas sintáticas, o gosto das imagens simples e diretas, e, sobretudo, a capacidade geral de narrar bem. Pouco importa a variação sucessiva do vocabulário, numas passagens quase insensível e, em outras, bem marcada. Só em autores amaneirados é que o vocabulário caracteriza o estilo.

Assinale-se, por fim, algo que já não diz respeito diretamente à linguagem, mas a uma variação de perspectiva na construção literária, que decide do valor expressivo geral da obra. Nas primeiras partes do romance, está acentuado o império das coisas, a fôrça da terra, a influência de bandos-greus pioneiras, lotes de escravos, agregados de senhores e súditos. . . Aí menos interessa o desenho psicológico de cada personagem, ou nem mesmo é êle ensaiado.

À medida, porém, que a narrativa prosse, os sentimentos, propósitos e motivos individuais tornam-se cada vez mais nítidos. Os tons difusos dos primeiros embates e conflitos sangrentos transitam para a definição de caracteres. A análise psicológica vem a dominar.

Essa marcha impõe ao romancista múltiplos e delicados problemas de composição, e conseqüentemente de linguagem, o que poderia determinar desgraciosas rupturas na maneira de escrever. Não é, porém, o que ocorre. E não ocorre precisamente porque, em "CLARÃO NA SERRA", a invenção literária e a instrumentação verbal participam do mesmo ato de criação.

Nos escritores menos experimentados é que êsses dois aspectos freqüentemente se apartam, para gáudio dos críticos e impressão penosa aos leitores. Nos de maior tirocínio, ambos se apresentam compondo uma só trama, como o direito e o avêso do mesmo tecido.

Quando pausadamente se leita êste primeiro romance de Francisco Marins (não esqueçamos que antes produziu êle tôda uma dezena de excelentes novelas), deixa-se de ter qualquer dúvida a respeito da conjugação tema e linguagem, nas obras bem sucedidas. Em "CLARÃO NA SERRA", tanto é a linguagem que realiza a história, como éo entrecho que determina as variações lingüísticas, sem quebra da harmonia geral ou desrespeito à documentação em que se inspira.

Essa documentação é caracteristicamente paulista, não se contesta. Nela, porém, registram-se momentos evolutivos diversos, que procedem de influxos socialmente diferenciados, os quais por confluência vêm construindo uma boa e saborosa prosa brasileira.

Língua geral, não dialeto, é o que se poderá também dizer.

—oOo—

DIE PERSONENDARSTELLUNG IN THOMAS MANNS "TRISTAN"

Iris Strohschoen

Die Erzählung TRISTAN erschien zuerst in einem Novellenband, der 1903 unter dem gleichen Titel veröffentlicht wurde. Der Thematik nach kann die Novelle zu den sogenannten Künstlernovellen Manns gezählt werden, denn auch hier handelt es sich wieder um die den Autor viel beschäftigende Problematik des Konflikts von Künstlertum und Bürgerlichkeit, Geist und Leben, Kranken und Gesundem.

In der Novelle ist das Thema des dem Leben gegenüberstehenden Künstlers in satirisch-ironischer Weise dargestellt, und enthält Erlebtes und Autobiographisches in solchem Masse, dass sich ein zu dieser Zeit zum Münchener Künstlerkreise gehörender Schriftsteller in der Hauptfigur, dem Literaten Detlev Spinell, wiederzuerkennen glaubte. Doch Thomas Mann leugnete das entschieden ab, wobei er betonte: "Ich aber bin Spinell, so gut wie ich Tonio Kroeger bin; ich hab ihn lieb, und ich möchte mir ihn nicht nehmen lassen". 1) Es kann wohl stimmen, dass Mann seiner Zentralfigur diese oder jene Eigenschaft eines ihm bekannten Schriftstellers gab, die ihn charakterisiert und ihn für den Leser zur lebendigen Figur werden lässt. Doch ist diese Verspottung im Grunde Selbstverspottung, denn Mann identifiziert sich durchaus immer mit dem Literaten, dem Schriftsteller, den er als einen Hochstapler ansieht, der mit dem Verbrecher eine gewisse Gemeinschaft hat, wie er es später in den BEKENNTNISSEN DES HOCHSTAPLERS FELIX KRULL (1954) darstellt.

Detlev Spinell ist ein Schriftsteller, der sich im Sanatorium aufhält, nicht um Heilung einer Krankheit zu suchen, sondern "um des Stiles willen", wie er selber sagt. Mit beissender Ironie ist er dargestellt, welche die Ironie in der Darstellung der anderen Figuren an Schärfe noch übertrifft. Schon in seinem Namen ist der Konflikt Bürger — Künstler angedeutet: Spinell, der harte Kristall, und Detlev, der alt bürgerliche Vornamen. Während Klöterjahn, der bürgerliche Gegenspieler des Künstlers Spinells, gleich saftig, in persona auftaucht, ist Spinell nur erst schattenhaftig, in vorsichtigen Erwähnungen eingeführt. Sein Äusseres wird dabei in keiner Weise sympathisch dargestellt, und wenn der Autor ihm den Ausdruck "von stattlicher Statur" 2) auch gönnt, so hebt er das sogleich wieder angenehmen Figur machen, wie etwa: "rundes, weisses, ein wenig gedunsenes Gesicht", "die Nase gedrunken und ein wenig zu fleischig", "poröse Oberlippe", "kariöse Zähne". 3) Selbst wenn einmal etwas Positives über ihn ausgesagt wird, wie etwa "grossen, weissen und

schön geformten Händen“, wird dies gleich wieder zunichte gemacht durch einen Zusatz: „die... (er) in ziemlich affektierter Weise bewegte“. 4)

Das Unsympathische der äusseren Erscheinung Spinells wird noch unterstrichen und ins Lächerliche gezogen durch das Komische seiner Bewegungen, das durch die ganze Erzählung hindurch öfters betont wird und besonders bei Situationen, in denen die Worte gerade das Gegenteil ausdrücken. Wenn Spinell z.B. von etwas Schönerem beeindruckt ist und er „den Kopf auf die Seite legte, die Schultern emporzog, die Hände spreizte und Nase und Lippen krauste“. 5)

Es ist charakteristisch für den Stil Thomas Manns, dass das Gewicht in der Darstellung der Personen nicht so sehr auf der Beschreibung des Äusseren liegt — die in diesem Falle nur jeweils an einer Stelle vorgenommen und dann nicht mehr aufgenommen wird — sondern mehr auf ihren Handlungen, Gesten und Aussagen, die ihre Handlungen charakterisiert und seine Haltung zeigt die des vom Leben abseits stehenden Künstlers, der seine Mitmenschen und das Leben eigentlich nur beobachtet, ohne selbst daran teilzunehmen. Dieses Sich-Absondern wird dadurch hervorgehoben, dass er den Begebenheiten auf dem Sanatorium von dem Fenster seines Zimmers zuschaut, so z.B. als die Gesellschaft eine Schlittenpartie unternimmt und er erst nach deren Abfahrt erscheint. Auch die Ankunft des jungen Klöterjahns beobachtet er von seinem Fenster aus. Der Schriftsteller steht hinter der Glasscheibe, von ihr geschützt, und schaut zu. Vor dem „wirklichen“ Leben flieht er in sein Künstlertum.

Doch ist Spinell wirklich ein Künstler?

Anders als bei Tonio Kroeger und Aschenbach, wird der Leser indirekt aufgefordert, an dem wahren Künstlertum Spinells zu zweifeln. In den Augen Doktor Leanders ist er nicht sehr als Künstler geschätzt. Der Autor selbst setzt das Wort in Anführungsstriche, wenn er von ihm sagt, dass er „arbeitet“. Die Ironie und der Zweifel, mit der er die Beschäftigung Spinells behandelt, wird noch verstärkt durch die Belustigung mit der er schildert mit welchem Fleiss Spinell schreibt um dann als Ergebnis zahlreiche Briefe befördern zu lassen, und den Satz dann mit vielsagenden Punkten beendet.

Es wird denn auch über das eigentliche Werk Spinells wenig ausgesagt, es sei denn, um den Geschmack des Schriftstellers für „künstlerische Kleinodien aller Art“ 6) wiederzuspiegeln. Er hängt an Dingen, nicht an Menschen. Spinell selber sagt von sich, dass er sich im Sanatorium des Stiles wegen aufhält, damit die Strenge der Einrichtung ihn zur Haltung zwingt. Um dieser Haltung willen ist er auch ein Frühaufsteher, wobei er von Natur aus gerade das Gegenteil ist. Es ist also ein Leben bestimmt vom kalten Verstand, das Gefühle, Triebe, alles Natürliche verleugnet. Das macht ihn herzlos und unempfindlich gegen den Menschen neben ihm. Und so kann Spinell, nur getrieben von seiner krankhaften Phantasie, die naive bürgerliche Frau mit seinem Wahnbild identifizieren und sie

langsam mit seinen Phantasien vergiften, indem er ihre simple einfältige Persönlichkeit verherrlicht und sie ihrem bisherigen Leben entfremdet. Mit seiner Verherrlichung, seiner Idealisierung von ihr, macht er sich ein selbsterschaffenes Bildnis, das er bewundert, nicht die Frau selber.

Die langsame Vergiftung des kleinen Glückes, in dem sich Gabriele bisher geborgen fühlte, fängt eigentlich schon an, als sie sich Gedanken über die Worte Spinells macht, und über sich selber. Sie verliert ihre naive Unbefangenheit und, indem sie sich die Sichtweise Spinells aneignet, verliert sie das Interesse an ihrer vorherigen Welt. Sie ist reif für die Weihe der Kunst und der Abkehr der Bürgerlichen Welt — der sie übrigens nie richtig angehörte, wie das Aufgesetzte des Bürgerlichen im Namen andeutet, denn Frau Klöterjahn ist in Wirklichkeit eine Eckhof. Nun interessieren sie die Personen, die ihr früheres Leben und ihr vermeintliches Glück ausmachten, nicht mehr, sie ist ihnen entrückt in die geistige Sphäre Spinells. Doch seiner Natur getreu, verführt Spinell die Frau nicht für sich, für einen Liebestod zu zweien, zu einer Auflösung im Du, wie es der Liebestod von Tristan und Isolde ist. Spinell ist nicht Tristan. Für ihn ist es nicht die Sehnsucht nach dem Liebestod, nach dem Versinken in ewiger Nacht, nach dem völligen Einssein mit der Geliebten. In ihrer Naivität fragt die Frau ihn, warum er denn nicht spielen könne, wenn er so gut davon erzählen kann. Sie versteht nicht, dass er der Künstler ist, der nicht "mitspielen" kann, er kann sich nicht hingeben, denn er muss nachdenken und beschreiben. So legt sich denn auch Spinell nieder, als die Nachricht vom Sterben der jungen Frau kommt, und denkt nach. Für ihn gibt es keine Erlösung, keine Lösung im Liebestod wie für Tristan, sondern er muss weiterleben und dem Leben begegnen, das er hasst und vor dem er immer wieder flieht, wie er vor dem jauchzenden Säugling flieht.

In der Verspottung der Figur Spinells liegt die Verspottung des Schriftstellers, in dem sich Thomas Mann selber erkennt und die er deshalb auch mit Selbstbelustigung schreibt. Doch muss die Novelle mehr als nur eine lustige Satire des lebensfremden Literaten betrachtet werden, denn Spinell wird schuldig; schuldig an dem Tod einer Frau, die er herzlos vom Leben distanziert, sie dem Tode zuführt, sie den Tod ersehnen macht. Diese Frau ist die einzige Gestalt, die in der Novelle ohne scharfe Ironie dargestellt wird. Bei ihrer Beschreibung wechselt der Autor die Perspektive und eine leichte Ironie drückt sich wohl höchstens in der Übertreibung der lieblichen Attribute, die er in ihrer Beschreibung gebraucht, wie "so viel schwache Grazie und zarten Liebreiz", "unsägliche Zartheit, Süßigkeit und Mattigkeit des Köpfchens". 7) Über ihren Charakter wird nur wenig gesagt, und der Leser muss das Wenige über sie aus ihren eigenen Aussagen entnehmen. Sie verkörpert eigentlich nur die Frau im allgemeinen, das Weibliche, nicht eine spezifische Persönlichkeit. Obwohl sie die Lebensgefährtin des Grosskaufmanns ist, der nicht auf der Seite des Geistes, sondern auf der des Lebens

steht, gehört sie doch eigentlich nicht der Bürgerlichkeit an, von der sie ihre Krankheit absondert, indem sie sie vom Leben ausschliesst und einsam macht wie den Schriftsteller, dem sie dadurch näher gebracht wird. Und so ist es, dass ihre Krankheit und ihre Todverbundenheit ihr die geistige und künstlerische Sphäre erschliessen, die dem banalen Menschen im Alltag verschlossen bleibt.

In den Gestalten von Spinell und Gabriele liegt eine Annäherung an die Hauptfiguren des Dramas Tristan und Isolde, wie schon der Titel andeutet. In der Novelle ist die Sehnsucht der Nacht, das Liebesmotiv deutlich zu erkennen, doch die Identifizierung geht auseinander vor dem dritten und letzten Motiv: das Insichversinken der beiden Gestalten. Es gibt im Spiel Gabrieleles eine Unterbrechung durch einen Gast, der durch die Räume des Sanatoriums geistert: die Pastorin Höhlenrauch. Sie erinnert an das "Habet Acht, bald entweicht die Nacht" Brangänes im Wagnerischen Drama. Und wie im Drama verhallt auch hier die Warnung unerhört — trotz der Unterbrechung spielt die junge Frau den dritten Aufzug zu Ende, Isoldens Liebestod. Diese Szene wird durch die Schellen der heimkommenden Ausflügler abgebrochen — die Totenglocken läuten, während Spinell flieht. Diese Szene, der Höhepunkt in der Abwicklung der Novelle, ist die letzte, in der die junge Frau auftritt. Es wird nochmals erwähnt, dass sie sich schlecht fühlt und sich niederlegt, doch damit hat sie ihre Funktion in der Erzählung erfüllt. Sie kann nur noch sterben, während sich die beiden Männer über sie streiten. Sie stellt in der Erzählung keine eigentliche Hauptfigur dar.

Der eigentliche Konflikt, der Konflikt zwischen Künstlertum und Leben, verläuft zwischen Spinell und Klöterjahn, der das blühende, gesunde und prosaische Leben verkörpert. Auch er ist mit reichlicher Ironie beschrieben. Noch ehe man etwas über sein Äusseres erfährt, wird Klöterjahn schon durch seine Sprache charakterisiert. Seine derbe und gewöhnliche aber gutmütige Ausdrucksweise lässt ihn sofort als einen banalen Alltagsmenschen erkennen, der gute Kern in der rauhen Schale. Ein Mann, der das Herz auf dem rechten Fleck hat, wie er von sich selber sagt. 8) Ganz zu diesen Zügen passt auch die Beschreibung, die ihn so darstellt wie es eigentlich nicht anders sein konnte: "mittelgross, breit, stark und kurzbeinig" 9)

Die Rolle Klöterjahns im Geschehen beschränkt sich darauf, dass er dann erscheint, wenn das blühende Leben von aussen in das abgeschiedene Sanatorium einzieht. Ganz bezeichnend für seine Persönlichkeit ist, dass er, als er zu seiner sterbenden Frau kommt, sich zuerst einmal Buttersemmeln geben lässt. Mit diesem prosaischem Wort wird sofort wieder die banale Atmosphäre, die ihn umgibt, dargestellt. Dieses Wort wurde auch schon früher in Verbindung mit seiner Persönlichkeit gebraucht, wie eine Art Verkörperung des nüchternen alltäglichen Lebens. Und dieses bürgerliche, behäbige Leben triumphiert bei jeder Gegenüberstellung mit dem Künstler: als Klöterjahn von Spinell ertappt wird, wie er mit dem Stubenmädchen

scherzt, gerät nicht der Grosskaufmann in ein falsches Licht, sondern der Schriftsteller, der eine "lächerlich angeekelte Miene machte". 10) Und wie jämmerlich ist die Figur Spinells bei der Auseinandersetzung wegen des Briefes. Die Niederlage Spinells wird noch durch Klöterjahns Sohn vervollständigt, der ihn gänzlich in die Flucht schlägt. Anton Klöterjahn der Jüngere, das von Gesundheit und Leben strotzende Kind ist die Wiederholung, die Abbildung des blühenden Lebens, vor dem Spinell es vorzieht zu fliehen. Er ist ihm nicht gewachsen.

Mit derselben Ironie, die in der Darstellung Klöterjahns angewandt ist, werden auch die Nebenfiguren in der Novelle behandelt: Doktor Leander mit dem zweispitzigen Bart und den funkelnden Brillengläsern, der mit seinem skurrilen Aussehen den Tod symbolisiert, der in seinem Reich herrscht: Fräulein von Osterloh, mit der "rasenden Umsicht" und der Hoffnung Frau Doktor Leander zu werden; die Magistratsrätin Spatz und die Pastorin Höhlenrauch.

Ironie ist der Ton, der die ganze Novelle beherrscht und sich bis zur Satire steigert, gerade da, wo der Autor sich selber, den Künstler, meint. Dieser Künstler flieht vor dem Leben, ist ihm unterlegen, aber er verneint es nicht, denn das Leben ist gut und er sieht es mit ein wenig Neid und ein wenig Verachtung. Ganz in seinem Innern sehnt er sich auch wohl danach, daran teilzunehmen, doch durch seine Künstlernatur ist er dazu bedingt, es zu fliehen, von aussen zu beobachten und es zu beschreiben.

- 1) Arthur Eloesser, THOMAS MANN, SEIN LEBEN UND SEIN WERK, Berlin 1925, S. 124
- 2) Thomas Mann, GESAMMELTE WERKE, Bd. VIII, Berlin 1960, S. 223
- 3) Mann, op. cit., S. 223
- 4) Mann, op. cit., S. 225
- 5) Mann, op. cit., S. 224
- 6) Mann, op. cit., S. 224
- 7) Mann, op. cit., S. 219
- 8) Mann, op. cit., S. 259
- 9) Mann, op. cit., S. 222
- 10) Mann, op. cit., S. 222

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Dana Montaña, Salvador M. — “La Crisis Argentina, y la Educación Comun y Superior”. — Emecé Editores, Buenos Aires, 1963.

Bem conhecido no Brasil e em especial no sul do País pelos ciclos de conferências realizados em várias oportunidades e pela magistral obra “La Crisis de la Cultura Occidental”, que a P.U.C. do Rio Grande do Sul publicou no ano passado, o Professor Dana Montaña nos brinda agora, com mais uma obra, publicada pela Emecé, cujo título sugere claramente o conteúdo e os aspectos fundamentais do problema assinalado.

De fato, o autor focaliza a crise pela qual passou a sua grande pátria, a Argentina, nos últimos anos, crise da qual ainda não se libertou completamente.

Como na maioria dos países do orbe nas últimas décadas houve lá “pruridos de mudança”. Nada de mais natural, pois é própria não só dos indivíduos mas também das Nações a ânsia da renovação, da melhoria e do progresso.

Trata-se, porém, apenas de uma revisão da legislação ordinária ou de uma reformulação da estrutura jurídica do País para atingir o objetivo desejado? — Não, responde. Trata-se especialmente de uma reforma ou revisão moral que reponha o País na linha ideológica dos seus grandes mestres do passado. Não há necessidade de rever os “fins do Estado”, mas os “meios de realizá-los”.

Dentre as principais causas que aponta como tendo contribuído à perturbação nacional que gerou a crise, destaca o “déficit educativo”, considerado em todos os seus graus e, de modo particular, no nível universitário.

Passa a analisar a reforma universitária iniciada em 1918, em Córdoba, pelos estudantes, apresentando um balanço dos resultados... E conclui ser necessária quanto antes “uma reforma de reforma”, pois, a anarquia levada à Universidade desde então tem prejudicado sobretudo a cultura argentina dentro do País, com reflexos desfavoráveis fora da Pátria.

A obra, como se vê, analisa fatos que têm um paralelo vivo em nosso País. Aqui também estávamos vivendo um “estado de coisas”, felizmente foi superado; e, no que se refere à vida universitária, estavam sendo “exigidas” reformas por grupos de estudantes que pensavam ter descoberto a pedra filosofal. Segundo eles, bastaria a presença dos estudantes nos órgãos administrativos para que a universidade atingisse logo as culminâncias...

Dana Montañó mostra ao vivo os estragos produzidos nas Universidades Argentinas pelo sistema ali adotado.

O trabalho do ilustre professor é daqueles que fazem pensar, pois reflete uma situação não apenas local, mas latino-americana. O Brasil pode aprender muito com a obra em referência, grandemente útil pela análise que faz, pelos problemas que levanta e pelos remédios que propõe.

Mesquita, Luiz José de — Mater et Magistra e Pacem in Terris — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro, 1963.

Ninguém pode deixar de reconhecer a ação eficaz da Igreja na solução dos problemas que afligem a humanidade de modo a facilitar aos homens a realização do seu destino eterno.

Embora encarregada da orientação espiritual também na esfera das coisas terrenas tem ela trazido a sua contribuição oportuna e no momento adequado.

Dentre as manifestações da Santa Sé, destacam-se, nos últimos tempos, as chamadas "Encíclicas Sociais" do saudoso Papa João XXIII, que, agora, a Livraria José Olympio Editora apresenta, acompanhadas de comentários eruditos e sóbrios ao mesmo tempo, elaborados pelo Professor Luiz José de Mesquita, de São Paulo.

Não poderia o autor ser mais feliz no método que adotou: apresentar cada tópico no texto original, em tradução segura e com explicações claras e adequadas, ora pessoais, ora colhidas de ilustres comentadores, indicando sempre as fontes consultadas de modo a permitir ao leitor completar os estudos se assim o desejar.

A obra, em dois volumes, se preocupou muito com a procura do sentido verdadeiro dado a várias palavras ou expressões ligadas aos fatos econômicos, políticos e sociais.

Nada mais oportuno, especialmente em nosso País, aonde dezenas de pessoas deram interpretações esdrúxulas a vários tópicos destas Encíclicas, especialmente da *Pacem in Terris*.

A obra está destinada a prestar serviços inestimáveis aos estudiosos dos problemas sociais e, ao mesmo tempo, servir de orientação àqueles que, na vida prática, pública ou privada, têm a missão de aplicar a riquíssima doutrina de ambas as encíclicas.

Irmão José Otão

MARIA DI NAZARETH, Mito o Storia?

Rinaldi, Bonaventura — Massimo — Milano — 1962

Diante dos diversos aspectos da Mariologia o autor vê de um lado uma Virgem das Dores e doutro a Virgem Sorriso, escolhe o verdadeiro sentido da Mariologia.

As mais belas páginas da Bíblia e das literaturas antigas e modernas perpassam sob os olhos do leitor que acompanha estas páginas. O autor se pergunta a certa altura do seu trabalho: "Que significa o pranto de Maria, Meditado à luz da Bíblia?".

Surgiram desta forma os cinco capítulos do livro, onde domina uma idéia só, o amor-ternura.

Amor de Mãe, nas formas mais expressivas para o filho, que está de permeio de tôdas as literaturas antigas (babilônica, cananéia, egípcia) e a psicologia moderna. É o mito da mãe (capítulo I).

Amor de Deus que perdoa os desobedientes primeiros pais, os adoradores do bezerro de ouro e promete ao cético Acaz, a salvação que aparecerá em Jesus de Nazaré, filho de uma Senhora maravilhosa. É a promessa divina de Maria de Nazaré (capítulo II).

Amor de Maria que aceita tornar-se mãe de Jesus e dos homens, crucificadores do seu Filho. É a história de Maria de Nazaré (Capítulo III).

Os outros dois capítulos não são outra coisa senão o prolongamento desta maravilhosa história até os nossos dias.

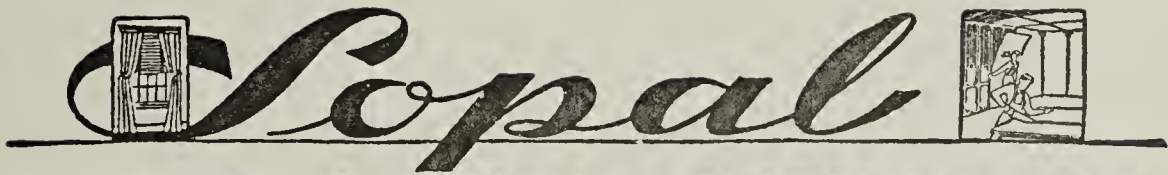
Todo êste livro de 252 páginas é uma leitura encantadora onde nossa alma encontra o seu habitat, retornando às fontes do amor. O livro é a verdadeira escola de amor cristão, de amor profundo de filho para com a melhor das mães, mãe de cada um dos sêres humanos.

I. E. C.

—oOo—

PERSIANA

É



SOCIEDADE DE MATERIAIS DECORATIVOS LTDA.

A PERSIANA SOPAL é o resultado de observações, experiência e pioneirismo de quase 20 anos no ramo.

ESTAS SÃO AS RAZÕES:

CABEÇOTE mais resistente, com peças galvanizadas, especialmente fabricadas para a PERSIANA SOPAL. Manêjo mais fácil e silencioso.

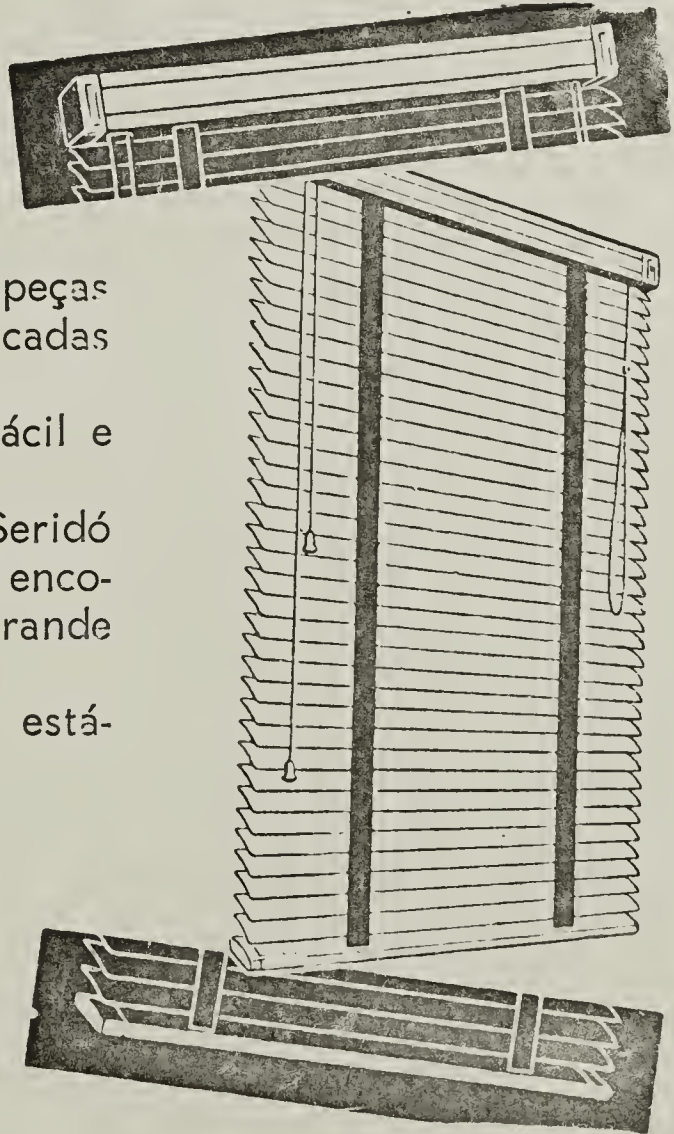
CORDAS E CADARÇO de algodão Seridó trançado, que não distendem nem encolhem à ação climática e são de grande durabilidade.

LÂMINAS padronizadas, flexíveis, estáveis e de maior resistência.

15 lindas côres à sua escôlha.

Venha apreciá-las em demonstração na nossa moderna Loja.

A Persiana SOPAL não é a de menor preço, mas a de muito melhor qualidade.



ENTREGAS RÁPIDAS

SOPAL

SOCIEDADE DE MATERIAIS DECORATIVOS LTDA.

Rua Coronel Vicente n. 146 — Fones: 5013-5021

PÔRTO ALEGRE

Aparelhos Eletro-Domésticos



ESTUDE CONOSCO
AS CONDIÇÕES QUE
MELHOR LHE CONVIER

E LEMBRE-SE: TEVELAR
DÁ UM SIMCA POR MÊS
E A SUA CASA PRÓPRIA



AV. BORGES, 967 - FONE 71-14



CEL. VICENTE, 570 - FONE 83-0

